

Terras de cieiro

Regina Gouveia

Ficha técnica

Género: ficção

Autor: Regina Gouveia

Capa: Nuno Gouveia com tela de Regina Gouveia

Ano: 2013

Depósito Legal: 366230/13

A todos aqueles que sempre povoaram de afetos a minha vida

Nota introdutória

*Eram tempos agrestes
quando da azeitona ou da amêndoa, a
apanha.
Era o vento cieiro que vinha de
Espanha
uma brisa seca, cortante, gelada
que gretava a pele já de si curtida,
era a soalheira que encardia o rosto no
ateado Agosto(...)*

Regina Gouveia em “Magnetismo
terrestre”

Em tempos que já lá vão, ao clima trasmontano aplicava-se o aforismo “nove meses de Inverno e três de inferno”. Nesses tempos o vento cieiro soprava inclemente, forte, contribuindo para os frios gélidos de Inverno, e a soalheira de verão queimava terras e gentes. As estórias mais ou menos breves que compõem este livro foram escritas ao longo do tempo, mas posteriormente a esses tempos. Algumas, no entanto, são inspiradas em histórias e estórias que então ouvia contar e que, mais tarde, amalgamei criando novas estórias. Outras há que são inspiradas em situações que vivi ou acompanhei de perto. As referências às terras onde soprava forte o cieiro são muitas vezes perfeitamente explícitas, mas por vezes estão implícitas e surgem através de personagens ficcionadas a partir de personagens reais com as suas histórias de vida, onde emerge uma multiplicidade de sentimentos desde o ódio à paixão, da generosidade ao egocentrismo e onde o fantástico se cruza muitas vezes com o real. E se algumas das estórias têm por “cenários” outras terras e outros tempos, a ligação às terras de cieiro, ainda que ténue, permanece presente.

Regina dos Anjos Sousa Gouveia

O vestido da comunhão¹

*(...) Se o tempo é longe ou perto
Em que isso se passou
Não sei dizer ao certo
Que nem sei o que sou
Sei só que me hoje agrada
Rever essa visão
Sei que não vejo nada
Senão o coração(...)*
Fernando Pessoa em "Poesias Coligidas"

Há quantos anos Luísa não ia à festa da terra lá no santuário, junto ao rio? Há tantos que já lhe perdera a conta. Por certo há mais de quarenta. Da última vez que ali fora era ainda solteira e para o ser....Hoje é avó...

Também nesse ano não contava ir. Mas as primas desafiaram-na e lá foi. Foram a pé, não pelo velho caminho, sinuoso, contornando a ladeira, pleno de odores silvestres, delimitado de onde em onde por muros de xisto centenários, mas pela estrada de terra batida por onde se circula agora.

Outrora, pelos velhos caminhos, calmamente, a pé ou em cima das montadas, as gentes daquém e dalém rio iam descendo as encostas até à capela. Os dalém rio atravessavam-no no vau pois no verão ali vai quase seco. Hoje circula-se em estradas de terra batida, em veículos motorizados que deixam uma nuvem de pó à sua passagem..

¹ Publicado na revista da Comissão de Festas do Mártir S. Sebastião, Alfândega da Fé, em 2006

Pareceu-lhe haver muito menos gente que noutros tempos mas garantem-lhe que não. Os seus olhos de há quarenta e tal anos é que eram outros....Também a devoção lhe pareceu menor tal como o número de clérigos que preside às cerimónias religiosas. Mas também aqui tudo pode ser uma questão de perspectiva.

No recinto da festa, onde outrora se viam machos e outras montadas dispersas pela encosta, veem-se agora carros dispostos aleatoriamente, inclusive no percurso da procissão, acompanhada por uma banda de música. Não três como noutros tempos.

Os cânticos, cujas letras parecem não ter mudado, estão agora embrulhados noutras músicas. Não mais Mozart, Gounod, Bach, Dvorak ou Schubert. Agora é geralmente música ligeira a que incorpora as letras dos cânticos religiosos.

As merendas, após a procissão, também perderam o seu encanto. Não mais o luto farnel onde não faltavam os bolinhos de bacalhau, os peixes do rio, o frango assado, o presunto, o salpicão, o pão caseiro, as azeitonas, o vinho. Agora, nas várias bancas que para o efeito existem, come-se um frango assado, uma bifana ou um cachorro, acompanhados de cerveja ou coca-cola. E à sobremesa, não mais a deliciosa talhada de melão. Um gelado acabado de sair da máquina, carregado de antioxidantes, conservantes, espessantes, parece fazer as delícias dos mais novos e até de alguns mais velhos. E há ainda quem se meta no carro e vá jantar à vila para depois regressar para o arraial.

Noutros tempos a escuridão da noite aprisionava os romeiros até ao nascer do dia pelo que, enquanto uns circulavam no recinto em amena cavaqueira, outros dançavam ou tentavam a sorte na quermesse, outros rezavam recolhidos na capela e outros

ainda iam dormitando aqui e além. De vez em quando lá vinha mais uma descarga de fogo para deleite do olhar. E quando os morteiros acabavam de ribombar, tudo voltava ao que fora interrompido.

No arraial, não mais o despique entre as bandas. Eram três noutros tempos, cada uma em seu coreto. Estes têm agora outra função. Servem para acampar os poucos que ainda mantêm a tradição da merenda. Em vez das bandas, apenas o ensurdecedor ruído dos conjuntos que tornam impossível uma conversa. Os tempos são outros tal como os sons que atordoam o ar...

Também não se ouvem os foguetes. Os incêndios, que durante o verão por todo o lado grassam, aconselham precaução.

E foi neste contexto em que nada parecia igual ao que fora antes, que Luísa de repente estremeceu. Estava junto à capela quando, a correr, passa uma criança vestida de anjo, para incorporar a procissão. Luísa conhecia aquele vestido, todo em seda natural. Fora o vestido da sua comunhão, precisamente há cinquenta anos. Lembrou-se então que a mãe o oferecera à igreja.

E tudo recuou no tempo....

A catequese diária como preparação para a comunhão, a primeira confissão, o receio de tocar a hóstia com os dentes, o vestido. Acima de tudo o vestido e as várias provas que frequentemente vinham desviar Luísa da brincadeira. Tanta prova... Depois a mãe, pacientemente, com a seda esticada no bastidor ia bordando todos aqueles raminhos de flores. Durante quanto tempo a mãe bordou o vestido? O vestido, o chapéu do qual pendia o véu e a bolsinha presa na cintura. Esses já não constavam na indumentária da menina vestida de anjo. Que sumiço teriam levado? E Luísa recorda a mãe a colocar a entretela

na aba do chapéu para lhe dar consistência. E ao serão, à luz do petromax, enquanto nas mãos da mãe a obra ia crescendo, o pai ia contando histórias doutros tempos em que a sua avó criava bichos da seda. E falava nas amoreiras que existiam por todo o lado.

No tempo em que Luísa andava na escola, no terreiro da mesma havia várias. A escola mudou de sítio e as amoreiras já não existem. A criação de bichos da seda há muito que perdeu toda a importância na região. A testemunhar essa perda de importância aí estão, não muito longe, as ruínas do Real Filatório. Mas Luísa ainda se lembra da tia Laurinda criar bichos da seda, alimentando-os com folhas de amoreira. Lembra-se dos casulos. Pareciam pequenos ovos amarelados donde, se não fosse a interferência humana, sairia uma pequena borboleta.

E recorda o pai descrevendo todo o processo. Os casulos eram mergulhados num recipiente com água quente para matar a crisálida. E depois era desmanchar o trabalho que o bicho da seda fizera com tanta mestria, ou seja, desenrolar o fio que estava enrolado no casulo e voltar a enrolá-lo em meadas que posteriormente iriam ser lavadas. Só então o fio iria ser tecido num tear. Por cada peça de seda, a morte de milhares de insectos.

Luísa sabe que a bisavó, tal como os demais criadores da aldeia, vendia os casulos pelo que a seda do seu vestido não saiu diretamente das mãos da bisavó nem das da tia Laurinda. Provavelmente veio do Oriente onde a seda sempre se produziu e continua a produzir em grande escala. E Luísa recorda a rota da seda, as aulas de História ...

Mas acima de tudo vai recordando, ao pormenor, o dia da sua comunhão. O vestido ficara um deslumbramento. Toda a gente

o queria ver. E os acessórios? O chapéu, o véu, a bolsinha, as luvas de renda que fizera a tia Cândida, os sapatos de camurça branca que o pai trouxera do Porto, o pequeno terço dentro duma caixinha, ambos em filigrana dourada. Foi a tia Maria do Carmo quem lhos ofereceu, para o efeito. Estão hoje na vitrina da sala, juntamente com as luvas...

Luísa revê mentalmente as fotos do acontecimento. Numa delas lê uma poesia que o pai escrevera.

No fim da cerimónia foi a festa que a mãe preparou e para a qual foram convidados todos os meninos da escola, os que fizeram a comunhão nesse mesmo dia e todos os outros, desde o mais pobre ao mais rico. Luísa recorda como foi bonita a festa...

Parecia que tudo estava a acontecer ali naquele momento.

A menina vestida de anjo olhava, um pouco intrigada, as lágrimas que corriam pelo rosto de Luísa. Foi então que Luísa, já um pouco refeita da emoção, perguntou:

Com o te chamas?

Débora, respondeu a menina. (Também os nomes já não são os mesmos)

E então Luísa explicou a Débora que há cinquenta anos, fora ela a usar aquele vestido.

Na sua máquina digital tirou uma fotografia de Débora e ao chegar a casa confrontou-a com as velhas fotografias tiradas com a máquina de fole do pai. O vestido já perdeu um pouco a graça. As mangas, outrora compridas, são agora curtas. Talvez estivessem já um pouco delidadas. Também Débora é mais alta que Luísa à data da comunhão, por isso o vestido não chega aos pés.

E Luísa vai olhando uma a uma as várias fotos. Lá está aquela em que Luísa, figura central, lê a poesia. Ao lado, mas

ligeiramente atrás, a mãe. Apesar de ser uma foto a preto e branco Luísa consegue reconhecer, na sua indumentária, a cor castanha do vestido e do chapéu. Sim, porque esse dia foi tão solene que a mãe usou chapéu...

Os mudos²

*(...)Almas que atravessais o lodo da existência,
Este lodo perverso, iníquo, envenenado,
Levando sobre a fronte o esplendor da inocência,
Calcando sob os pés o dragão do pecado(...)*
Guerra Junqueiro em "Aos simples"

"Darbón, o médico de Platero, é grande como o boi malhado, vermelho como uma melancia....Já não tem um só dente e quase não come senão miolo de pão, que primeiro amassa entre os dedos. Faz uma bola e leva-a à boca. Aí a conserva revolvendo-a uma hora...Mas enternece-se como uma criança, com Platero."

Esta descrição que Juan Ramón de Giménez, no seu livro "Platero e eu" faz do veterinário Darbón, lembra-me sempre o Mudo.

Na aldeia onde nasci e onde vivi em criança, havia dois mudos. A um nunca conheci o nome próprio e não sei se alguém o sabia ao certo. Toda a gente se referia a ele como o Mudo. Era grande, vermelho e desdentado. Tal como Dárbon, mascava continuamente miolo de pão amassado. Como não falava, emitia sons mais ou menos extensos "Ah", "Aaaaaaaaah", que acompanhava com gestos exuberantes. Para além disso o seu rosto adquiria as mais diversas expressões desde a ternura à ira, pelo que não era difícil entender o que lhe ia na alma. Era um homem puro e bom. E tal como Darbón se enternecia com Platero, o Mudo enternecia-se com qualquer criança a quem tentava

² Menção honrosa (em 2008 pela Junta de Freguesia de Cedofeita)

mostrar, por gestos e sons, o seu afeto. Mas as crianças, especialmente as mais pequenas, assustavam-se com a exuberância do mudo e fugiam dele, muitas vezes chorando. A tristeza ficava então estampada no seu rosto. Por mais que uma vez, em tais situações, vi os seus olhos marejados de lágrimas. Habituada que estava, desde muito pequenina, à sua presença frequente lá por casa, gostava muito dele. E o sentimento era mútuo. Quando me via emitia sons de satisfação e batia com a mão no peito. Queria deste modo significar a afeição que tinha por mim.

Este era um dos mudos que havia na aldeia onde nasci. O outro era o ti Briato. O seu nome era Viriato mas provavelmente nem o próprio o sabia. O ti Briato era um velho de barbas grisalhas e olhos da mesma cor.

Ao que parece não era mudo, mas agia como tal. A tudo o que lhe perguntassem respondia por gestos, encolhendo os ombros ou acenando a cabeça, afirmativa ou negativamente, conforme o caso. Mas ao contrário do Mudo, o seu rosto tinha sempre a mesma expressão vazia. Nunca o vi sorrir, tal como nunca consegui detectar nos seus olhos qualquer brilho. O seu rosto lembrava o de uma estátua e, tal como uma estátua, era incapaz de fazer mal a alguém.

Um dia o meu pai contou-me o que sempre ouvira contar ao meu avô. Em jovem o nome condizia com a pessoa pois o ti Briato era corajoso e valente como o herói dos Montes Hermínios. Para além disso era um rapaz bonito, alegre e muito ágil; montava um cavalo em pelo como ninguém. Era criado numa das casas ricas da aldeia e apaixonou-se pela filha do patrão. Quando este se apercebeu, despediu - o. A partir daí o Briato começou a ficar cada

dia mais triste, mais metido consigo. Corria o ano de 1918. Por essa altura, a Europa foi assolada por uma epidemia terrível - a pneumónica. Julieta, a filha do patrão, morreu vítima da doença. O meu pai dizia que foi a partir desse dia que o Briato deixou de falar e se foi transformando, aos poucos, no ti Briato que eu conheci. Nunca ninguém soube se a sua afasia era fisiológica ou se se tratava simplesmente de uma recusa em falar, motivada por uma imensa tristeza com origem numa profunda paixão.

Na vida destes dois homens havia muita coisa em comum: provavelmente uma enorme sensibilidade, a mudez, voluntária ou involuntária, a bondade, uma vida de pobreza e solidão e um casebre idêntico por habitação. Talvez por isso a morte tenha decidido que partilhassem de um mesmo fim. Foi no ano da neve buraqueira. Ambos morreram enregelados, cobertos de neve, quando esta, tocada a vento, entrou pelas suas casas mal protegidas. Lembro-me ainda das palavras do padre, quando do funeral:

Estes dois homens a quem ninguém alguma vez conheceu malícia, estão por certo no Reino de Deus.

E se o Reino de Deus existir e for tal como o fantasiam, ambos estarão felizes. O Mudo rodeado de anjos que, por certo, não se assustam com os seus sons e gestos um pouco grotescos, e o ti Briato sem entraves ao amor pela sua Julieta.

Marianita

(...)Meu senhor, xe exe burro fôxe meu....

Juan Ramón de Giménez em "Platero e Eu"

No tempo em que Isabel era criança não havia Barbies, nem consolas, nem carros telecomandados ou outros brinquedos eletrónicos. Os seus brinquedos eram comprados na feira da vila- bonecas de pasta de papel, louça de baquelite e barro, fogões de lata, brinquedos de madeira coloridos como aqueles passarinhos, na extremidade de uma haste, que ao serem puxados se moviam sobre umas rodas, enquanto batiam as asas. Para além destes brinquedos Isabel tinha uma boneca, e essa não tinha sido comprada na feira. Abria e fechava os olhos, andava, dizia papá e mamã. Chamava-se Margarida e era o fascínio das outras crianças. Mas, acima de tudo, Isabel gostava de brincar com as crianças que invejavam a sua boneca Margarida. Brincavam com caixas de sardinha, que puxadas por um fio lá iam a custo deslizando sobre o chão rugoso, carregadas de pedrinhas, de terra ou de conchelos a que chamavam conchilros, com bonecas de trapos feitas de velhas meias, do mesmo modo como se faziam as bolas com que jogavam.

Naquele dia os pais de Isabel tiveram que sair e recomendaram-lhe. *Não deixes entrar ninguém desconhecido.*

Era um dia muito frio. Tinha geado e o tanque estava cheio de carambelo que Isabel partia e chupava com agrado. Mas sentia-se triste. Brincava sozinha no pátio e mais uma vez lamentava intimamente ser filha única sem, muitas vezes, ter com quem

brincar. A dada altura viu, encostada às grades do portão, uma ciganita com um irmão pequenino ao colo. Que vontade tinha de a convidar para brincar. Mas não conseguia esquecer as recomendações dos pais, à saída. De vez em quando olhavam-se furtivamente mas sem dizer palavra. Passado algum tempo Isabel não resistiu mais.

Queres vir brincar comigo?

Os olhos da ciganita iluminaram-se. Isabel abriu o portão e a ciganita entrou, um pouco a medo. Sentou-se nas escadas que davam acesso à casa mas continuava muda e queda, com o irmão ao colo, vendo Isabel brincar. Esta dispunha as loucinhas à sua beira no degrau e, numa panelinha, misturava conchilros e pedrinhas fingindo preparar uma opípara refeição. Perguntava-lhe se queria colaborar mas ela limitava-se a acenar a cabeça negativamente. Já estava um pouco arrependida de a ter convidado. Arriscara-se, desobedecendo aos pais, e afinal para quê? Ela não brincava, limitando-se a seguir religiosamente todos os seus passos.

A dada altura Isabel foi buscar a sua boneca Margarida e os olhos da ciganita ficaram esbugalhados quando Isabel, segurando as mãos da boneca, conseguiu que a mesma fosse colocando um pé à frente do outro enquanto balbuciava mamã, papá, abrindo e fechando os olhos.

O irmãozito que até então dormira, acordara entretanto e agitava os bracinhos ao mesmo tempo que palrava e sorria. Isabel olhava para a criança com o mesmo fascínio com que a ciganita olhava para a boneca. Encheu-se de coragem e propôs:

Queres trocar?

Os olhos da ciganita brilharam ainda mais. Pela primeira

vez Isabel ouviu a sua voz:

E tu não deixas cair o menino?

Isabel prometeu firmemente que não e então a ciganita aceitou a troca. Isabel sentia-se a criança mais feliz do mundo. Embora um pouco desajeitada por falta de experiência, transportava com mil cuidados aquele boneco de carne e osso que continuava a palrar e a agitar os bracinhos. A ciganita expressava também um ar de enorme felicidade fazendo movimentar as pernas rígidas de Margarida.

Passado algum tempo os pais chegaram. Isabel e Marianita brincavam com uma alegria imensa, cada uma embalando o seu tesouro. Entretanto, ao longe e numa voz aflita, ouviu-se chamar: *Marianita, donde estás tu Marianita?* A ciganita, um pouco assustada, pegou novamente no irmão e partiu a correr. Só então a mãe de Isabel mostrou o seu desagrado pelo que a filha fizera. *Por que razão desobedeceste? Não devias ter deixado entrar a menina. Não a conhecias. Imagina que levava alguma coisa?*

De castigo, logo após o jantar, sem direito a sobremesa, teve que ir para a cama. Mas face ao encantamento que o dia lhe proporcionara, o castigo não doeu.

Nunca mais Isabel viu a Marianita. Onde andar­á ela neste momento? Será que ainda se recorda da boneca Margarida, mexendo um pé atrás do outro, dizendo papá e mamã, abrindo e fechando os olhos?

Ainda hoje, quando recorda as suspeições da mãe, Isabel não pode deixar de sorrir. Marianita não levou nada, por certo. Deixou em vez de levar. Deixou a recordação de um dia inesquecível.

O enigma das lianas

O essencial é invisível para os olhos.

Saint- Exupéry, em O Pequeno Príncipe.

O rio. Hipérbole? Parábola? Ou simplesmente uma ponte para outro lado?

Foi junto ao rio que a conheci. Pintava. Não o rio nem as ladeiras que o acalentam. Tão pouco os salgueiros junto à margem ou as oliveiras, as amendoeiras, os sobreiros, os carrascos, as figueiras dispersas pelas encostas de terra desbotada.

Estranhamente a tela ia sendo preenchida com mangueiras, lianas, cajueiros, bananeiras, coqueiros, palmeiras, embondeiros, palhotas avermelhadas cobertas de capim seco, e terra. Terra avermelhada. De onde em onde emergiam silhuetas com vestes coloridas. Aliás, toda a tela era um festival de cor. Nada que os seus olhos dali pudessem lobrigar.

Da primeira vez que a vi observei-a de longe. Pareceu nem sequer ter pressentido a minha chegada, apesar do ronco do motor do jeep.

Voltei no dia seguinte e lá estava ela de novo. Desta vez aproximei-me e saudei-a. Sem ao menos desviar o olhar, como se fosse um autómato, respondeu à saudação continuando a pintar.

Foi assim durante vários dias até que me decidi a interpelá-la.

Por que razão procurava aquele lugar para pintar paisagens que nada tinham a ver com o mesmo?

Por momentos perdeu o ar absorto que mantinha. Sem largar a paleta e os pincéis respondeu-me:

O essencial é invisível para os olhos.

Reconheci de imediato a frase. Lera-a muitas vezes num dos meus livros preferidos: O príncipezinho de Saint- Exupéry.

Acrescentou que só junto à água se sentia inspirada. Podia ser o mar ou um rio, que sempre acaba por terminar no mar.

Aquele lugar era um dos seus favoritos por possuir, para além da beleza visível, uma outra invisível que irradia do silêncio.

Admiti que, com alguma subtileza, estava a insinuar que eu estava ali a mais, profanando o referido silêncio. Fiz referência a esta minha interpretação mas respondeu-me que aquele lugar não era propriedade sua e por isso não tinha o direito de impedir alguém de o partilhar consigo. Quando se sentisse importunada, pura e simplesmente escolheria outro local. De seguida retomou o ar ausente e a pintura.

Estive uns dias sem voltar ao lugar. Quando regresssei, lá estava ela entre tintas e pincéis. Voltei de novo nos dias que se seguiram. Limitava-se a responder à minha saudação quando chegava e quando partia. Parecia estar ali desde e para sempre, talvez presa pelas lianas que se contorciam nas telas.

Um dia ousei perguntar-lhe o nome. Respondeu apenas "*Liana*". Estranhei o nome e fiz um comentário sobre o mesmo. Era a primeira vez que via a palavra liana associada a um nome próprio.

Não reagiu ao comentário como que ignorando, não só o que eu dissera, como a minha própria presença. Isso irritou-me e, com alguma agressividade, disse:

Já percebi que estou aqui a mais. Esteja tranquila que de hoje em diante não voltarei a importuná-la.

Para meu espanto, pousou a paleta e os pincéis e aproximou-se de mim.

Fica. Tu já fazes parte do ambiente que me rodeia. Acho que se partisses a inspiração partia contigo.

Por instantes prendi a respiração. Desde logo estranhei o tratamento por tu, nada consentâneo com o distanciamento que até aí mantivera. Por outro lado, a revelação de que eu era importante para a sua inspiração deixou-me incapaz de articular qualquer frase ou palavra.

Fiquei a vê-la pintar até o sol começar a esconder-se por detrás dos montes.

Dormes aqui, perguntei?

Não respondeu mas começou lentamente a arrumar numa maleta todo o seu material. Segurou a maleta e começou a subir o caminho sinuoso. Dei conta que até então nunca me tinha interrogado sobre a forma como se deslocava até ali. Na minha lógica teria um veículo todo o terreno, algures estacionada sob uma árvore. Mas não. Deslocava-se a pé num passo cadenciado, não parecendo temer a subida íngreme que a esperava e a levaria algures, ao certo nunca soube aonde. Propus-lhe levá-la no meu jeep. Hesitou um pouco e disse:

Uma das atividades que me dá maior prazer é a pintura. A outra é caminhar pelo que, se não me levas a mal, prefiro ir a pé.

Faz como entenderes, ripostei com uma certa irritação a que não pareceu dar a mínima importância.

Subi a encosta disposto a não voltar tão cedo àquela zona do rio. Quem pensava ela que era? Mas nos dias que se seguiram

lá estava eu de novo, como se algo inadiável me impelisse para aquele lugar, como se sentisse um apelo ao qual não conseguia resistir .

Naquele dia abateu-se sobre nós um imenso aguaceiro. Água. De novo a água entre nós. Após ter arrumado apressadamente o material, dirigiu-se para o meu jeep e disse simplesmente:

Por favor abre-me a porta.

Arrumou as tralhas, subiu e sentou-se. Quando perguntei para onde queria que a levasse limitou-se a responder:

Para onde tu quiseres.

Arranquei caminho acima e só parei em frente a minha casa. Durante o percurso nenhum de nós pronunciou qualquer palavra, como se as palavras pudessem macular aqueles momentos de luz difusa em que a litania da chuva, já serena, se misturava com o cheiro a terra molhada. Chegado ao meu destino perguntei:

Aqui é a minha casa. Queres entrar?

A resposta veio não por palavras, mas por gestos. Agarrou na maleta, saiu do jeep e seguiu-me.

Cada vez mais confuso indiquei-lhe um quarto livre e dirigi-me à cozinha a fim de preparar qualquer coisa para jantar. Após o jantar comentou:

Nem sequer sei o teu nome.

Lembrei-me do romeiro do Frei Luis de Sousa e respondi:

Ninguém.

Ao enigma de todo o seu comportamento eu respondia com o enigma do meu nome. Mas isso pareceu não a afectar.

Passado pouco tempo recolheu ao seu quarto. Recolhi também ao meu mas, sentindo-me confuso e ao mesmo tempo ridículo, tive muita dificuldade em adormecer.

Acordei já a manhã ia alta e, após preparar o pequeno almoço para os dois, decidi ir acordá-la. Comecei por bater levemente na porta do quarto e fui aumentando a intensidade. Como ninguém respondesse fui abrindo a porta devagar. Para meu espanto a cama estava feita e o quarto vazio.

Fiquei exasperado e dirigi-me ao rio disposto a fazer-lhe sentir a minha indignação mas fiquei desarmado quando ao chegar ela me disse:

Finalmente chegaste. Sem a tua presença já não consigo trabalhar.

No fim do dia meteu a maleta no jeep, bateu a porta e enveredou caminho acima com um "até daqui a pouco".

Aquela despedida deixou-me imensamente feliz. Foi então que me apercebi que se ela não conseguia pintar sem a minha presença, sem a dela eu já não conseguiria viver.

Tal como no dia anterior recolheu cedo ao quarto mas, desta vez, resolvi segui-la. Abriu a cama e mostrou-me o lugar a seu lado. Deitei-me sem saber o que fazer nem o que pensar. Foi então que começou a levantar um pouco a ponta do véu.

As paisagens que eu pinto são a forma de regressar onde nasci.

Não adiantava perguntar o significado de nada. Tal como o príncipezinho, Liana parecia não ouvir e não respondia quando a interpelava. Percebi que o enigma se iria desvendando lentamente e que de nada adiantaria eu querer acelerar o processo.

Foi assim, como que por acaso, que dias mais tarde tomei conhecimento da morte do pai.

A televisão passava imagens da guerra colonial quando ela me pediu com ar suplicante:

Por favor muda de canal.

Nessa noite abriu mais uma pequena brecha na bruma que a envolvia. O pai, militar na Guiné durante a guerra colonial, pisara uma mina três dias após ela ter nascido. Percebi então o que dias antes me dissera:

As paisagens que eu pinto são a forma de regressar onde nasci.

Assim, por enigmas, e de uma forma totalmente inesperada, ia desvendando um pouco da sua história.

No dia em que se apercebeu que eu escrevia perguntou-me:

Também escreves?

Porquê também? perguntei eu. *Tu escreves?*

Ele escrevia e é através dos textos que deixou no seu diário que eu consigo imaginar aquilo que pinto.

Suspeitei que se referia ao pai, mas não adiantava perguntar. Por isso limitei-me a comentar:

Devem ser muito bonitos os textos desse diário para inspirarem pinturas tão belas.

Oh, tu não imaginas como os textos são belos. MUITÍSSIMO mais belos que as pinturas. Quem me dera conseguir algum dia que as minhas telas fossem fiéis aos textos.

As revelações surgiam sempre assim. De forma inesperada, na sequência de algo imprevisível.

Foi mais uma vez por acaso que, numa outra ocasião e já não sei a que propósito, ela disse:

Como adoraria tê-lo conhecido. Mas talvez tenha sido melhor assim. Com ela nunca poderia ser feliz apesar de a amar loucamente. Fruto de uma educação frívola, é pouco sensível, fútil. Nunca entenderia a sua sensibilidade e ele tinha plena consciência disso. Emerge no diário a tristeza que a sua futilidade lhe causava.

Foi a única vez que se referiu à mãe e desta forma pouco explícita. Admiti que não manteria com a mãe uma relação de grande intimidade, o que depois viria a confirmar. Mas essa confirmação surgiu bastante mais tarde.

De uma outra vez em que ouvíamos o "Tanto mar " de Chico Buarque, comentou:

O mar tanto separa como une. Tanto pode ser lugar de chegada como de partida. Por isso eu gosto do mar e dos rios que de uma forma ou outra sempre nele acabam.

Por que falas em chegada e em partida? Estás a pensar partir?

Não acredito em partidas. Ninguém parte na verdade por inteiro. Se eu partisse agora algo ficava contigo para sempre, ou não pensas assim?

Não me fales em partida por favor. Só o pensar nisso me dói.

De uma forma ou outra acabamos sempre por partir.

Esta conversa deixou-me apreensivo e, não sei se por medo de a perder, essa noite ameia -a como nunca e senti que também ela se entregava por inteiro.

Mas a apreensão instalou-se no meu pensamento e todos os dias discretamente a espiava, no sentido de poder evitar uma partida que julgava iminente. Não me enganava.

Partiu uns tempos depois, precisamente quando a minha apreensão abrandou e com ela o sistema de discreta vigilância.

Um dia ao chegar a casa, em vez da sua presença tinha um conjunto de telas e um papel onde havia escrito:

Nunca partimos por inteiro.

Liana

Fiquei enlouquecido e nos meses que se seguiram tentei encontrá-la. Procurei primeiro junto ao rio. Ninguém a conhecia. A única pista que obtive foi a de uma tenda montada algures nas imediações, mas quando cheguei só já encontrei vestígios de alguém ali ter acampado. Procurei-a em seguida junto ao mar e nas margens de muitos rios. Era uma busca inglória. Em que lugar da costa? Em que rio? E em cada rio em que margem? Onde?

Coloquei as telas nas paredes da casa e todos os dias as olhava longamente lembrando-me de que "*O essencial é invisível para os olhos*". Quem sabe, um dia ela não emergiria das telas...

Após cada busca fracassada era possuído de um desânimo enorme. Em certos momentos cheguei a pensar que ela nunca tinha existido e fora apenas fruto da minha imaginação. Mas um dia, quando entrava num consultório médico, deparei com um quadro que só poderia ter sido pintado por ela.

Dr. quem é a autora daquele quadro?

Como sabe que é autora e não autor? perguntou.

Lembra obras de uma amiga minha.

Se não é indiscrição, como se chama essa sua amiga?

Liana, respondi.

Não, de momento não recordo o nome mas tenho a certeza que não era esse. Devo ter algures o catálogo da exposição onde o vi e adquiri. Entretanto olhou para o quadro e ao ver as iniciais CG disse:

Ora deixe-me pensar um pouco. Creio que era Catarina Gonçalves ou talvez Carolina Geraldès, não sei bem ao certo. Ao ver o quadro na galeria fiquei fascinado. Estive na Guiné a cumprir o serviço militar, naquela guerra absurda. Mas jamais conseguirei esquecer aquelas paisagens, aqueles odores. O quadro trouxe-mos de volta de uma forma tão intensa que por vezes sinto - me como se estivesse lá.

Nesse mesmo dia dirigi-me à galeria.

Sim, sim, Catarina Geraldès, mas temos apenas o contato da mãe. Aliás nunca vimos a artista. Apenas a mãe.

Depois de alguma relutância acabaram por me dar o seu contato.

Amigo da minha filha? Não me recordo de ter ouvido o seu nome, mas também é certo que eu sei tão pouco sobre ela... Somos totalmente diferentes. Vive num outro mundo ao qual eu não consigo aceder. Podia ter tudo o que quisesse mas troca o prestígio, o dinheiro e o conforto por uns ideais estranhos, que não consigo entender. Tal como o pai. Não sei se sabe que o pai morreu na Guiné onde cumpria o serviço militar. Adorava aquela terra. Quando viu a filha pela primeira vez, logo após o nascimento (quando ele faleceu ela tinha três dias) sabe qual foi a sua expressão? Oh minha pequena liana... Reagi mal. A que propósito compara a sua filha a uma liana? Sabe o que me respondeu? Será ela que me vai prender ainda mais a esta terra. Acha isto normal? Não quer saber que, finda a comissão, pretendia ficar a viver lá? A

morte trocou-lhe as voltas mas eu também não me imagino a viver naquela terra. Tenho a certeza que nunca conseguiria.

Mas vamos ao que o trouxe aqui. Pretendia então saber onde é que ela está neste momento. Ah, não me faça rir. Ainda se fosse eu a fazer-lhe a pergunta a si... Agora você a mim... Como lhe disse sei muito pouco sobre ela. Lamento não poder ajudá-lo. Desejo-lhe boa sorte nas suas buscas e se conseguir saber alguma coisa sobre o seu paradeiro, mantenha-me informada, por favor.

Desta conversa devastadora resultou apenas uma certeza. Liana, a minha Liana era Catarina Geraldês. Liana. Hipérbole? Parábola? Ou simplesmente uma ponte para outro lado, como um rio, como o mar?

Detinha-me nestes pensamentos quando subitamente achei ter decifrado o enigma, interpretado todas as metáforas. É lá, no meio das lianas, que a devo procurar, para além do mar, do mar onde de uma forma ou de outra os rios acabam sempre por desaguar.

É por isso que, neste momento, sobrevoou o Atlântico a caminho de Bissau.

A mobília

*Vinho que vai para vinagre não retrocede o caminho
só por obra de milagre pode ser de novo vinho*
António Aleixo em "Este livro que vos deixo"

D. Efigénia e D. Luísa viveram sempre na casa do adro, na pequena quinta de família, algures lá no Nordeste Transmontano. Ali cresceram e ali morreram. Filhas de Angelina e António Tavares tinham um irmão mais velho, o Gonçalo. Gonçalo estudou, cursou Medicina em Lisboa e aí exercia a profissão de médico hospitalar. Tímido, reservado, tinha uma vida bastante solitária. Só lhe conheciam um percurso: casa/hospital, hospital /casa, sendo esta um pequeno e velho apartamento na Ajuda, que partilhava com livros e discos de música clássica. Religiosamente, três vezes por ano (no Natal, na Páscoa e no verão) rumava até ao Norte onde passava alguns dias na companhia da mãe e das irmãs, já que o pai faleceu cedo sem ter tido a ventura de ver o filho doutor.

Sempre que se aproximavam as datas da chegada de Gonçalo ao Norte, a pacata casa do Adro ganhava animação. Linhos saíam das arcas e eram sujeitos a barrela, corados, lavados e primorosamente passados. Os talheres, o serviço de jantar e o de copos, saíam do louceiro para também eles serem alvo de limpeza geral. Matavam-se as melhores galinhas, um ou outro peru e lá ia a Laurinda saber do pastor para matar um cordeiro. Na cozinha preparavam-se as melhores iguarias, dos assados às sobremesas. Regressado o Dr. Gonçalo a Lisboa, tudo voltava à

pacatez do costume. As manas, ajudadas pela mãe, faziam o interminável enxoval, rezavam, tratavam da casa. E assim ano após ano e quase sem dar por isso, as manas mais o Dr. Gonçalves, foram passando dos trinta, dos quarenta...

D. Angelina vivia preocupada em assegurar o futuro das filhas, por isso mãe e filhos acordaram em partir os bens ainda em vida da velha senhora, acrescentando à partilha uma cláusula que garantiria às manas, enquanto vivessem, o uso fruto de todos os bens. Rotineiramente o tempo continuava a passar até que um belo dia o Dr. Gonçalves, já com cinquenta e dois anos, anunciou que ia casar com Generosa, uma funcionária do hospital.

A notícia causou grande júbilo na casa do adro, embora D. Angelina visse com alguma apreensão a diferença de idade entre Gonçalves e Generosa. Esta tinha, à data, precisamente metade da idade do futuro marido. Passado pouco tempo do casamento, a notícia da gravidez de Generosa deixou a casa em alvoroço. Nas mãos de Efigénia e Luísa havia sempre um casaquinho para tricotar, um lençolzinho para bordar, um vestidinho para costurar...A criança iria ter um enxoval digno da realeza. Quando nasceu Mariana as tias não cabiam em si de contentes. Mas embora a alegria fosse a nota dominante na casa, a apreensão de D. Angelina continuava. Um dia desabafou com Laurinda. Receio pelo futuro das minhas filhas se acontecer alguma fatalidade ao Dr. Gonçalves. Arguta como era, talvez D. Angelina tivesse dado conta de alguns pequenos sinais que a levaram a intuir que a nora, de Generosa só tinha o nome, pelo que a relação do casal não era uma relação feliz. E esses sinais eram cada dia mais evidentes.

A preocupação cada vez maior de D. Angelina terá estado na origem do enfarte que a vitimou, tinha Mariana dois anos. Após

a morte da velha senhora, Generosa deixou totalmente de o ser, se é que alguma vez o fora. Sempre brusca com as cunhadas que não sabiam que mais fazer para lhe agradar, seca para com o marido que cada vez se tornava mais reservado e solitário. O Dr. Gonçalo tinha a desilusão estampada no rosto. Desiludido, triste, um dia decidiu adormecer para não mais acordar. Tinha Mariana oito anos. De imediato Generosa tentou lançar a mão à herança, embora parca, do marido. Mas existia a mal fadada cláusula que o não permitia. Com as cunhadas, de brusca passou a agressiva. Por amor à sua menina, as tias iam aguentando e, com a generosidade que faltava à cunhada, não deixavam que em casa da mesma faltassem a fruta, o azeite, as batatas e tudo o mais que na quinta se colhia.

Para além de generosidade também gratidão era coisa que Generosa não conhecia, por isso, embora sabendo quanto as tias adoravam Mariana, cada vez mais rareavam as visitas, até que mãe e filha deixaram de aparecer. Mariana licenciou-se, casou, teve uma menina, de nome Joaninha, ao que diziam, muito parecida com o avô Gonçalo. Tudo isto as tias iam sabendo através de conhecidos que moravam na capital e foi através deles que fizeram chegar às mãos da sobrinha um enxoval para a menina, feito com todo o carinho, mas não principesco como o de Mariana. Para além da falta de vista que não permitia grandes bordados, dos problemas de coluna que dificultavam o tricotar, a crise na agricultura fazia emergir muitas dificuldade económicas. Mariana nem sequer agradeceu. D. Luísa deu em empreender em tudo isso e começou a perder progressivamente a razão. Todas as crianças que via eram a sua Joaninha...E nessa ilusão partiu para o outro mundo deixando D. Efigénia cada vez mais triste e mais só. Na

igreja e na oração encontrava algum conforto e assim começou a participar em retiros e peregrinações. Foi precisamente numa das vezes que participava num retiro que a casa do adro foi assaltada. Mas foi trabalho de amadores. Não levaram nada com valor. Vá-se lá saber como (as alcoviteiras não são espécie em extinção ...) Generosa soube do assalto. Telefonou de imediato à Laurinda, não para saber novas da cunhada, apenas para se inteirar se as joias de família e o crucifixo do quarto da sogra tinham estado na mira dos larápios.

O crucifixo era um das duas coisas relativamente valiosas que existiam na casa do adro. A outra era a mobília do quarto da tia Luísa. E Mariana sabia-o, tal como sabia explorar o afeto da tia Efigénia ...

Um dia, para seu grande espanto, D. Efigénia recebeu uma carta de Mariana. Toda a carta transpirava afeto e até remorso por ter deixado partir Luísa sem lhe dar a conhecer Joaninha. Uma alma nova nasceu em D. Efigénia. Mariana falava em ir visitá-la e levar Joana para a conhecer. E um belo dia, acompanhada da filha, lá apareceu. Toda extremosa, foi dizendo à tia que tinha muitas saudades da tia Luísa, que se lembrava de em pequena dormir com ela e por isso gostaria muito de poder levar a mobília do quarto. Efigénia nem um segundo hesitou. Pois claro. É certo que também ela gostava de ir ao quarto e recordar ali a irmã companheira de tantos anos, mas face à vontade expressa de Mariana, o resto pouco importava. E Mariana lá ia prosseguindo na rota das pseudo- recordações....Ao chegar ao quarto que tinha sido da avó, e com um arrazoado idêntico ao que usara para a mobília, pediu o crucifixo. Mas aí teve menos sorte. Por momentos Efigénia ainda hesitou mas toda a vida orara em frente àquele crucifixo e

por isso achava que, junto ao mesmo, as orações tinham maior significado. Não conseguiu desligar-se dele. De qualquer modo um dia seria de Mariana. No olhar de Mariana era visível a cólera, mas embevecida como estava, Efigénia não deu por isso.

À despedida Mariana prometeu passar a visitar a tia com frequência. Parecia a Efigénia estar a viver um sonho. Também lhe sugeriu que aparecesse lá por Lisboa....Como se a velha senhora fosse capaz de enfrentar sozinha tal jornada. Mas D. Efigénia, ou porque se tentava enganar a si própria, ou porque o coração falava mais alto que a razão, em tudo vislumbrava afeto e carinho da sobrinha. Mal sabia que não a tornaria a ver ... Passados uns dias uma camioneta veio buscar a mobília.

A partir desse dia Efigénia, mal sentia o carteiro, corria para a caixa do correio tal como corria para o telefone logo que a campainha tinia ou para a porta quando algum carro ao passar perto abrandava. Tentava iludir-se a si própria. Deixou de sair de casa pois tinha medo que Mariana chegasse dum momento para o outro E assim isolada viveu os últimos anos da sua vida agarrada a uma ilusão em que ela própria, no fundo, por certo não acreditava.

Mariana voltou a aparecer, mas para o funeral de Efigénia. Entrou na capela mortuária sem lágrimas e sem flores. Dirigiu-se à Laurinda e, secamente, pediu-lhe as chaves da casa do adro.

Asas de anjo³

(...) Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama

mas que seja infinito enquanto dure.

Vinicius de Moraes, em "Soneto da Fidelidade"

A imaginação de Alice era de tal modo prodigiosa que a própria Alice ficava convencida da realidade das fantasias que imaginava. Foi assim que deu em contar a todos os meninos da escola que em tempos tinha sido anjo e que, se quisesse, podia voltar a sê-lo em qualquer momento. E esta fantasia surgiu quando um dia, vasculhando uma arca no sótão à procura de brinquedos velhos, encontrou umas asas de anjo, impregnadas de naftalina e embrulhadas em papel de seda já amarelecido pelo tempo.

Habituaados às suas fantasias, os colegas não se deixaram entusiasmar muito pela ideia. Mas como não há regra sem exceção, aí estava Samuel. Samuel sempre sonhara voar e por isso aquela ideia fantástica não o deixava dormir.

Tu já foste mesmo anjo?

Que melhor prova Alice podia dar do que mostrar-lhe as asas? Por isso arrastou-o até ao sótão. Samuel ficou extasiado e um pouco a medo perguntou:

E se puseres as asas voas?

Só se eu quiser, respondeu Alice.

E se eu puser as asas também posso voar?

Só se eu quiser, respondeu de novo Alice.

³ Menção honrosa no Concurso promovido em 2006 pela Escola Rainha D. Leonor, Lisboa

Mas por mais que Samuel suplicasse, Alice nunca quis, nem uma coisa, nem outra.

Samuel e Alice cresceram. Deixaram a escola, foram para o Liceu. A família de Samuel mudou-se para a capital e por isso só se viam, por vezes, nas férias de verão. Aos treze anos, precisamente durante as férias de verão, apaixonaram-se um pelo outro, ela talvez por causa dos seus olhos cinzentos esverdeados, ele talvez perturbado pelas pequenas protuberâncias que começavam a emergir por baixo do vestido de Alice. Mas como acontece em geral às paixões precoces de adolescentes, acabadas as férias, a paixão também se esfumou. Durante o curto idílio nenhum voltou a falar das asas do anjo, talvez porque ambos se sentissem um pouco envergonhados, ela pela efabulação, ele pela ingenuidade. Acabado o Liceu e passados mais de 25 anos, nunca mais Alice vira ou ouvira falar de Samuel.

Há cerca de cinco meses, Alice foi participar numa workshop sobre "Comportamentos Desviantes" que teve lugar em S. Paulo. O Airbus A-340 acabara de levantar voo e já se ouvia a voz maviosa da hospedeira, saudando, desejando boa viagem, dando instruções sobre o uso do colete de salvação, naquela arenga habitual a que Alice, por sistema, não dava a menor atenção. Mas desta vez algo fez click na sua cabeça- a referência ao Comandante Samuel Lanheses. Se o nome fosse muito vulgar, Alice nem se teria apercebido ou, quando muito, teria admitido tratar-se apenas de coincidência onomástica. Mas Samuel Lanheses só podia ser o Samuel que conhecera na infância, que sempre sonhara voar e por certo concretizara o seu desejo.

Alice ficou tão alvoroçada como se fosse uma criança a quem tivessem anunciado uma visita à Disney World. Logo que foi

oportuno identificou-se perante uma hospedeira a quem disse que conhecia o Comandante desde criança e que gostaria de o rever. Só depois Alice considerou. E se não fosse a mesma pessoa? Desculpar-se-ia pelo equívoco. Mas quando o Comandante se aproximou, Alice não teve dúvidas em reconhecer aqueles inconfundíveis olhos cinzentos esverdeados. O Comandante, de início não parecia recordar nada. Já tinham passado muitos anos e, talvez por isso, conversavam pouco à vontade. Mas, de repente, o rosto do Comandante iluminou-se e a pergunta emergiu abrupta:

Eras tu que tinhas umas asas de anjo?

Esta descoberta originou uma gargalhada sonora de parte a parte. A partir daí a conversa fluiu com naturalidade.

E pensar eu que eras tu que me suplicavas para eu te deixar voar com as minhas asas... Hoje sou eu quem voa porque tu comandas o pássaro que me transporta.

Quando o avião aterrou no aeroporto de Guarulhos, Alice apercebeu-se de que nem sequer tinham trocado contatos pelo que o mais provável seria não se voltarem a ver. Foi por isso com algum espanto que, passados oito dias, ao atender o telefone no hotel onde se encontrava hospedada, ouviu a voz de Samuel Lanheses.

Não imaginas como gostei de te rever. Só depois de terminar o voo é que me apercebi de que não tinha ficado com o teu contato. De modo que tive que me por em campo para o conseguir. Falo-te de Lisboa e amanhã parto para Caracas. Já tenho o teu contato em Portugal. Quando regressares vamos combinar um encontro, a fim de conversarmos com mais calma.

Foi assim que Alice e Samuel retomaram uma velha amizade. Aliás, hoje é muito mais que amizade...É que Samuel quis um dia

ir recordar os lugares de infância que partilhara com Alice. Em casa de Alice não resistiu à tentação de rever as asas de anjo. Foram ambos ao sótão. As asas lá continuavam, parcialmente reduzidas a pó por falta de naftalina e embrulhadas no papel de seda, cada vez mais amarelecido. Não sei se por magia das asas de anjo, a dada altura Samuel beijou Alice e depois tudo aconteceu num crescendo de ternura e de paixão. Voaram numa louca aventura, para muito, muito longe. Amaram-se intensamente e de uma forma como nenhum dos dois alguma vez amara alguém.

Será esta paixão serôdia tão efémera como a paixão precoce dos seus treze anos? Estou em crer que não. Desta vez talvez tenham por padrinho o anjo a quem pertenceram as asas. Por padrinho ou por madrinha? Quem sabe qual o sexo dos anjos?

O retrato

"Como se pode fazer arte sem paixão? O artista pode dominar a arte mais ou menos, mas é a paixão que motiva a sua obra. Dizem que toda a minha arte provém da inteligência. Não é verdade: tudo o que fiz foi por paixão."

Henri Matisse

Tinha-me separado em maio, cinco meses depois do falecimento da minha mãe. Ainda um pouco desorientada com acontecimentos tão violentos, em agosto resolvi viajar e, estranhamente, escolhi um país que nunca me seduzira muito - os Estados Unidos.

Sempre considerei (ainda hoje considero) que há destinos bem mais interessantes. Mas foi o país que então escolhi. Visitei Los Angeles, Nova Iorque e São Francisco. Como em qualquer viagem que faço e, devido à minha formação, procuro os museus, particularmente os de arte moderna. Foi precisamente no Museu de Arte Moderna de S. Francisco que fui tocada por uma obra de Matisse, o retrato de Sarah Stein. Não sei enquadrar a obra num movimento artístico bem definido. Se uma simplificação em planos simples nos pode remeter para o fauvismo, a cor parece revelar influências cubistas. Curiosamente, o retrato não é sequer o tipo de obra que mais aprecio. Mas o retrato de Sarah Stein mexeu comigo. Talvez porque a serenidade e ao mesmo tempo a forma de olhar me lembraram a minha mãe que tinha perdido há menos de um ano.

Conhecia, essencialmente através de livros de arte, várias obras de Matisse: retratos de sua mulher, *a sala vermelha*, *a*

alegria de viver, a harmonia em vermelho, Notre-Dame, a música, a dança, a conversa, entre outras. Mais tarde tive oportunidade de ver algumas destas obras, nomeadamente no Hermitage em S.Petersburgo. Mas o retrato de Sarah Stein vi-o pela primeira vez em S. Francisco.

Na livraria do museu adquiri uma publicação onde, entre outras obras, se encontram respetivamente o referido retrato e, numa grande simplicidade de linhas, reduzidas à essência, um esboço para o mesmo. Tentei informar-me sobre Sarah Stein e fiquei a saber que foi, nada mais nada menos do que cunhada da escritora Gertrude Stein, dado que foi casada com Michael Stein, um dos irmãos de Gertrude.

Gertrude Stein, o irmão Michael e a cunhada Sarah, visitavam com frequência os Matisse que retribuíam as visitas. Entre Sarah e Matisse ter-se-á gerado uma ligação espiritual forte que terá levado o pintor a comentar: "*Ela conhece a minha pintura, melhor que eu*".

Terminada a viagem, enriquecedora como o são habitualmente para mim todas as viagens, regresssei a casa. Foi então que uma ideia me começou a ferver na mente - pintar um retrato da minha mãe, inspirado no retrato de Sarah Stein.

Tal ideia começou por me parecer absurda pois, como já disse, nunca tive grande fascínio pelo retrato e por isso nunca pintara nenhum, excepto em exercícios académicos durante a minha formação. Mas algo me impelia a pintá-lo. Muni-me de uma série de fotografias da minha mãe tiradas ao longo dos anos e, secretamente, fui fazendo esboços, sobre esboços, na tentativa de passar para o papel os traços mais marcantes da sua

personalidade fantástica - mulher ao mesmo tempo doce, sensível, lutadora, corajosa, generosa, criativa, inteligente.

Levei nesta tarefa um ano. Só então me decidi a enfrentar a tela. Esta fase, também secreta, foi mais curta. Trabalhei com afinco e ao fim de dois meses dei a obra por acabada. Coloquei-a, onde ainda hoje se encontra, na sala, mesmo em frente à porta, de modo a que qualquer um ao entrar tenha que se defrontar com o quadro.

A primeira pessoa a dar de caras com a tela foi a minha irmã. Ficou estática e como uma voz balbuciante perguntou: "*É a mãe, não é?*" E com os olhos rasos de lágrimas comentou: "*Está fantástica*".

De início todas as pessoas que deparavam com o quadro, se tinham conhecido a minha mãe, faziam a mesma pergunta: "*É a tua mãe, não é?*" E os comentários que se seguiam eram muito gratificantes: "*É a melhor homenagem que podias ter prestado à tua mãe*". "*Retrataste não só o rosto mas também a alma da tua mãe*"...

Alguns anos depois conheci o João Paulo, com quem hoje vivo. Quando pela primeira vez foi a minha casa e deparou com o quadro perguntou-me quem era a pessoa ali retratada. De imediato comentou: *Foi o que eu imaginei. Conseguiste retratar uma pessoa sensacional como sempre me tens descrito a tua mãe.*

Ao longo do tempo a nossa relação foi ganhando raízes, mas foi com imensa estranheza que há cerca de três anos recebi um inesperado pedido seu, pedido que me deixou perfeitamente atónita.

Gostava que pintasses um retrato meu. Podia ser a prenda do próximo Natal. Sei que falta quase um ano mas estou a pedir-to já pois provavelmente irás precisar de tempo.

Ainda argumentei com a minha inexperiência em pintar retratos, bem vistas as coisas o único que pintara fora o de minha mãe, mas pediu-me com tal veemência que não consegui recusar.

Tal como fizera com a minha mãe, comecei por colecionar fotos de diferentes fases da sua vida, umas que eram suas da fase anterior ao nosso relacionamento, outras já da nossa vida em comum. Durante meses fui fazendo esboços que ia rejeitando por nunca me satisfazerem. Chegou o Natal e eu ainda não passara da fase dos esboços. Expliquei-lhe e ele, condescendente, ripostou: *Não importa. Mantenho o pedido para o próximo Natal.*

Continuei a trabalhar nos esboços mas tudo o que me saía das mãos não o retratava no seu perfil físico e muito menos no psicológico. No entanto não tive coragem de adiar por mais tempo e, um pouco antes do novo Natal, decidi atacar a tela. Acabei o quadro no dia 23 de dezembro.

Quando à meia-noite do dia 24 começou a distribuição de prendas e o retrato surgiu todos comentaram: *"É um trabalho muito bom mas contrariamente ao retrato da mãe, este não nos reporta imediatamente para o João Paulo."*

Este argumento não constituía novidade para mim. Eu própria sentira sempre isso.

Como voz dissonante apenas a do o João Paulo, que achou o retrato óptimo e disse rever-se no mesmo.

O Natal passou, entrou o novo ano e um dia a minha irmã disse-me: *Há uma coisa que quero comentar contigo e espero que*

não me leves a mal. No retrato que fizeste do João Paulo, eu não vejo o João Paulo mas o António.

Fiquei perplexa, mas embora eu anteriormente não o tivesse percebido era isso mesmo que acontecia. Na verdade, sempre que tentava esboçar o retrato ficava com a sensação de que tinha representado não o João Paulo mas alguém que me era muito familiar.

E a minha irmã prosseguiu: *Lá no fundo, apesar de passados já vinte anos ainda não o esqueceste.*

Lera em tempos um texto atribuído a Matisse, que na altura transcrevi por ter achado muito interessante. As palavras da minha irmã reportaram-me de imediato para esse texto.

"Como se pode fazer arte sem paixão? O artista pode dominar a arte mais ou menos, mas é a paixão que motiva a sua obra. Dizem que toda a minha arte provém da inteligência. Não é verdade: tudo que fiz foi por paixão."

Henri Matisse

A minha irmã tinha tocado na ferida e aí estavam as memórias que ao longo dos anos eu tentara exorcizar.

Uniu-nos uma grande paixão alicerçada num ideal progressista, quando universitários.

Era um jovem muito empenhado na construção de uma sociedade mais justa. Por isso não aceitou a guerra colonial e desertou. Regressou em 74, após a revolução dos cravos, sempre empenhado na luta por uma sociedade melhor. Concluído o curso de medicina, que interrompera quando partiu para o exílio, passou a colaborar em várias organizações humanitárias. Perante a sua generosidade extrema passei a confrontar-me -me com dois sentimentos até certo ponto inconciliáveis. O meu lado mais

generoso sentia um imenso orgulho em ter sido a eleita para viver ao lado de um homem tão fantástico, mas o meu lado hedonista sentia uma grande frustração por não poder desfrutar intensamente da vida de forma semelhante à maior parte das minhas amigas. E essa frustração foi gerando alguns conflitos entre nós.

Foi então que, naquele fatídico maio, tudo aconteceu. É certo que eu andava muito desnorteada com o recente falecimento da minha mãe, vítima de uma doença atroz.

Recebêramos um convite para o casamento de uma amiga, onde eu sabia iriam estar personalidades relevantes, nomeadamente no campo das artes. Precisamente na data do casamento ele teria que estar em África numa missão com que se tinha comprometido. Achei que devia tentar arranjar alguém que o substituísse, de modo a poder acompanhar-me, ao que ele ripostou: *Acho que tu deves ir se os argumentos que invocas são importantes para ti. Mas a minha presença implicaria abdicar do trabalho importante que irei fazer em prol de pessoas carenciadas e isso não faz qualquer sentido. Primeiro nem se trata de uma grande amiga tua, segundo é-me perfeitamente indiferente se essas personalidades que referes vão estar ou não presentes.*

Irritada, ripostei. *Então vai, mas não me procures mais.* E foi isso que infelizmente aconteceu.

Apenas nos encontrámos em reuniões que precederam o divórcio, que decorreu de forma amigável sem quaisquer problemas. Depois deixámos de nos ver. Ou melhor, eu de vez em quando vejo-o ou tenho notícias dele, genericamente através da comunicação social. Sei que as suas férias são genericamente passadas a exercer medicina gratuitamente em países do terceiro

mundo. Num dos últimos verões a comunicação social deu a notícia da sua passagem por Moçambique onde, no Hospital de Maputo, diariamente operou de forma gratuita uma série de pessoas que há muito aguardavam uma cirurgia. Foi essa a utilização que deu ao seu tempo de férias.

Mas discreto como sempre foi, só aparece de forma muito fugaz e se, de todo, não o puder evitar.

Tanto quanto sei não voltou a constituir família e dedica-se de alma e coração ao seu trabalho quer como profissional quer como voluntário.

O meu percurso foi obviamente diferente. O meu mundo é à minha medida, muito mesquinho e pobre quando comparado com o dele. Reduz-se à família e a um conjunto de colegas e amigos. Quanto à minha contribuição para uma sociedade mais justa limita-se aos aspectos que são relativamente cómodos: contribuições monetárias para algumas instituições, contribuição com uma ou outra tela para algumas causas e pouco mais.

E nesse ponto o João Paulo não difere muito de mim. Talvez por isso nos vamos entendendo razoavelmente, numa coexistência rotineira e relativamente pacífica.

E quanto ao retrato? Como o João Paulo nunca conheceu o António, provavelmente não irá encontrar traços seus no retrato. E ainda bem pois talvez se sentisse magoado e eu não quis, nem quero de modo algum magoá-lo.

Felizmente levou o quadro para o escritório. Está mesmo defronte da sua secretária. Para mim isso foi óptimo. Caso contrário, defrontar-me-ia todos os dias com ele e provavelmente não conseguiria espantar os fantasmas que, volvidos vinte anos, ainda não consegui exorcizar completamente.

Uma estranha paixão⁴

*O amor é uma agonia, vem de noite vai de dia,
é uma alegria e de repente uma vontade de chorar.*
Vinícius de Moraes em "Mais um Adeus"

Por uma questão deontológica, é óbvio que não vou desvendar a sua identidade. Chamemos-lhe Edgar.

Cabisbaixo, com um ar tenso, o rosto um pouco crispado, entrou no meu consultório. Cumprimentei-o sorrindo, indiquei-lhe a cadeira e, como é meu hábito numa primeira consulta, fui entabulando uma conversa afável tentando encontrar algum assunto que ajudasse a uma certa descontração do meu novo paciente. Dessa forma descobri que, tal como eu, gostava muito de Woody Allen. A conversa resvalou naturalmente para Match Point e Scoop e aquilo que até aí tinha sido pouco mais que um monólogo assumido por mim, foi-se transformando num diálogo, ao mesmo tempo que Edgar evidenciava já sinais de algum relaxamento. A partir daqui limitei-me a aguardar calmamente que começasse a contar-me o que o trouxera até mim. O preenchimento da ficha ficaria para momento

⁴ 3º lugar no Concurso Internacional Arnaldo Giraldo, Brasil, 2009

mais oportuno. Manteve-se em silêncio durante algum tempo, como que a ganhar coragem.

Pois é doutor. Não sei por que ponta hei de começar. Hesitei muito em consultá-lo. Receio bem que me ache ridículo, ou pior que isso, paranoico. Possivelmente vai achar que de tanto ver Woody Allen, assumi as características que frequentemente atribui à personagem principal dos seus filmes: neurótico e fracassado. Longe disso, doutor. Mas deixe-me então falar-lhe do que me traz aqui. Tudo aconteceu tal qual lhe vou contar. Apaixonei-me aos sessenta anos, como nunca me tinha apaixonado antes. E olhe que eu fui sempre homem de paixões. A primeira, teria aí uns treze anos, foi por uma miúda que vivia na mesma rua e que para os meus olhos tinha uns olhos (os dela, claro) fabulosos. A paixão era tal que deixei de comer, passava a vida à janela só para a ver passar e quando ela passava o coração batia acelerado, sentia suores frios, enfim, uma autêntica tortura. Esta paixão durou uns meses até que um dia a vi enlaçada num colega. Não queira saber o quanto sofri, doutor. Bem me lembrava das recomendações tantas vezes ouvidas. Um homem nunca chora. Mas qual o quê? Chorei que nem um perdido, a ponto de a minha mãe me levar ao oftalmologista por pensar que eu tinha qualquer problema ocular, dado que andava sempre com os olhos vermelhos e inchados. Lá acabei por me resignar e a paixão acabou por se desvanecer, substituída por algumas paixonetas de curta duração que não causaram quaisquer estragos. Apaixonei-me de novo violentamente aos dezoito anos. Dessa vez o que me impressionou à primeira vista, foi um par de pernas assombroso. Tal como da primeira vez, deixei de comer, emagreci, mas tive mais sucesso. Namorámos cerca de dois anos (eu sempre apaixonado, ela nem

tanto) findos os quais a família dela se mudou para outra cidade. Foi o fim. Começaram por escassear as cartas dela até que cessaram de vez. Vou-lhe contar doutor, às escondidas chorei muita lágrima. De novo acabei por me resignar e lá fui sobrevivendo à custa de outras paixonetas que, tal como da primeira vez, não causaram grandes danos.

Apaixonei-me seriamente mais meia dúzia de vezes, mas já não com a violência das duas primeiras, a tal ponto que, passado o ímpeto da paixão, bem mais moderada como já disse, fui eu que acabei sempre por romper. E assim me mantive solteirão até hoje, com ligações episódicas de curta duração. A mais longa durou três anos. As diminuições de ímpeto fui-as atribuindo à idade. Por isso é que esta paixão aos sessenta anos foi muito estranha. Muito mais violenta que qualquer uma das outras.

Como tudo começou? Pois bem é o que agora lhe vou contar, doutor.

O António é meu amigo de infância, um grande amigo. Como acontece muitas vezes, mesmo entre amigos, deixámos de nos ver por uns tempos e um dia encontro-o já casado. Conheci nesse dia a mulher, a Luísa, e a partir daí encontrámo-nos várias vezes. Passei a incluí-la na lista dos amigos por afinidade. Amigo mesmo era e é o António mas dava-me muito bem com a Luísa. Conheci-a há uns trinta anos, veja bem. Pois imagine o doutor que há cerca de um ano e meio entrei casualmente num café onde nunca tinha entrado e ao ver a minha amiga Luísa muito compenetrada em frente a um computador portátil, senti aquilo que sentira aos treze anos, mas de forma muito mais violenta. Parou-me a respiração, comecei a transpirar e o coração começou

a bater acelerado. Não querendo acreditar no que me estava a acontecer, decidi pôr-me à prova e fui sentar-me à sua mesa. Os sintomas agravaram-se a ponto de eu não conseguir perceber o que ela me dizia. Esquivei-me à pressa pretextando um reunião urgente e só quando uma lufada de ar fresco me atingiu, já em plena rua, é que consegui serenar um pouco. Tentei recordar a conversa que tivéramos no pouco tempo em que estive sentado na sua mesa. Recordo apenas que disse gostar de trabalhar no café, pois em casa acabava por se dispersar muito, e que se referiu ao computador portátil que estava a usar, (bonito, por sinal) como sendo o mais leve do mercado. Por essa razão o comprara apesar de ter um écran muito pequeno, não muito aconselhável para a sua idade por ser de difícil leitura.

A partir desse dia a minha vida foi uma tortura tal qual Vinícius de Moraes a descreve naquele poema:

*O amor é uma agonia, vem de noite vai de dia,
é uma alegria e de repente uma vontade de chorar.*

O que é que eu fiz? Bem, é aqui que o doutor me vai achar completamente ridículo. Todos os dias passava pelo café, procurava um lugar de onde a pudesse observar discretamente e ficava horas a contemplá-la, com o coração a arfar, com um aperto na garganta, com vontade de rir e de chorar. Na tentativa de evitar que ela se apercesse da minha presença ia usando alguns "disfarces" que até aí nunca ousara usar: óculos escuros, nem sempre os mesmos, chapéu, cachecol, boné, por vezes uma vestimenta desportiva, sei lá ...Infantilidade minha pois, de tão compenetrada que estava face ao computador, creio que se alheava completamente do que se passava à sua volta. Mas como ia dizendo, todos os dias passava pelo café e, se por acaso ela não

estava, disparava que nem um louco e vagabundeava sem sentido pela cidade. Ao sofrimento causado por uma tal paixão juntava-se um tremendo sentimento de culpa. Afinal tratava-se da mulher de um amigo de infância. Sob os mais variados pretextos passei a recusar todos os convites que António me fazia para almoçar, jantar ou tomar café lá em casa. A tal ponto que uma vez, com ar malandro me disse: Com que então anda moura na costa? Um borrachinho, está-se mesmo a ver, ou não te conhecesse eu tão bem.... Mas não faças caixinha....Apresenta-a aos amigos. Está tranquilo que eu, pelo menos, não ta vou cobiçar... Oh, doutor senti-me corar dos pés à cabeça. Ele percebeu e ripostou. Não cores. Não é vergonha nenhuma um homem apaixonar-se. Só que na nossa idade temos que ter algum cuidado com as emoções fortes. Além disso tens que pôr o coração ao largo, pois lá diz o ditado: Homem velho e mulher nova, ou corno ou cova.

Já imaginou, doutor, ele com aquela brejeirice toda e eu num sufoco, sufoco que durou cerca de um ano e meio.

Sob os tais múltiplos "disfarces", continuei a passar religiosamente todos os dias pelo café só para ficar a contemplá-la enquanto ela, sem dar por nada, trabalhava compenetrada em frente ao portátil miniatura.

Como acabou? Pois também isso é estranho, doutor. Foi no passado fim de ano. Fui convidado para a passagem de ano em casa de um colega. Lá fui, na tentativa de esquecer esta paixão obsessiva e, mal entrei, dei de caras com o António. Não fazia ideia de que o António conhecesse o meu colega. Enquanto António me saudava efusivamente eu só pensava: Se está o António a Luísa também está e eu vou ficar tão perturbado que alguém se vai aperceber, eventualmente o próprio António. Ainda

o ouvi perguntar: Então não trouxeste o borrachinho? Estás muito cioso da tua conquista ou já estás noutra? Sorri, com um sorriso amarelo, e dei meia volta, preparando-me para sair. Foi então que a Luísa surgiu à minha frente.

O que se passou, doutor? Por estranho que pareça, não senti nada a não ser a amizade que outrora lhe devotava. Tentei pôr-me de novo à prova, desta vez por razões opostas. Conversei com ela quase toda a noite, convidei-a para dançar e não senti qualquer emoção especial.

É precisamente isto que me intriga. Se não foi pela Luísa, afinal por quem me apaixonei? Pela cibernauta? Pelo computador? Ajude-me a esclarecer este imbróglio, caro doutor.

Foi já olhos nos olhos e com um sorriso aberto que me lançou estas questões. Progressivamente, a tensão e a crispação iniciais tinham dado lugar a uma postura serena.

Estava na hora de eu entrar em ação. E assim dei início ao preenchimento da ficha.

O Vitral

*A vida se retrata no tempo formando um vitral,
de desenho sempre incompleto, de cores variadas,
brilhantes, quando passa o sol.*

*Pedradas ao acaso acontece de partir pedaços
ficando buracos, irreversíveis. Os cacos se perdem por aí (...)*

*(...) Já achei caco pequeno e amarelinho
que ressuscitou de mentira, um velho amigo (...)*

Maria Antônia Oliveira em "Ceriguela"

Foi como autodidata que me iniciei nas novas tecnologias, inclusive foi como autodidata que comecei a "navegar" na WEB. Como é óbvio, de forma muito primária. Como sou professor de artes decorativas, nomeadamente de trabalho em vitral, um belo dia, pretendendo pesquisar já não sei o quê sobre o tema, e não sabendo nada sobre pesquisa avançada, no motor de busca digitei a palavra **vitral** e obtive pelo menos 200.000 entradas.

Comecei a pesquisa fazendo uma leitura superficial relativamente a cada entrada e quando já pensava desistir, aí na quarta ou quinta página, deparei com uma entrada relativa a poesia on-line, e em que sempre emergia a palavra vitral.

Adoro poesia e, disperso como sou, esqueci o meu objetivo iniciando nova pesquisa, **vitral poesia**. O número de entradas ficou reduzido a metade, mas mesmo assim a pesquisa era ainda uma tarefa ciclópica.

Por curiosidade resolvi fazer novamente uma leitura superficial mas que deu para me aperceber de que a palavra vitral, para além de surgir na célebre *Pedra Filosofal* de António Gedeão,

aparecia em vários poemas nomeadamente *Hora absurda* de Fernando Pessoa e muitos outros. De todos os poemas que li, houve um que me chamou particularmente a atenção, embora nunca tivesse ouvido falar na autora, uma poetisa brasileira.

*A vida se retrata no tempo formando um vitral,
de desenho sempre incompleto, de cores variadas,
brilhantes, quando passa o sol.*

*Pedradas ao acaso acontece de partir pedaços
ficando buracos, irreversíveis. Os cacos se perdem por aí (...)
(...) Já achei caco pequeno e amarelinho
que ressuscitou de mentira, um velho amigo (...)*
(Maria Antônia Oliveira)

Porquê este poema? Porque ao lê-lo lembrei-me imediatamente da minha amiga Mafalda.

Mafalda dedicava-se à arte do falso vitral, trabalho que a fascinava. Se fosse ambiciosa poderia ganhar muito dinheiro pois os seus trabalhos tinham sempre comprador. Mas Mafalda nunca dera muita importância ao dinheiro. Mafalda trabalhava por paixão. Aliás Mafalda só sabia viver de uma forma apaixonada, fosse pelo trabalho, pela família ou por uma qualquer causa em que se envolvesse.

Nas amizades, Mafalda também se envolvia com paixão, querendo com isto dizer que Mafalda só concebia a amizade como entrega e não como um ato egocêntrico, que pudesse ser contaminado pelo ciúme ou pela susceptibilidade. Por isso tinha relativamente poucos amigos. E mesmo assim ainda os subdividia em amigos muito especiais, amigos especiais ou simplesmente amigos. Mas para qualquer deles o sentido que dava à amizade era o que, no seu poema "Amigos", Vinícius de Moraes lhe atribui:

*(...)A amizade é um sentimento mais nobre
do que o amor, eis que permite
que o objeto dela se divida em outros afetos,
enquanto o amor tem intrínseco o ciúme,
que não admite a rivalidade.
E eu poderia suportar, embora não sem dor,
que tivessem morrido todos os meus amores,
mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos!...*

Mas falávamos da paixão de Mafalda pela arte do falso vitral. Observei-a várias vezes durante o seu trabalho. Começava por pensar no desenho. Os seus desenhos inspiravam-se geralmente em motivos art-nouveau e art- deco ou no abstracionismo geométrico. Passado o desenho ao papel, tratava-se agora de cortar o vidro com a forma e dimensão adequadas. Seguia-se a limpeza cuidadosa do mesmo, com álcool. Estes eram os passos preliminares.

Seguidamente começava um trabalho minucioso de repetir no vidro o referido desenho, colocado por baixo. Usando fita de chumbo de base autocolante, que ia sendo cortada, recortada e dobrada, Mafalda repetia no vidro as linhas, rectas ou volutas, que iam dando forma aos motivos do vitral. Findo este trabalho, ao qual dedicava muitas horas, Mafalda soldava, com solda a frio, os diferentes troços de chumbo.

A partir daqui começava a pintura e também esta requeria os seus preliminares. Era nesta altura que Mafalda decidia das cores a utilizar. Só um dom muito especial poderia permitir a Mafalda fazer uma escolha tão perfeita das cores a combinar, por mais diversas que fossem as opções.

Vinha finalmente o momento que eu mais gostava de acompanhar, aquele em que as tintas começavam a sair das bisnagas para o vitral, preenchendo aqueles espaços tão prodigiosamente criados. Findo este trabalho restava aguardar que as tintas secassem.

E assim Mafalda ia criando e enchendo o seu sótão de trabalhos, que ali repousavam até que surgisse algum convite para expor. Como disse, Mafalda venderia tudo o que quisesse mas gostava mais de dar do que vender pelo que, antes de qualquer exposição, selecionava os melhores trabalhos aos quais acrescentava a referência "coleção particular". Quando uma vez lhe perguntei a razão desta forma de proceder respondeu-me:

Neste momento pertencem a uma coleção particular, a minha. Mais tarde irão provavelmente pertencer a outras coleções particulares.

E era desta forma que os trabalhos de Mafalda iam passando para as mãos dos amigos, a quem os oferecia com todo o afeto.

Para os amigos muito especiais, Mafalda ia mais longe. O trabalho era desde logo pensado para aquele amigo. E de tal forma que chegava a andar angustiada e tensa enquanto não conseguia imaginar algo que tivesse muito a ver com a pessoa a quem o vitral se destinava. Por vezes, terminado o trabalho, achava que não estava à altura daquilo que pretendia e lá ia ele repousar no sótão, até uma nova exposição onde, por certo, iria ser vendido.

A história que lhes vou contar, tem precisamente a ver com uma destas obras pré destinadas.

Mafalda decidiu um dia destinar um vitral a Helena, a sua maior amiga. Ainda naquilo a que já chamámos os passos

preliminares, passou por aquele conjunto de emoções que alguém já descreveu desta forma:

*Num turbilhão de emoções o sangue arde, crepita,
o corpo sua, tiritá, a mente toda se agita
em tremendas convulsões.*

*Sob uma angústia infinita e a sensação de abandono,
perde-se a fome e o sono, cuida-se de ensandecer.*

*Depois de dura agonia, após a obra nascer
surge uma branda acalmia....*

Concluídos os passos preliminares iniciou-se o tal trabalho minucioso de moldar o chumbo à feição do desenho. Finalmente a pintura, após a prodigiosa seleção de cores.

Quando se avizinhava a conclusão do vitral, um pequeno descuido, um pequeno toque com o braço e eis o vitral a desfazer-se em estilhaços no meio do chão.

Mafalda não conseguiu controlar as lágrimas provocadas por um misto de desalento, de tristeza, de frustração. Mas só havia um caminho a tomar. Recomeçar, com a vantagem de já partir após os passos preliminares.

Eis de novo a fita de chumbo a contorcer-se em volutas gerando flores e folhas, eis a dança das cores preenchendo os espaços ... E foi então que, inesperadamente, o gato saltou para cima da mesa precisamente para cima do vitral que estava parcialmente apoiado. Mafalda esfregou os olhos. Tinha que ser um pesadelo. Nunca até então partira um vitral. Desesperada escondeu o rosto entre as mãos e chorou copiosamente enquanto o gato fugia assustado com todo aquele estardalhaço.

No entanto Mafalda nunca foi mulher de cruzar os braços e no dia seguinte lá estava ela de novo para recomeçar. Desta vez,

do início, pois mesmo não sendo supersticiosa, começava a acreditar que havia qualquer coisa de errado com o trabalho, provavelmente o próprio desenho que não seria adequado à personalidade de Helena.

Novamente a angústia do ato criador, a meticulosidade no ato de contorcer a fita de chumbo, obrigando-a a obedecer às mãos e aos dedos de Mafalda. Mais uma vez a soldagem, a escolha das cores, a pintura e a secagem. Parecia que finalmente tinha conseguido.

Desta vez não havia gato pois, desde o último incidente, Mafalda tinha o cuidado de assegurar o não acesso do gato à sua sala de trabalho. Quando, na fase de embalar o vitral, se preparava para o proteger com duas placas de esferovite, a esfera de vidro multicolor rolou na estante e foi cair precisamente em cima do vitral pousado na mesa.

Mafalda chorou, praguejou, o que não era habitual e, sem sequer reparar que estava com a bata de trabalho, pegou na carteira, bateu a porta e saiu. Só na rua se deu conta da figura em que estava e decidiu regressar a casa.

Tinha deixado o telemóvel em cima da mesa de trabalho e ao chegar reparou que tinha uma mensagem na caixa do correio.

SOS

Por favor não te esqueças. Vai ter comigo ao sítio do costume por volta das 6 horas. É urgente

Que estranho... Não identificou o número pelo que supôs tratar-se de um engano.

Anda tudo louco, comentou para consigo mesma. *Vou arejar senão quem fica louca sou eu.*

Meteu-se no carro, à partida sem destino, mas lembrou-se que já há muito tempo não ia ao salão de chá da Boa Nova e foi para lá que se dirigiu. Quando chegou, ao ver o marido ficou um pouco surpresa mas ao mesmo tempo satisfeita.

Isto foi transmissão de pensamento?

Pareceu-lhe que Alexandre estava um pouco inquieto.

Passa-se alguma coisa?

Por que perguntas isso?, respondeu Alexandre

Por nada, achei estranha a coincidência, mas foi uma boa coincidência.

Alegando ter que ir à casa de banho, Alexandre ausentou-se por instantes. Regressou e Mafalda contou-lhe do seu último desaire com o vitral que queria oferecer a Helena e falou-lhe ainda na estranha mensagem que recebera.

Só pode ter sido qualquer engano e alguém desesperado está algures esperando alguém, que possivelmente não aparece.

Alexandre não fez qualquer comentário e limitou-se a relatar o seu dia de trabalho.

Já há tanto tempo que aqui não vínhamos, comentou Mafalda.

Tens razão, ripostou Alexandre. *Para comemorar, hoje vamos jantar aqui.*

Como ainda faltava algum tempo para a hora de jantar, decidiram passear um pouco junto ao mar. Estava um fim de tarde calmo, pelo que o ambiente criado pelo rebentar das ondas, pelo cheiro a maresia e pela luz coada de fim de tarde era um ambiente um pouco quimérico. Mafalda ia progressivamente esquecendo toda a sua raiva e frustração.

Jantaram recordando velhos tempos e no meio dessas recordações muitas vezes apareceu Helena, a grande companheira de todos os momentos.

Era já quase meia noite quando regressaram a casa. Ainda nas escadas, sentiram tocar o telefone. Foi Mafalda quem atendeu.

*Como? Tem a certeza? Não pode ser. Vamos já para aí
Que se passa?* - perguntou Alexandre.

Mafalda abraçou-o e, chorando convulsivamente, com a voz entrecortada pelos soluços, respondeu:

Era a mãe da Helena. A Helena suicidou-se.

Em ambos a perplexidade e a dor estampadas no rosto.

Mas porquê? Porquê? Repetia continuamente Helena. *Que problema grave a perturbaria tanto a ponto de cometer esta loucura? Eu era a sua maior amiga, por que razão nunca me confidenciou nada? Devo ter estado muito desatenta para não me ter apercebido de nada. Sinto-me culpada.*

Alexandre permanecia calado com o olhar vago e perdido como se o seu pensamento estivesse muito, muito longe.

Durante os dias que se seguiram Mafalda permaneceu como que em estado de choque enquanto que Alexandre se mantinha absorto e simultaneamente num estado de grande prostração. Parecia que o mundo tinha desabado para ambos.

Ao fim de algum tempo, e para tentar reagir, Mafalda regressou ao trabalho e começou, de novo, o vitral que haveria de ter sido para Helena.

Talvez porque estava sob um sentimento de dor muito intenso, talvez porque a entrega ao trabalho fosse maior que nunca, nenhuma obra anterior se lhe podia comparar (e como

disse a maior parte das obras que tinham saído das mãos de Mafalda eram excelentes).

Helena colocou-a na sua sala de trabalho mesmo em frente à sua mesa. Foi sem dúvida uma atitude masoquista pois de cada vez que a olhava a lembrança de Helena surgia na sua mente.

Tinham passado já alguns meses sobre a morte de Helena. Mafalda continuava a tentar entender o que teria levado Helena a uma atitude tão drástica. Reconstituindo mais uma vez os dias que a antecederam, Mafalda foi de repente invadida por uma dúvida tenebrosa.

Será que?....

Não queria admitir tal pensamento. Considerava-o demasiado absurdo para poder ter consistência. Mas, subtil, ele emergia muitas vezes. A mensagem no telemóvel, o que se passou no Boa Nova....

Será que?...

Não ousava interpelar Alexandre a esse respeito. Seria ofensivo, por certo. Tentacular, a dúvida ia-se insinuando, insinuando. Bastava Mafalda olhar para o vitral para que aquele pensamento malévolo se instalasse.

Será que?....

Talvez o vitral fosse o responsável. Um dia pegou num martelo, fez o vitral em pedaços. Além do mais o vitral era destinado a Helena e Helena partira.

Não sei se por sugestão ou se por qualquer outra razão de ordem metafísica, após partir o vitral, a dúvida deixou de a perseguir. Tranquilamente pensou:

Suponhamos que a minha dúvida tinha razão de ser. Que importa agora? Helena está morta e o que ninguém me pode tirar são anos e anos de verdadeira amizade.

Viu em retrospectiva toda a sua vida, onde a presença de Helena foi sempre uma constante. Recordou quando em pequeninas brincavam com bonecas, quando, mais crescidas, iam apanhar medronhos no inverno, folhas secas no outono, flores silvestres na primavera, amoras no verão. Recordou a entrada para a escola, para o liceu e para a universidade, as confidências na adolescência, as cumplicidades assumidas em tantas e tantas ocasiões. Recordou todos os momentos difíceis da sua vida e da de Helena e em todos eles uma solidariedade biunívoca, sempre presente.

Mesmo que a dúvida tivesse tido razão de ser, Mafalda não podia permitir que uma amizade tão forte durante tantos anos, pudesse ser destruída por um episódio fortuito. Helena foi e será para sempre a melhor amiga de Mafalda.

Esta é a história de Mafalda e Helena, ou talvez a história de um vitral ou, se preferirem, a história de uma grande amizade.

Poderão perguntar-me como é que tomei conhecimento desta história. Só esta minha habitual dispersão de pensamento me poderia ter levado a lembrar este assunto que tento esquecer a todo o custo. Foi por essa razão que, passado algum tempo após a morte de Helena, vim viver para a Nova Zelândia e nunca mais tive notícias de Mafalda. Também é certo que se decidisse contar-lhes como a história chegou até mim, corriam o risco que acabasse por lhes contar não essa mas uma outra história qualquer. É que, para além de ser disperso, já atingi

aquela idade em que para procurar as chaves do carro, que deixei não sei onde, perco os óculos e depois, para procurar os óculos volto a perder as chaves do carro e quando reencontro as chaves do carro perco as chaves de casa. ...

Mas quem sabe, talvez um dia lhes conte, ou talvez não....

O Uri

(...) Tão pequenas a infância, a terra.

Com tão pouco mistério.

Chamo às estrelas rosas.

E a terra, a infância,

Crescem no seu jardim aéreo (...)

Carlos Oliveira em "Infância"

Agosto de 1969. Sobrevoou o atlântico com destino a Bissau. O meu batismo de voo. O avião fez escala no Sal e ainda tenho a sensação da extrema humidade que me envolveu quando saí do avião.

Agora, por sobre as nuvens, vejo o sol nascer. Gostaria de ter "engenho e arte" para descrever quão fantástico é este espetáculo.

Cá estou eu, de novo perdida nas minhas longínquas recordações. E tudo por causa do "uri" que fui desencantar quando, para mostrar à minha neta, procurava no baú do sótão a minha boneca Margarida, que andava e dizia mamã e papá.

É certo que recordo muitas vezes as minhas duas idas à Guiné. Por vezes basta-me olhar para a capulana, em tons de azul, que tenho na parede ao fundo das escadas que levam ao 2º andar⁵, ou para as fotos no álbum, ou ainda para a bilha de Teixeira Pinto ou para o cesto de Contubuel. Mas desta vez, ao

⁵ na Guiné não se usava o termo capulana, era simplesmente "pano"

encontrar o uri, as lembranças invadiram-me com uma intensidade inusitada.

O avião acaba de aterrar. Já vejo o Rui na sua farda de alferes, alferes miliciano por força da guerra cujo espectro paira, como espada de Demóstenes, sobre a cabeça de todos os jovens varões.

Pensou ainda em fugir, como tantos outros fizeram, mas foi adiando a decisão e acabou por se ver embarcado no navio Ana Mafalda com destino à Guiné. Felizmente foi mobilizado para Bafatá, onde praticamente não havia guerra, embora o obus de Piche, que se ouvia ribombar todos os dias, se encarregasse de lembrar quão sem sentido era ali a palavra paz.

E parece-me ouvir o obus de Piche ao pôr do sol e, simultaneamente, recordo-me da indescritível beleza do pôr do sol naquelas paragens.

Olho, estupefacta, o chão do aeroporto. Nacarado pelas inúmeras asas de insectos efémeros cuja vida cessou durante a noite.

Ouçó, junto de mim, uma voz arrastada: “Parte um peso”. E vejo a meu lado, envolvido num pano de tom cinza, um velho de rosto muito enrugado mas simultaneamente muito belo, que me estende a mão. Rui explica-me o sentido da frase. Em vez de me pedir para lhe dar uma moeda de um peso, pede-me para a repartir com ele. Bonita expressão.

A beleza do rosto deste velho fui encontrá-la em outros rostos que revejo, folheando o álbum de fotografias. Vejo também jovens e crianças, mulheres envoltas em panos coloridos transportando os filhos nas costas, homens deitados no chão, voltados para Meca nas horas de oração. Fotografias belíssimas em

que Rui, amante de fotografia, conseguiu captar como que a beleza visível e a invisível, o explícito e o implícito.

Viajo agora de Bissau para Bafatá num Dakota velhíssimo tendo vários companheiros de viagem, alguns um pouco estranhos como galináceos e cabritos.

Continuo a folhear o álbum. Um conjunto de mulheres jovens que, envoltas em panos dum colorido exuberante, transportam recipientes com água sobre a cabeça.

Estou na tabanca da Ponte Nova. Vim ver a arte de colorir os panos. Ali está um belíssimo em tons de azul. É mesmo aquele que eu quero. Já tem destino, a parede ao fundo das escadas que levam ao 2º andar.

E de novo as imagens no álbum. Imagens belíssimas do pôr do sol. E eis que surgem o Braima, a Binta, o Carlos e o Domingos.

O Dakota aterra na pista onde se encontram várias pessoas. Desperta-me a atenção o olhar curioso de algumas crianças de sorriso brilhante. Tento conversar com elas mas recuam timidamente e acabam por fugir embora, furtivamente, se voltarem para olhar.

Chego a casa. Simples mas acolhedora. Um pequeno jardim à frente, com uma mangueiro. Três degraus e eis uma varanda coberta, a todo o correr da fachada, e uma porta de acesso ao interior.

Há anos, durante a campanha eleitoral que levou Kumba Yalá à presidência, vi a casa numa reportagem da TV. O mangueiro frondoso, as paredes já desbotadas e a varanda, essa, apinhada de gente.

Chego à varanda, vejo algumas crianças a espreitar do outro lado da rua. Parecem-me as mesmas que ontem estavam na pista quando o Dakota aterrou. De novo tento entabular uma conversa com elas, mas a tentativa é infrutífera e acabam por se afastar, olhando furtivamente para trás.

Como justificar este comportamento? Apenas timidez ou sentem que de certa forma represento o colonizador indesejável, o militar que vem combater o libertador? Que pensarão estas crianças da guerra?

A fotografia à porta do café do Infali.

*Nha na bai tomá kafé?*⁶

Mas isso foi algum tempo depois, quando a timidez deu lugar à confiança que lhes permitia saudar-me e dar-me conta dos seus passos, ao passarem na rua, muitas vezes a caminho da fonte.

*Nó na bai fonti*⁷

Outras vezes, se nada havia para fazer, abriam o portão, entravam no quintal, subiam as escadas de acesso à varanda, sentavam-se no chão e esperavam que a porta se abrisse e eu aparecesse umas vezes de mãos vazias, outras com um pequeno agrado como uma guloseima ou um lápis.

*Nó na bai papia com bó*⁸

Quando lhes pedi para me ensinarem algumas palavras e frases em crioulo olharam-me sorrindo com um ar desconfiado, um pouco malicioso. Mas, pouco a pouco, começaram a levar a sério a sua tarefa. E assim fui aprendendo alguma fonologia,

⁶ A senhora vai tomar café?

⁷ Vamos à fonte

⁸ Vamos conversar consigo

possivelmente um pouco adulterada pela minha interpretação dos seus sons. Se as crianças soubessem escrever teria sido mais fácil pois a grafia ajudaria a melhor compreender a fonética.

*Mi ka ôbi português.*⁹

De tal modo se empenhavam na sua tarefa que chegavam a dizer-me que não me entendiam para me forçarem a tentar falar a sua língua,

Sei que tenho algures uma cassete com gravações das suas conversas. Mas onde estará ela, passados tantos anos?

*Bô na disquice tudo....*¹⁰

Ouçõ a vozita na gravação. Um pouco agastado porque já não me recordava de algumas palavras que tinha aprendido na véspera. Qual deles seria? A voz da Binta é fácil de distinguir, mas as outras... Já passaram tantos anos...No entanto, tenho quase a certeza que esta é a voz do Carlos.

Tão pequeninos ainda. As suas idades rondavam os seis, sete anos. Além de me ensinarem o pouco crioulo que na altura aprendi e que agora recordo já com dificuldade, ensinaram-me também a jogar o uri¹¹.

Para o jogo, em que entram dois jogadores, é necessário um tabuleiro com uma série de cavidades distribuídas em duas fileiras e duas cavidades maiores, uma em cada extremidade. As peças de jogo são sementes, nomeadamente de um arbusto chamado uri (ouri ou ori) que terá dado o nome ao jogo, pedras ou pequenas contas que são colocadas e transferidas pelas casas durante o jogo.

⁹ Não entendo português

¹⁰ Você esquece tudo

¹¹ Uri, ori, ouri, é o nome pelo qual é conhecido na Guiné e em Cabo Verde o jogo da mancala, um dos jogos mais tradicionais de África

As nossas peças eram pedras e, como não dispúnhamos de tabuleiro, desenhávamo-lo na terra do quintal.

Tive mais sucesso na aprendizagem do uri do que na aprendizagem do crioulo, mas hoje pouco resta de qualquer delas, pelo que já não sei descrever as regras do jogo. O certo é que, quer eu quer as crianças nos divertíamos e entusiasmávamos a jogá-lo.

De novo no avião, mas de regresso à metrópole. Acabaram as minhas férias. Comigo viajam o pano destinado à parede ao fundo das escadas que levam ao 2º andar, a bilha de Teixeira Pinto e o cesto de Contubuel, ofertas do Rui.

O sentimento que agora me envolve é o oposto do que me envolvia na viagem que há dois meses fiz em sentido contrário. Parto com tristeza, já cheia de saudades. Do Rui, obviamente, mas também da terra, das suas cores, dos seus cheiros, dos seus sabores e das crianças. Fazem-me já falta o seu riso cristalino, a algarviada das suas vozes, a alegria da sua infância.

Foram despedir-se de mim à pista. Já no ar, ainda via os seus bracitos oscilando, dizendo adeus. Mas estavam com um ar triste, embora lhes dissesse que voltaria no Natal.

Ka jubi, ka obi, ka miste, na jubi, na obi, na miste.¹²

No tempo que mediou entre a partida e o regresso, embrenhada no trabalho, não tive tempo para pensar nas lições de crioulo que esperava retomar quando chegasse.

Hoje já pouco recorro do crioulo que aprendi. Ao ouvir a cassete já não entendo o significado de muitas frases, tal como ao olhar para o uri que encontrei no baú, me apercebo de que não sei mais como se joga. Mas, curiosamente, ao retirá-lo do baú,

¹² Não vejo, não ouço, não quero, vejo, ouço, quero

surgiram-me com toda a nitidez os rostitos das crianças. São assustadoras a voracidade do tempo e da memória que apagam tantas memórias mas, inexplicavelmente, conservam intactas tantas outras.

O Dakota prepara-se de novo para aterrar na pista de Bafatá. As crianças sabem da minha chegada, pois quase diariamente inquiriam o Rui.

Desço do avião e correm para mim numa alegria contagiante. Vejo que a Binta traz qualquer coisa debaixo do braço. Ao chegar junto de mim, entrega-me timidamente o objeto. E quando o observo não consigo evitar que duas lágrimas teimosas me escorram pelo rosto.

Num pedaço de madeira, toscamente, tinham escavado um uri, o mesmo que eu encontrei no baú do sótão.

Vejo que as crianças ficam um pouco confusas ao ver-me chorar. Abraço-me então a cada uma delas e digo – lhes no meu crioulo tão deficiente: Mi gosta¹³Binta, mi gosta Braima, mi gosta Carlos, mi gosta Domingos.

Dirijo-me para casa e as crianças acompanham-me. Retiro do saco de viagem umas lembranças que trouxe: uns lápis, umas borrachas, uns apara-lápis, uns cadernos e uns chocolates. Reflito sobre a pobreza das minhas lembranças quando as comparo com a lembrança que me deram, dum valor infinitamente superior.

Recordo a expressão “parte um peso” que tantas vezes ouvi, após aquela primeira vez, ao desembarcar em Bissau. Expressão bonita...

¹³ Gosto de...

Que “parti” eu com eles? Afetos, por certo, mas recebi muito mais que aquilo que dei. Jamais eu poderei esquecer aquelas crianças.

A cassete chegou ao fim. Fecho o álbum e a imagem das crianças apresenta-se-me com toda a nitidez. Parece-me ouvir as suas vozes e o seu riso de cristal. Que será feito delas hoje? Por certo nenhuma se lembrará de mim. Foram efémeras as lembranças que lhes dei. Eu, pelo contrário, tenho um uri que não é efémero e que me leva a recordá-las com nitidez nos seus seis, sete anos. E hoje? Serão por certo pais e até avós, dado que geralmente casam muito novos. Ainda viverão em Bafatá?

Ainda viverão? E quando me faço esta pergunta sinto um enorme aperto no peito.

A comenda¹⁴

*Uns, com os olhos postos no passado,
veem o que não veem, outros, fitos
os mesmos olhos no futuro,
veem o que não pode ver-se (...)*
Ricardo Reis

A mesa de jogo herdada da minha bisavó, há muito perdera as suas funções. Encostada a uma das paredes da sala da minha avó, a aba do tampo forrada de feltro verde tal como o próprio tampo, encostava à parede na vertical, criando assim um fundo onde se destacava um conjunto de objetos pousados sobre o tampo: fotografias de antepassados, a caixinha de rapé e o monóculo do meu bisavô, um tinteiro em cristal com tampa de prata, assente num suporte esculpido no mesmo metal, onde assentavam também várias canetas e penas. Mas o objeto que exercia sobre mim um fascínio irresistível era uma caixa azul prússia com as dimensões aproximadas de 5 x10 x 25 cm.

Ali não se mexe. Era esta a recomendação bem explícita extensiva a qualquer dos objetos sobre a mesa, mas a caixa era o único que constituía uma tentação para mim.

Sempre que entrava na sala da minha avó o meu olhar dirigia-se para a mesa de jogo, muito em particular para o canto onde a caixa se encontrava. De tal modo eu fixava a localização da

¹⁴ 2º lugar no XXIX Concurso Internacional Arnaldo Giraldo, Brasil, 2010

caixa que era capaz de detectar pequenas alterações na sua posição. Nunca me atrevi a perguntar qual o seu conteúdo e admito que o não fiz porque, ser eu a descobri-lo, faria parte da aura que envolvia a caixa.

Mas a tarefa não era propriamente fácil. A sala era o ponto de encontro. Ali, em redor da matriarca, reunia-se a família aos domingos para almoçar. A reunião prolongava-se pela tarde fora e depois de um lanche ajantarado começava a debandada. De seguida a sala era fechada e assim permanecia toda a semana à exceção das aberturas necessárias para limpeza e arejamento, durante as quais me era vedado entrar.

Durante a semana as refeições faziam-se na saleta ao lado da cozinha, que era simultaneamente uma sala de estar. Um grande armário de mogno albergava os brinquedos dos mais pequenos pelo que, quando estes estavam presentes, a saleta era palco de atividades lúdicas.

Uma vez, aproveitando uma breve ausência da minha avó, saí pé ante pé da saleta e tentei entrar na sala. Rodava a maçaneta da porta com todo o cuidado quando ouvi a voz da minha avó: *Onde é que o menino quer ir?*

Senti-me corar dos pés à cabeça aos e inventei a desculpa de que tinha perdido um brinquedo e ia procurá-lo na sala. Claro que era uma desculpa esfarrapada. Ninguém estava autorizado a levar brinquedos para a sala pelo que a probabilidade de aí se perderem era praticamente nula.

Quanto mais difícil se tornava a tarefa, mais eu sonhava em levá-la a cabo. Foi então que me surgiu a ideia de que o delito teria que ser praticado de noite, quando a minha avó estivesse a dormir. Era muito raro dormir em casa da minha avó mas um

enfarte do miocárdio do meu avô paterno veio criar as condições para que tal ocorresse.

Os meus pais tiveram que se deslocar à Beira e eu fiquei com a minha avó. A minha intenção era manter-me acordado até ter a certeza de que ela já dormia e então empreender a aventura. Fui retardando a hora de deitar mas a dada altura a minha avó foi inflexível. *Não são horas para o menino se manter acordado.* Fui deitar-me e passado pouco tempo a minha avó chegou, como era habitual, para me aconchegar a roupa e dar um beijo na testa. Fingi que já dormia. Logo que a minha avó deixou o quarto, abri os olhos e tentei manter-me acordado até pressentir que ela se deitava. Mas o sono foi mais forte que eu e passado pouco tempo devo ter adormecido.

A dada altura acordei a suar, tremendamente assustado. Sonhara que tinha entrado na sala, pegado na caixa, e ao abri-la tinha-se libertado da mesma um monstro medonho que tentava agarrar-me. Demorei algum tempo a acalmar. Quando tomei consciência que fora apenas um pesadelo, levantei-me e, tacteando para não acender as luzes, fui até à sala, abri a porta que fechei de seguida e só então acendi a luz. Lá estava a caixa como que a chamar por mim. Desta vez eu iria desvendar o mistério...

Dirigi-me para a mesa e talvez por imaginar que a caixa seria pesada puxei-a com uma força desmedida. Talvez por isso o meu braço cedeu e embateu no suporte do tinteiro que se despenhou arrastando na queda o referido tinteiro, as penas e as canetas. A tampa do tinteiro abandonou o mesmo e parte da pouca tinta que continha espalhou-se no chão.

Fiquei apavorado e a tremer mas, estranhamente, em vez de me decidir a organizar tudo o mais rapidamente possível, optei por satisfazer a minha curiosidade há tanto tempo reprimida. Sentei-me no chão e abri a caixa. Não queria acreditar no que via. A caixa estava simplesmente vazia.

Foi então que, em catadupa, as lágrimas começaram a brotar-me dos olhos ao mesmo tempo que uma maré de soluços quase me sufocava.

Não sei se a minha avó acordou com o ruído provocado pela queda ou com o meu soluçar. Só me apercebi da sua chegada à sala quando ouvi a sua voz: *O que aconteceu aqui?*

Parei de soluçar mas não consegui responder. Levantei-me e fui a correr meter-me dentro da cama onde o soluçar recomeçou mal grado os esforços que eu fazia para o impedir.

Admiti que a minha avó irrompesse pelo quarto, zangada, mas tal não aconteceu. Acabei por adormecer e quando ao acordar recordei os acontecimentos ocorridos durante a noite não conseguia arranjar coragem para me levantar. Foi então que a minha avó entrou no quarto dizendo que eram horas de acordar, pelo que me esperava na saleta para tomarmos o pequeno almoço.

Estranhamente não se referiu aos acontecimentos da noite. Teria eu tido um pesadelo e nada teria acontecido? Não, revia tudo com demasiada nitidez para ter sido apenas sonhado. Vesti-me e lavei-me arrastadamente como a que retardar o encontro que temia. Angustiado, dirigi-me para a saleta.

Tomámos o pequeno almoço em silêncio, findo o qual a minha avó falou: *Estou muito triste contigo. Sabias que não tinhas autorização para mexer nos objetos da mesa de jogo. Se querias*

ver algum em especial, ou mesmo todos, tinhas-mo pedido e eu ter-tos -ia mostrado.

Com a voz embargada, balbuciei um pedido de desculpas.

Agora vais pôr tudo em ordem.

Dirigi-me à sala e comecei por limpar o tinteiro e a tinta esparramada no chão. De seguida coloquei no suporte o tinteiro, as canetas e as penas e deposei tudo cuidadosamente em cima da mesa. Quando me preparava para fechar a caixa, causadora de tanta desgraça, a minha avó disse rispidamente:

Vai buscar as peças e guarda-as de novo.

Fiquei parado a olhar para a minha avó, antes de conseguir articular qualquer palavra.

Que peças avó?

As que estavam dentro, obviamente, ou não me vais dizer que se eclipsaram.

Pensei que o mundo tinha desabado. Para além do incidente que tinha provocado, para além da tremenda decepção que tivera ao abrir a caixa, agora a minha avó suspeitava que eu tinha escondido algo que infelizmente não fazia a menor ideia do que seria.

O choro irrompeu abrupto. Chorava convulsivamente quando a Rosa chegou. Deviam ser nove horas pois era mais ou menos a essa hora que iniciava o trabalho.

Quando a minha avó lhe explicava a razão do meu choro a Rosa, com a sua voz calma disse:

Oh minha senhora. O menino tem razão. Espero que a senhora não se zangue comigo mas eu já em tempos abri a caixa. E sabe porquê? Porque sempre que pegava nela para a limpar me interrogava sobre o que poderia lá ter dentro uma caixa tão leve

para o tamanho que tinha. Um dia não resisti à curiosidade e abri-a. Estava vazia.

O olhar da minha avó turvou-se. Estreitou-me de encontro ao peito e pediu-me desculpa por ter desconfiado de mim mas voltou a dizer-me quão triste estava pela minha desobediência.

Agarrei-me ao seu pescoço e pedi-lhe mil desculpas entre lágrimas.

A avó beijou-me mas vi que o seu olhar continuava turvo. Foi então que, com os olhos embaciados, me explicou:

Dentro daquela caixa estava a comenda que o teu avô recebeu das mãos do Presidente da República. O teu avô foi uma pessoa que trabalhou muito para o desenvolvimento da sua terra. Entre muitas outras iniciativas fundou o grupo de teatro e o grupo coral que, sob a sua direção, atuaram em vários pontos do país e no estrangeiro, empenhou-se em várias campanhas de alfabetização para ensinar a ler pessoas que nunca tinham tido essa oportunidade, empenhou-se em campanhas sanitárias para desenvolver hábitos de higiene nas populações. Quando adoeceu doou quase todos os seus livros e quadros à biblioteca local. Por tudo isso foi condecorado com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique.

Nesse momento dirigiu-se à estante de onde tirou uma pasta. De dentro desta tirou duas fotos e uma folha de papel espesso. Era um diploma atestando a atribuição da comenda ao meu avô.

Quanto às fotos, numa delas vê-se o Presidente da República a colocar à volta do pescoço do meu avô uma medalha suspensa de uma fita. Na outra o meu avô exibe a caixa aberta onde se podem ver, com pouca nitidez, uma cruz de esmalte

vermelho, filetada de ouro, uma fita com as cores azul, branca e negra, e uma placa de prata raiada, contendo uma cruz e um círculo branco ao centro.

À medida que ia descrevendo e explicando as fotos e o diploma, algumas lágrimas teimosas que a minha avó tentava evitar, rolavam pelas suas faces.

Aproveitando a reunião semanal da família a avó deu a conhecer o que se passara. Nessa comunicação não valorizou a minha desobediência, apenas a tristeza que sentia e a estranheza pelo que havia constatado.

Desde quando a caixa estaria vazia? Teria sido despojada do seu conteúdo ainda em vida do avô ou só após a sua morte? Em qualquer dos casos quem retirou as insígnias da caixa? Porquê? Para quê?

Por vezes interrogo-me: Será que alguma vez a avó teria dado conta da inexistência das insígnias caso não tivesse acontecido o episódio que protagonizei?

E quando penso que a resposta a esta questão pode ser negativa culpabilizo-me pela minha desobediência. Afinal até ali o conteúdo da caixa, embora inexistente, tornava-a feliz.

Ainda hoje a caixa, sem conteúdo, continua pousada na mesa de jogo. É certo que sem conteúdo já ela estaria, eventualmente há muito tempo. Talvez por isso a avó a mantenha ali ou talvez viva na esperança de que um dia as insígnias regressem à caixa tão misteriosamente como dela saíram.

Vou-me embora para Pasárgada¹⁵

*...Vou-me embora para Pasárgada Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura de tal modo inconsequente
que Joana a Louca de Espanha rainha falsa e demente
vem a ser contraparente da nora que nunca tive.*
Manuel Bandeira em "Bandeira a Vida Inteira"

Ao fim de trinta anos de serviço Raquel acabava de negociar a sua aposentação antecipada. Com a empresa em crise, é a estratégia habitualmente usada pela administração. Invadiu-a uma tremenda angústia. E agora? O que fazer do tempo organizadamente preenchido durante trinta anos? Durante os primeiros tempos deixou-se possuir por um vazio que lhe trazia uma angústia indescritível. Já antes tinha passado por momentos difíceis. Primeiro a morte da mãe. Só que nessa altura havia o pai, Victor, o trabalho, Márcia pequenina (*Um tá a vóvó? Foi no tumbóio ou foi no bião? Cando voltá taz uma penda?*). Tudo junto ajudou a ultrapassar o sofrimento. Mais tarde foi a morte do pai, que doeu ainda mais. Por um lado Raquel sempre fora mais ligada ao pai, por outro, era o último laço a partir-se em relação aos progenitores. Mas também aí havia o trabalho e o esteio firme das presenças de Victor e de Márcia que ainda vivia em casa. Havia ainda a situação desastrosa em que o pai deixara os negócios e as preocupações a isso inerentes. Tudo isso contribuía para ajudar a

¹⁵ Segundo prémio na 7ª edição do Concurso Literário Dr. João Isabel (Câmara Municipal de Manteigas)

preencher o vazio da perda. Já há muito que o pai deveria ter abandonado os negócios pois a perspicácia e a ponderação com que os geria foram-se perdendo com o avançar da idade. Só que afastá-lo seria apressar-lhe drasticamente o fim... Embora a preocupação com os negócios lhe fizesse permanentemente lembrar a perda, a necessidade de resolver o problema ocupava-a. E é aí que entra Pedro....Não fora a sua ajuda e teria ido tudo ao charco. Foram momentos difíceis até porque geradores de um emaranhado de emoções que Raquel não gosta de recordar.

Pouco tempo depois, e sem que nada o fizesse prever, Victor morreu repentinamente. Só então Raquel se deu verdadeiramente conta de quanto Victor a tinha amado durante todo o tempo. Invadiu-a uma angústia profunda onde o tal emaranhado de emoções emergia por vezes, como um espinho, tornando a angústia ainda mais insuportável.

Márcia deu todo o apoio, mas o seu projeto de investigação a decorrer em Oslo, não permitiu que a sua presença física junto da mãe se mantivesse por muito tempo. Felizmente o trabalho na empresa ajudava Raquel a esquecer. Só quando regressava a casa é que o vazio pesava, possessivo e denso.

E agora? Aquele período de tempo, antes dedicado à empresa, emergia como um fantasma na sua vida de precocemente aposentada Matriculou-se num curso de pintura, visitava tudo quanto era exposição, ia ao cinema e a quantos espetáculos podia, lia e ouvia música. Mas ler e ouvir música sempre foram os seus grandes hobbies, por isso não se traduziam num grande contributo para o preenchimento daquele poço, sem fundo, a transbordar de nada. De vez em quando ia visitar Márcia a Oslo. E se da primeira vez acabou por estar sempre com a mente

ocupada, face ao muito que havia para ver, com o tempo a cidade tornou-se um pouco triste com o crepúsculo precoce, com a luz tímida e com o frio cortante no inverno. Se ao menos Victor estivesse junto....

Foi então que na sua cabeça começaram a borbulhar milhões de ideias, à mistura com inúmeras imagens desde a sua longínqua meninice até aos dias que agora atravessava e, por vezes, até para lá desses mesmos dias. De uma forma um pouco displicente começou a passá-los ao papel. Foi assim que começou a surgir o seu livro de contos a que deu o título do primeiro conto...*Vou-me embora para Pasárgada*

Vou-me embora para Pasárgada.....

São seis horas da tarde e uma luz coada entra ainda pela janela onde um Cupido bordado na cortina em "filé" se tem empenhado, ao longo dos anos, em proteger de eventuais olhares indiscretos, vindos do exterior, a intimidade de cada momento. Felizmente não impede que esse mesmo exterior possa ser visto deste quarto no quinto andar dum prédio igual a tantos outros, perdido nesta cidade de bruma e granito. Ao longe recorta-se no horizonte a silhueta de outros prédios que têm por detrás o mar, que eu não vejo, mas imagino tal como te imagino a ti, Francisco, a passar perto dele (quem sabe não estarás, neste momento, a passar junto ao Homem do Leme?) em direção a este quarto onde te espero ansiosamente. E nem quero dissecar esta ansiedade. Será que é essencialmente causada pela remota esperança de um milagre no evoluir do estado da minha mãe ou terá apenas a ver com este desejo imenso de te sentir por perto, desejo esse que não consigo controlar?

A mãe agora dorme serena. Há pouco abriu os olhos, mas o olhar vazio perdeu-se algures nesta semi - penumbra como o fumo dum cigarro que se difunde no ar.

E eu penso em ti Francisco. Por vezes o meu pensamento é interrompido por um leve gemido da mãe. Agarro-lhe a mão, ela fica serena e o meu pensamento, que nem lapa grudada num rochedo, prende-se de novo a ti.

Como é que tudo isto foi acontecer? Lembras-te de quando nos conhecemos? Acho que foi no Café S. Lázaro quando chegaste com Jorge. Vocês tinham-se conhecido na Faculdade de Ciências onde ele fazia os preparatórios de engenharia e onde tu tinhas aulas de duas cadeiras: Física médica e Química médica, creio eu. Moravas em S. Victor suponho, daí o nosso encontro no Café S. Lázaro onde eu ia todos os dias. Naquele momento tive o pressentimento de que iríamos ser sempre bons amigos. Há quanto tempo isso foi, Deus meu... E tal foi a amizade que te convidámos para padrinho da Inês. Aliás tu cultivavas e cultivas a amizade de uma forma muito especial. *A amizade como eu a entendo é eterna, árvore de folha perene, o amor, é efémero, árvore de folha caduca....*A frase é tua...

Então porque nos deixámos enredar nesta teia trocando a amizade eterna, por um amor efémero? *O amor não está em nós dá-lo nem quitá-lo*, disseste tu uma vez indo buscar a frase ao Frei Luis de Sousa Foi a propósito de uma discussão que travámos eu, tu, o Jorge e o João, a propósito de relações estáveis. O João, sempre exagerado nas suas afirmações achava que não há relações desfeitas por influência de terceiros. *Se uma relação é forte, venha quem vier tentar destruí-la, não a abate*. Talvez por deformação profissional reduza as relações afectivas a

transações e a taxas, um qualquer IVA ou um qualquer IRC. Talvez por isso não ousa entrar numa relação séria e lá continua solteiro inveterado.

Pressinto a tua chegada Francisco e o meu coração começa a bater acelerado. O que se passará com o teu? E é assim todos os dias nestes dois últimos meses dos quatro em que, perante a minha total impotência, a mãe se debate entre a vida e a morte, numa agonia lenta. E eu aguardo ansiosa o momento em que chegas. Tenho a certeza de que ambos nos apercebemos da teia em que estamos enredados. O problema é que, se por um lado queremos sair, essencialmente para não magoar terceiros que estimamos muito, por outro o sentimento parece ser mais forte que nós. E assim nos vamos enredando cada vez mais num amor, que não deve nem pode ser mais que platónico, pressentido na plenitude do olhar, no bater acelerado do coração, na forma como me seguras a mão como quem diz "coragem" ou talvez "amo-te" mesmo sabendo que o amor é efémero.

.....

Estou inquieta pois hoje tardas em vir. Tu sabes bem da inutilidade da vinda. Quem sabe não decidiste pôr termo a esta loucura que tentamos ocultar. E será que conseguimos? Às vezes penso que a mãe, sempre tão perspicaz, intuiu o que se está a passar entre nós. Então fico com o olhar preso no seu rosto, a aguardar qualquer sinal nalgum eventual olhar. Talvez eu pudesse ler nesse olhar alguma complacência. *É bom sentires que o teu coração ainda está vivo. Não tenhas medo de te envolver mas está consciente de que será um envolvimento muito efémero. Tudo acabará quando eu partir. Mas sê discreta. Não deixes que Jorge se aperceba. Isso fá-lo-ia sofrer muito,* Ou talvez a leitura fosse

muito diferente. *Perdeste completamente o juízo. Já imaginaste o sofrimento de Jorge se pressentir algo? Jorge não merece isso.* Mas o olhar da mãe é sempre igual: perdido e vazio como que a flutuar no espaço

.....

Mais um dia igual a tantos outros, em que mais uma vez me envolvo numa amálgama de sentimentos tantas vezes contraditórios. Por um lado penso que a vida da mãe, meramente vegetativa, não tem qualquer sentido e desejo que o fim se aproxime rapidamente mas logo de imediato dou comigo a pensar que com esse fim deixa de existir a justificação para as tuas visitas diárias a casa e então o coração aperta-se de tal modo que quase me sufoca. E depois penso em Jorge.... Conheço-o há tanto tempo que quase não consigo recordar fases da minha vida sem ele. Vizinhos, muitas vezes brincámos juntos em criança e, mais crescidos, muitos passeios de bicicleta fizemos pelas ruas do bairro, todas elas com nome de flores: Miosótis, Cravos, Lírios, Dálias, Tulipas....Mas só quando a entrada no Ensino Superior nos afastou um pouco, eu a frequentar a Escola de Belas Artes e Jorge os preparatórios de engenharia na Faculdade de Ciências, é que nos demos conta que entre nós havia um sentimento mais forte que a amizade. E esta percepção apanhou toda a gente de surpresa. *O quê? O Jorge e a Marcela? No fundo são tão diferentes.... Ela, e parafraseando Gedeão, vê gnomos e fadas onde Jorge só vê pedras pisadas*, foi assim que João reagiu quando soube.

Aluno excelente, concluído o curso Jorge foi convidado para assistente o que, entre outras vantagens, lhe conseguiu evitar a

ida para o Ultramar no âmbito da malfadada guerra colonial. Em contrapartida foi para Oxford fazer o doutoramento.

Ainda hoje Jorge é um homem essencialmente pragmático, pondo acima de tudo o sentido prático da vida. Pelo menos aparentemente não se prende com sentimentalismos. Eu, pelo contrário, relego o sentido prático das coisas para o lugar mais ínfimo e fico extasiada a olhar uma folha de plátano seca caída no chão.

Mas o amor tem destas coisas e apaixonámo-nos. E aí fui eu para Oxford, temporariamente ser súbdita de Sua Majestade

É certo que pelo meio existiu Diogo e creio que a razão essencial dessa existência foi o pragmatismo de Jorge...Foi quando morreu a avó, avó que eu adorava, mãe do pai que nunca cheguei a conhecer. De Jorge não recebi grande conforto. Jorge é assim mesmo - fechado, conseguindo manter uma aparente frieza perante qualquer acontecimento. *Estavas à espera que a tua avó durasse toda a vida? Eu não conheci a avó materna e a paterna durou bem menos que a tua.*

Jorge é assim ainda hoje, mas sei que, à sua maneira, me adora. Só que naquele momento difícil, gostaria de ter ouvido frases diferentes, de ter recebido alguma forma de carinho explícita como as que Diogo expressou.

Conheci Diogo na ESBAP. Era de Arquitetura e fomos colegas em Desenho de Estátua. Quando soube da morte da avó apareceu de imediato com um lindíssimo ramo de orquídeas. Depois, tentando distrair-me um pouco, passou a telefonar diariamente enquanto que Jorge, ocupado com o doutoramento, se limitava a breves telefonemas semanais. De vez em quando Diogo aparecia e com ele um livro, ou um disco que oferecia sempre de

uma forma discreta. Este livro é muito interessante; acho que vais gostar de o ler. Este disco na faixa dois tem uma música giríssima...E assim nos fomos envolvendo numa relação que urgia clarificar. Foi Diogo quem deu o primeiro passo. *E agora que fazemos? Qual a solução para o nosso caso?*

Não faremos nada foi a minha resposta. E nada significa mesmo nada. Até porque não tenho qualquer dúvida que, da minha parte, este sentimento surgiu apenas face à fragilidade emotiva do momento. Vamos deixar de nos encontrar e o tempo se encarregará do resto. Eis a solução.

E no meio disto tudo onde fico eu? Os meus sentimentos não contam? Ou achas que tudo não passou de uma criança?

Desculpa Diogo, nunca quis magoar-te, mas é a única opção sensata.

Casei com Jorge e fui para Oxford. Ainda hoje não me arrependo da decisão tomada se bem que os primeiros tempos em Oxford não foram fáceis. Desocupada, dominando mal a língua, com Jorge passando o dia e quantas vezes a noite na Universidade, eu ia deambulando pela cidade. De início, e com alguma frequência, Diogo emergia nos meus pensamentos, de forma abrupta, sem ser convidado, mas tal como eu suspeitava o tempo encarregou-se de ir desfocando a imagem que acabou por se esfumar.

Que sexto sentido é este que me faz sempre pressentir a tua chegada Francisco? Estava aqui enredada em pensamentos já perdidos no tempo e de repente senti que te aproximavas. Devo associar-te ao tom da luz que entra pela janela ou então são artes do Cupido na cortina de filé.

.....

Ouço Maria João Pires, Noturno nº 2 de Chopin. Foste tu que num Natal qualquer nos ofereceste o CD que contem essencialmente noturnos de Chopin. Lembro-me que disseste, gracejando: *Sei que é o compositor preferido da Marcela, mas para não te sentires marginalizado também tem a moonlight de Beethoven....Além disso a pianista é do agrado dos dois....*

Sei que também tu gostas de Chopin e de Maria João Pires por isso ao ouvir o Noturno imagino que estou a ouvi-lo simultaneamente com os meus e com os teus ouvidos

Sinto-te chegar. Chegaste mais cedo. O que poderá isso pressagiar? Agora dou comigo em reflexões esotéricas. Será que estou a enlouquecer ou é apenas fruto deste meu isolamento vivendo paredes meias com o espectro da morte?

.....

Chico Buarque. Vida e morte Severina de João Cabral de Melo Neto. Lembras-te da peça representada creio que em 69, com o Chico como ator/cantor? Foi fantástico. Fomos eu, o Jorge, tu e o João. Será que ainda te lembras? *Essa cova em que estás com palmos medida....* Como é que a censura permitiu a peça?

Mais tarde o Diogo ofereceu-me o disco (vinil, obviamente). O que ouço agora é um excerto, já em CD. E ao ouvi-lo parece-me que pressinto a tua presença, que ouço a tua respiração. Mas hoje sei que vais chegar tarde.

.....

Pensava eu que Diogo tinha desaparecido sem deixar rasto e eis que ontem veio de novo violar a minha intimidade, surgindo passados quase trinta anos. Afinal não se esfumou no tempo; deixou uma mancha que embora pálida permanece indelével. É

Manuel Alegre quem diz em "A Terceira Rosa" *...a paixão é passageira, mas depois fica. Passa e não passa.*

E de repente ocorre-me que o que estamos a viver é nada mais, nada menos, que a reencarnação de algo que se passou há trinta anos. Também agora foi a fragilidade do momento que criou as condições para a erupção deste vulcão de sentimentos. Também, tal como naquela época, Jorge, embrenhado no seu trabalho limita-se a usar chavões rotineiros. *Ninguém é eterno. Por muito que nos custe, a morte é inevitável.*

E no entanto, tal como naquele tempo, eu sei que à sua maneira Jorge continua a amar-me e gostaria de não me ver sofrer. Mas não lhe ocorre algo que possa fazer para ajudar a minorar o sofrimento.

Também é certo que desde o início eu sabia que, com Jorge, iria ser sempre assim. E lembro-me no Êxodus quando Ari diz a Kitty: *Podem passar anos ...posso nunca mais tornar a dizer que a falta que sinto de ti está em primeiro lugar...Serás capaz de compreender isto?*

Como vai longe o tempo em que li o Êxodus. Era o tempo em que nos faziam acreditar nos palestinianos como um bando de terroristas e nos israelitas, exclusivamente como vítimas. Era no tempo em que ainda nem sequer namorava com Jorge e conseqüentemente nem te conhecia.

Eis que te pressinto e o coração bate acelerado como o de uma adolescente. Nada disto faz sentido. Será que estou a enlouquecer?

.....

Dou por mim a retomar o raciocínio de ontem ao comparar o nosso caso com o que me aconteceu com o Diogo... Tento

minimizar o meu sentimento de culpa, atribuindo-a às circunstâncias. É óbvio que foi a doença da mãe que nos aproximou mas também é igualmente óbvio que devíamos ter sublimado o sentimento numa amizade cada vez mais forte. Mas não. Creio que de certo modo sentimo-nos rejuvenescer e foi a essa juventude serôdia e efémera que não conseguimos resistir. Pensámos ser possível partir para Pasárgada. Que loucura! Agora sei que só existe um desfecho para o nosso caso, em tudo idêntico ao que foi há trinta anos. Deixemos o tempo atuar. Nunca esqueci uma frase no filme "O cardeal" em que este diz à irmã: *O amor faz passar o tempo, e o tempo faz passar o amor.*

Mas lembro-me também de Manuel Alegre...*a paixão é passageira, mas depois fica. Passa e não passa.* Ficaré por certo indelével uma marca que, pressinto tão densa como um buraco negro aprisionando a luz que emana desta relação, que por entre a angústia e o encantamento, me tem ajudado a sobreviver permitindo ver algum colorido nos momentos difíceis que agora atravesso.

.....

A mãe morreu. Sinto uma dor profunda, um vazio enorme e uma tristeza infinda. E angustio-me sem saber quanto desta dor, deste vazio e desta tristeza resultam da perda da mãe e quanto resulta da perda de ti....

A mãe acabou de morrer e eu já sinto uma saudade do tamanho do mundo, saudade que aliás já sentia antes, saudade da mãe e saudade de ti que mesmo que estejas a meu lado, sei que nunca mais vais estar tão perto.

O livro de Raquel já foi editado. Enquanto o escrevia conseguiu afugentar o fantasma da solidão que tanto a perseguia. Nos tempos que imediatamente se seguiram à publicação e apresentação do livro recebeu felicitações daqui e dali, algumas delas circunstanciais, por certo, outras sinceras, quer de apreço, quer de crítica, e tudo isso a fez viver numa espécie de euforia. Mas esse tempo já vai longe e agora sente de novo aquele nó na garganta que por vezes não a deixa engolir, uma sensação de sufoco que permanentemente a oprime.

Vai deambulando sem destino, em busca de nada. As deambulações preferidas ocorrem junto ao mar. Por vezes passeia descalça na areia húmida, mesmo sob o vento cortante que tantas vezes assola o norte. Frequentemente senta-se na areia e deixa-se enredar nas teias da memória. Ali, irmanada com as gaivotas, procura o tempo, por detrás do tempo.

Foi numa dessas deambulações que reparou num restauantezinho à beira-mar, "Pasárgada". Decidiu entrar. Quando o empregado a atendeu, perguntou-lhe qual a razão da escolha do nome do restaurante. O empregado respondeu que não fazia a menor ideia mas sabia que já tinha esse nome quando o atual dono o adquiriu.

Como não tinha fome, (aliás já há muito que a não sente) começou por pedir um Martini. Rabiscava qualquer coisa num guardanapo de papel quando ouviu a voz de Pedro. *Por aqui?*

Há quanto tempo Raquel não via Pedro? Desde o funeral de Victor. É certo que Pedro ligara várias vezes convidando-a para sair mas havia sempre, por parte de Raquel, uma justificativa para impedir um encontro. E porquê se fora Pedro quem a ajudara a

resolver aquela situação terrível em que o pai a deixou, cheia de dívidas, à beira da falência? Victor não nascera para gestor e por isso foi Pedro quem, face à gravidade da situação, se ofereceu para tomar o leme do barco. Quanta dedicação, quantas noites quase sem dormir em frente ao computador, fazendo contas e mais contas, tanta reunião com clientes, credores, advogados, procurando uma saída para uma situação financeira tão desastrosa. Mas conseguiu e a gratidão de Raquel hoje, tal como na altura, tem uma dimensão galáctica. Só que tal como uma bromélia cresce em simbiose no tronco de uma árvore, a paixão cresceu agarrada a uma relação de amizade profunda. E embora nenhum dos dois alguma vez o expressasse ambos tiveram consciência deste eclodir de um novo sentimento mútuo.

Raquel saiu deste emaranhado de lembranças. *Passei por aqui, nunca tinha entrado neste restaurante, mas ao ler o nome e ao vê-lo quase vazio, não hesitei. Apetecia-me estar aqui a ouvir o murmúrio do mar, a sentir este cheiro a maresia, a ver as gaivotas poisar e levantar*

É curioso. Também eu nunca aqui tinha entrado. Venho de Viana onde tive uma reunião. Tal como tu, fui seduzido pelo nome do restaurante e pelo lugar calmo, em frente ao mar, o ideal para petiscar qualquer coisa, pois estou com fome. O que vais comer?

Pode ser uma tosta mista e um fino.

Eu vou numa francesinha e num verde branco fresquinho.

Durante a refeição falaram naturalmente de Márcia mas também de banalidades como o tempo e as politiquices de momento. A dada altura Pedro comentou: *Com que então escreves um livro e nem para o lançamento convidas um velho amigo...*

Tens razão, Pedro, desculpa, mas com a morte do Victor e posteriormente com a minha reforma, a minha cabeça funciona cada vez pior. Mas, afinal, como soubeste do livro?

Vi-o no escaparate de uma livraria. Comprei-o e tenho a dizer-te que o li quase de uma assentada. E, já agora, ousa perguntar: No primeiro conto em que as principais personagens são um médico e uma pintora, não teria sido possível contar a mesma história com outras personagens e um outro enredo?

Como assim? - perguntou Raquel

Que tal se, por exemplo, a personagem masculina fosse não um médico mas um gestor e a personagem feminina fosse uma engenheira em vez de uma pintora?

Meu caro amigo, se pretendes entrar na história estás lá. É tua a frase: Não há terceiros a estragar uma relação se ela for suficientemente sólida. Ou não te lembras de a ter pronunciado quando um dia comentávamos a separação da Isabel e do Luís, justificando-a com a intromissão da Elsa?

Minha cara Raquel não te escondas por detrás dos sentimentos. Será presunção minha considerar que houve um período da tua vida em que signifiquei para ti algo mais que um amigo? E repara que não estou a cobrar nada. Estou apenas a recordar algo que sempre soubemos, mas que nunca assumimos, por respeito ao Victor.

Por favor Pedro, não fales nisso.

Até quando vais continuar a jogar às escondidas? Tal como Marcela não tens coragem para enfrentar a realidade. De que tens medo agora?

Raquel respondeu com um prolongado silêncio que Pedro cortou abruptamente. Ainda continuas fascinada por Veneza?

Sempre. Os passeios de gôndola pelo Grande Canal, com todos aqueles palácios ao longo das margens, o pôr do Sol por trás da abóbada da Salute, a Lua por cima da ilha de San Giorgio, os tons rosa da cidade e da laguna colorida pelo sol nascente e poente, a Praça de S. Marcos, o Palácio Ducal, as pontes.... Veneza é insuperável, não no verão, cheia de turistas, mas por exemplo em março, abril.

Ora aí está. Estamos a seis de março. De hoje a três semanas parto para Veneza em trabalho. Convido-te a ires comigo. Aceitas o convite?

Por favor Pedro, para.

Tu lá sabes...

Seguiu-se um prolongado silêncio, cortado por Pedro:

Tem piada, tivemos um encontro casual, num restaurante chamado Pasárgada onde falámos sobre um livro cujo título é ...Vou-me embora para Pasárgada e onde te acabo de propor um novo encontro não em Pasárgada mas numa das cidades que mais te fascina E esta, hem, diria o Fernando Pessa...

Não deixa de ter a sua piada, ripostou Raquel, esboçando um sorriso. E, despedindo-se, entrou para o carro e arrancou. Pedro, ao ultrapassá-la, gritou de modo a fazer-se ouvir: Meter a cabeça na areia como a avestruz, não é solução para nada.

As lágrimas começaram a rolar pela face de Raquel, um nó no peito quase a sufocava como sempre acontece quando tem que fazer opções difíceis. Parou o carro, pegou no telemóvel e discou o número de Márcia mas de imediato desligou. Logo de seguida sentiu-o tocar várias vezes, Era Márcia por certo. Não atendeu. O problema é seu e tem que o resolver sozinha.

Foi sentar-se à beira da água e ali ficou até ao pôr do Sol, tentando diluir nele todo aquele emaranhado de sentimentos. Foi então que sentiu Victor sentar-se a seu lado, passar o braço por detrás das suas costas e pousar a mão no seu ombro direito. Victor ajuda-me, suplicou. E quase poderia jurar que o ouviu dizer o seu poema preferido “Vou-me embora para Pasárgada...”

Maria da Luz

*(...)E por vezes sorrimos ou choramos
E por vezes, por vezes, ah por vezes
Num segundo se evolvem tantos anos(...)
David Mourão Ferreira, em "E por vezes".*

1

Castro. É assim que se chama a aldeia da minha infância. Castro. Um nome rude mas firme tal como o rochedo, sobranceiro ao rio, onde se encontra implantado o castro que lhe deu o nome e a que ninguém chama castro. O castro é para todos o castelo dos mouros, à volta do qual se tecem lendas de mouras encantadas, de homens que para sempre desapareceram e cujos gemidos se ouvem em noites quentes de luar. Diz-se que desapareceram, levados por mouras encantadas, quando tentavam sondar uma abertura que se diz existir no castro e que irá ter ao Rio, que corre bem lá no fundo. Não sei se alguma vez alguém teria visto a tal abertura mas, com ela ou sem ela, o castro é lugar de encantamento. É ao Castro aldeia, cujo nome deve ter tido origem no castro fortaleza que, tal como agora, regresso sempre com a sensação do filho pródigo que regressa à casa paterna.

Sentada no terraço da minha casa olho para o Cabecinho. Ainda hoje lhe chamo a minha casa embora apenas a habite alguns dias por ano, sempre nas férias. Mas estou de tal modo ligada a ela que em todas as outras que tenho habitado ao longo da minha vida, tento encontrar pontes com esta, tal como se ela

fosse para mim uma fortaleza, também ela um castro inexpugnável que me protege de todas as adversidades. Em que outra casa me sinto tão segura? De que outra casa eu posso ver algo que me transmita a sensação de serenidade que sempre me transmitiu o Cabecinho? O Cabecinho...Lá no cimo, junto do carrascal, a casa do tio Geraldo. Daqui posso ver a varanda, onde tantas vezes brinquei quando era menina. A varanda que dá para o curral ao qual se segue a cortinha. Cá em baixo a fonte, outrora fonte de mergulho. Era uma fonte romana mandada arrasar há uns trinta anos, quando nela morreu afogado o João do Souto. Como se a demolição da fonte trouxesse a criança de volta... Acabaram por ser duas perdas- a da criança, perda incomparavelmente maior, é certo, e a da fonte, testemunha dos tempos. A fonte, mesmo ao lado do Ribeiro dos Linhos, hoje ribeiro só de nome e onde antes se tratava o linho que hoje já não se trata já que nem sequer se planta. Outras perdas. A da cultura do linho e a do ribeiro. Deste e de outros, o das Fontelas e o das Carrasqueiras cujas águas, outrora límpidas, agora não correm ou, se correm, já não geram vida por onde passam. Por fim a eira que ajudou a dar o nome ao largo. Largo das Eiras. Eiras mortas. Hoje só já se identifica a eira do tio Geraldo. Mantém o nome mas não a função. As outras jazem debaixo das casas. As casas no Largo das Eiras: a minha, a do senhor Antero, e mais umas duas ou três, hoje geralmente fechadas. O Sr. Antero, sempre na varanda, desde que o tempo o permitisse. A varanda do Sr. Antero a que ele chamava sacada. Agora a sacada está sempre vazia. Há quantos anos está vazia? O Sr. Antero sempre versejando, a propósito de tudo e de nada. Versejando com os seus jes e xes, que substituíam os ces,

os esses, os ses, os zes. Era a versejar que passava os seus dias, pelo menos desde que dele me lembro.

*Menina Maria da Luz
está cada dia mais bela
Venha brincar para o terraxo
ou axome-xe á janela*

Maria da Luz. Eis o nome que herdei da minha avó paterna, em solteira Maria da Luz Mateus, que desde que casou trocou o nome pelo de Micas.

*À Xenhora D. Micas
Que em nova era uma flor
cajaram-na com um fidalgo
que era um grande estupor*

Está calado Antero, que não sabes o que dizes.

Era a voz da Sr^a Felicidade, que de vez em quando surgia da porta que dava para a varanda.

*Lá por ter xido fidalgo
Não xe dizem as berdades?
As coijas xão pr´a xer ditas
E não xó pelas metades*

Oh menina Maria da Luz não ligue ao que ele diz. Está velho e tonto.

A Sr^a Felicidade. Devia ser uma mulher feliz. Os seus olhos, mesmo velhos, irradiavam alegria. O nome ia-lhe bem. Contrariamente à avó Micas, de seu nome Maria da Luz, a minha luzinha apagada, como diria a minha bisavó.

*Oh avó Maria da Luz, quem era aquela jovem do retrato?
Era eu, minha filha.*

E a avó usava chapéu? E era assim bonita?

Parece mentira, não é minha filha? Mas o mundo dá muitas voltas e a gente dá-as com ele. Uns, os bem fadados, lá se aguentam, os outros dão cada tombo...

A avó Maria da Luz... Não só parecia nada ter a ver com o retrato, como também com as suas quatro irmãs que vinham de férias de vez em quando. Mãos finas, cabelos tratados, uma certa altivez de porte contrastavam com as mãos gretadas e calejadas da avó Maria da Luz, com o seu coruchinho no alto da cabeça, sempre curvada com o nariz quase a tocar no chão. É esta uma das imagens que retenho dela, lá na Casa Grande, na rua dos Balcões. De volta das panelas na lareira, curvada, mexendo o lume, varrendo o lar. A Rua dos Balcões...

A rua mais importante

É a rua dos Balcões

Há fidalguia que baste

Vigários e xalafrários

Tenentes e capitões

Explique lá Senhor Antero

Então, é lá a caixa dos fidalgos, os Andrades, onde vive a avó da menina que cajou com o xeu avô- um Andrade. Depois havia o pai da Xr^a D. Micas, o Tenente Mateus que vivia na caixa que coube à irmã da xua avó que está cajada com o Xr. Capitão e que vem cá nas férias. Havia também o Padre Mateus, irmão do xeu bijabô.

E salafrários, Sr. Antero? Quem são os salafrários?

Havia lá uns poucos....

Antero, tu vê lá o que dizes...

De novo a voz da Sr^a Felicidade... Claro que eu suspeitava.... Os salafrários eram nada mais nada menos que os Andrades, um

deles Guilherme Andrade Lourenço, o marido da avó Maria da Luz, Lourenço por parte do pai, que não era fidalgo e a quem D. Helena Andrade recordava isso frequentemente.

Aqui a fidalga sou eu.

E de tal modo o sentia que sempre ignorou o apelido Lourenço do filho. Para todos, ele foi sempre Guilherme Andrade. Guilherme Andrade que, parafraseando a mãe, diria à avó Micas:

Aqui o fidalgo sou eu.

Talvez por isso tivesse havido sempre uma grande cumplicidade entre a avó Maria da Luz e o sogro, talvez por isso mesmo a avó Maria da Luz tivesse sentido tanto a sua morte. Depois da sua morte quem a compreendia naquele solar decadente? A sogra e o marido faziam questão de a humilhar constantemente. Foi assim que perdeu o direito ao seu nome logo que casou.

Micas! Micas! Oh Micas! Tu não ouves?

Estás a falar comigo? Mas eu não sou Micas sou Maria da Luz.

Isso era dantes. Agora és Micas. Olha a fidalguia...Fidalgo aqui sou eu.

Nunca sentiu por parte dele um pingo de respeito. Montava-a como montava o seu alazão, sem qualquer gesto de carinho ou ternura. E assim foram nascendo onze filhos, não falando no meu pai que nasceu cerca de nove meses depois da morte de Guilherme Andrade. Foram nascendo todos, um a um, ano após ano, ao mesmo tempo que a jovem do retrato se foi tornando irreconhecível e transformando na avó Maria da Luz que eu conheci lá na rua dos Balcões. Dos balcões, já poucos existem, mas ainda conheci vários. Entre eles o dos Mateus, que ainda lá está na casa onde a avó Maria da Luz passou parte da sua adolescência. Anteriormente vivera em várias terras,

acompanhando a carreira militar do pai. Ela, a mãe e as quatro irmãs, todas mais velhas. Aprendera a falar francês, a pintar, a tocar piano.

Olha a menina de entremez, toca piano e fala francês. Agora tocas tachos. Acabou-se-te a fidalguia. Até porque o fidalgo aqui sou eu.

Sempre e sempre a humilhação.... Quando o pai se reformou, foi viver para a Rua do Balcões. Primeiro para a casa dos Mateus. Era então a menina Maria da Luz. Mais tarde para a Casa Grande onde nunca deveria ter entrado. A Casa Grande... Com um brasão na fachada mas sem balcão. Com capela, mas sem santos. Fora transformada em arrecadação. A Casa Grande que sempre lhe inspirara temor. Não propriamente a Casa, mas a fidalga e o filho. Por isso, quando a mãe tentava entusiasmá-la com o casamento com o fidalgo ela dizia:

Oh mãezinha, não me peça isso. Já viu como a fidalga trata toda a gente, inclusivamente o pobre do Sr. Lourenço? E o filho não é melhor. Olhe a arrogância com que ele sobe a rua montado no cavalo! Quem quiser que se desvie senão o cavalo passa-lhe por cima. Lembra-se como há tempos tombou o pobre do ti Lobeco, tão velho, surdo e quase cego? Se me quer bem não me fale em casar com o fidalgo, até porque a mãezinha sabe que eu gosto do Geraldo. Espero por ele. Casamos quando ele voltar.

Mais vale um pássaro na mão que dois a voar, minha filha....

Mas a avó Maria da Luz já não escutava o que a mãe dizia; o seu pensamento estava lá longe no Brasil. Não tinha dúvidas do quanto o primo Geraldo a amava. Mas o Tenente Mateus sonhava com outro futuro para a filha.

É uma joia de rapaz, é certo, ainda meu parente. Mas não tem modo de vida a não ser a terra. E que bens tem ele? Meia dúzia de chavasqueiras. Se me sacrifiquei tanto para dar uma educação esmerada às minhas filhas, não foi para depois as ver de mãos calejadas, a viver uma vida de sacrifício.

Mãos calejadas, vida de sacrifício? Mãos calejadas e vida de cão passou a ter a avó Maria da Luz quando foi para a Casa Grande. Mas como podia o pai imaginar? O fidalgo aparecia lá por casa sempre tão delicado.

Isso que dizem dele deve ser despeito. Olha com que delicadeza nos trata: beija a mão à tua mãe, tira-me sempre o chapéu. Muito respeitador.

Oh paizinho, não acha estranho que ele tenha mudado de um dia para o outro como da noite para o dia?

O primo Geraldo, sim. Foi sempre tão delicado desde menino! No mesmo colégio onde o fidalgo esteve um ror de anos, esteve ele apenas dois. O pai não podia arcar com as despesas dos seus estudos. Mas quem ficou com finura de trato, quem se comportou sempre como um verdadeiro cavalheiro? Foi ele, não foi o fidalgo. Qual foi a atitude dele quando soube da reação do tenente Mateus? A de um cavalheiro, como sempre.

O teu pai tem razão, Maria da Luz. Eu não tenho condições de te tratar como mereces. Mas vou lutar por elas. Estou decidido. Parto para o Brasil. Não tenho medo ao trabalho. Hei de ganhar o suficiente para te poder proporcionar a vida a que tens direito.

A vida a que a avó Micas tinha direito....

Que estás aí parada a fazer? Não tens que trabalhar? Olha que aqui o fidalgo sou eu.

Quantas vezes não ouviu esta frase...E quando é que ela esteve parada desde que casou? Só se lembra de ter estado parada uns dias após o parto de cada filho. Depois era a lufa-lufa do costume. Orientar a cozinha, tratar da casa, das roupas, dos filhos..

Micas anda descalçar-me as botas... Micas, aquece-me água para o banho....

E quando à noite, extenuada se deitava, aí vinha o fidalgo servir-se dela, à bruta, quantas vezes bêbado, quantas vezes ainda com o cheiro de outra mulher...

A vida a que a avó Maria da Luz Micas tinha direito....Ela bem não queria casar com o fidalgo.

O teu pai está tão doente. Podias ao menos dar-lhe esse gosto antes de morrer.

Oh mãezinha e o primo Geraldo?

Há quanto tempo te não escreve? A esta hora já nem de ti se lembra....

Se não escreve alguma razão tem.

E tinha, soube-o tarde demais. Foram as febres que quase o levaram.

Oh filha põe outra cara, parece que vais para um funeral em vez de ir para a boda.

E ia para um funeral. Era o funeral de um sonho que acalentara com tanto amor. Foi de arromba a boda. E até a fidalga se comportou de uma forma diferente. Mas foi sol de pouca dura. Bastou uma semana para começarem as humilhações. E não só a ela. Nunca se poderá esquecer do dia em que o fidalgo encontrou lá em casa o tenente Mateus e rosou entre dentes.

Que está aqui este pelintra a fazer? Não têm onde cair mortos, devem vir aqui às sopas.

Não, não era para si paizinho, acredite.

Nunca mais o tenente Mateus voltou à Casa Grande. Pouco tempo durou. É certo que já andava muito doente. E as palavras ressoam ainda na cabeça da avó Maria da Luz.

O teu pai está tão doente. Podias ao menos dar-lhe esse gosto antes de morrer.

Mas o gosto em breve virou desgosto. Bem se apercebia da forma como a filha era tratada.

Oh mulher, o que nós fomos fazer...

Morreu da doença, é certo, mas o desgosto apressou a morte. A mãe ainda durou mais uns tempos mas via-se definhar dia a dia. Primeiro deu em chorar noite e dia, depois deu em falar sozinha:

"Perdoa-me, minha luzinha apagada"

Os remorsos tornaram-se ainda maiores no dia em que chegou o primo Geraldo, bem de vida, mas com uma grande dor de alma por ter chegado tarde demais. Quando soube do casamento julgou enlouquecer. Tanto sacrifício desperdiçado. Pensou não voltar mais ao Castro, mas acabou por regressar. Porquê? Nem ele mesmo sabia. Talvez por lhe restar alguma ténue esperança de que a notícia não tivesse fundamento. Mas não. O casamento fora uma realidade, tal como eram reais os remorsos da mãe da avó Micas.

O que eu fiz não tem perdão, Geraldo. Olha que nem aqui a casa a deixa vir. Nem a ela nem aos meninos, os meus netos. Eu vejo-os de longe na missa. Quem a viu e quem a vê. Ao menos que a Alzira está lá com ela, na Casa Grande.

A Alzira...

Quero essa mulher daqui para fora.

No dia em que ela sair saio eu e o meu filho.

Teve como resposta uma bofetada. Mas a avó Maria da Luz foi buscar um pouco da dignidade que ainda lhe restava.

Podes matar-me se quiseres, mas volto a dizer-te: No dia em que a Alzira sair desta casa, eu e o meu filho saímos também, vivos ou mortos.

Onde teria arranjado coragem para falar assim de peito erguido com o fidalgo? Mas foi convincente. Nunca mais ele lhe falou na saída da Alzira. É certo que a pobre da mulher passou a ser tratada pior do que antes, o que parecia quase impossível, mas pela sua menina suportava tudo. A sua menina... Quando nenhum dos fidalgos estava por perto continuava a ser a sua menina Maria da Luz, na frente deles era, como para toda a gente, a Sr^a D. Micas.

Salafrários...Claro que eu bem sabia que os salafrários só podiam ser Guilherme e Helena Andrade.

Ninguém gostava de trabalhar para a casa Grande e os que trabalhavam faziam-no, primeiro por respeito ao Sr. Lourenço, mais tarde por respeito a este e à nora. E também pelos meninos. Os meninos... Os seus meninos de quem ela tanto gostava. Como podia ela gostar tanto dos filhos gerados daquela maneira. Tanto asco, tanto nojo....Mas logo que os sentia mexer no seu ventre, não mais se lembrava da forma como tinham sido gerados. Pensava como iria ser bom embalá-los, vê-los palrar, sorrir, crescer...Mas até este gosto lhe era bastante interdito, especialmente com os filhos varões. Mal cresciam um pouco o pai tentava afastá-los da mãe.

Tira o rapaz do colo ou queres transformá-lo num maricas?

Eram já bem crescidos quando vinham de férias do colégio e ainda disputavam o colo da mãe, desde que nenhum dos fidalgos estivesse por perto. Às filhas sempre deu o fidalgo pouca atenção, por isso a avó Maria da Luz pôde desfrutar um pouco mais da sua companhia. Mas não muito. Lá estava a fidalga.

Minhas meninas, o que estão a fazer na cozinha?

Queríamos ajudar a mãe.

As meninas são filhas de um fidalgo, não têm que se misturar com a ralé.

A humilhação sempre presente...Mas se fosse só a humilhação...Era permanentemente espiada, controlada.

Há já muito tempo que te não confessas. Que pecados não terás cometido para assim te esquivares ao sacramento da confissão!

Pecados? Veniais, muitos, por certo. Mas capitais? Será pecado capital o amor a Geraldo que não consegue expulsar do seu coração? Ela bem se lembra do mandamento " Não cobiçar a mulher do próximo". Cobiçar o homem de outra mulher é igual pecado, por certo. Mas a avó Maria da Luz não cobiça o homem da prima Dulce. Ama-o, é certo, mas já que ela não soube ser suficientemente firme para não desposar outro homem, sente-se de certo modo feliz por ter sido a sua melhor amiga a desposá-lo. Não pode ser pecado amar deste modo. Por isso, pecado capital só lhe ocorre qualquer coisa semelhante a ódio aos Andrades. A avó Maria da Luz bem quer expurgar esse sentimento, bem quer expulsá-lo do seu peito mas não consegue. Como ela odiava o fidalgo e a mãe! Por isso reagiu à morte repentina da fidalga com uma imensa alegria interior, que tentou ocultar. Mas todo o povo sentiu alívio, obviamente disfarçado. E o fidalgo? No primeiro

momento teve uma reação inesperada. Quando soube da morte estava na ressaca de mais uma das suas bebedeiras.

Ramo de souto, cai um e vem outro.

Esperaria ele encontrar alguém para substituir a mãe naquela relação conivente e despótica com que ambos se empenhavam em humilhar os outros? Talvez estivesse já a pensar em instalar na Casa Grande a sua última amante, de modo a que a humilhação da avó Maria da Luz fosse ainda maior. Mas uma coisa é prostituir-se, outra coisa é não ter sentimentos. A mulher recusou a proposta. Por isso, com a morte da fidalga as coisas melhoraram um pouco para o lado da avó Maria da Luz.

A morte da fidalga serviu de mote para o Sr. Antero, que versejava lá do alto da sua varanda:

Lá xe morreu a fidalga

Foi prá terra apodrexer

Gente daquela raxa

Nunca houvera de nasxer

A avó Maria da Luz que o diga...Felizmente agora o fidalgo cada vez passa menos tempo em casa. Mas a delapidação dos seus bens foi aumentando à medida que esse tempo foi diminuindo. Eram as mulheres, era o álcool, era o jogo.

Oh minha filha não ponhas essa cara. Já viste como vais casar rica? O fidalgo tem muitos bens de raiz.

Bens de raiz? Onde estão eles agora? Nas mãos de uns e de outros. Menos nas do primo Geraldo. Foi o homem que mais bens comprou na terra. Praticamente todo o cabecinho, as eiras, a quinta da Marruça. Mas recusou-se sempre a comprar os bens do fidalgo, alguns vendidos ao desbarato. A avó Maria da Luz tem a

certeza de que o não fez só para a não humilhar mais ainda. A dignidade do primo Geraldo

Rica? Só se for de desgostos, de dívidas e de filhos. Estes sim, são a sua única e verdadeira riqueza. Como ela adora os filhos, todos sem exceção. E Deus parece tê-la ouvido. Não lhe parece que nenhum saia da raça dos Andrades. E não é só a sua visão de mãe coruja. É o povo quem o diz:

Deus seja louvado! Tantos e nenhum se aparece aos Andrades. Nem nos modos nem na aparência. Saíram todos Mateus. Branquinhos como a mãe. Nenhum é moreno como o pai. Aquele era tismado por dentro e por fora, ao contrário da Srª D. Micas que é branca por fora e na alma. Aquela Senhora é uma santa...

A avó Maria da Luz e os seus olhos claros que a maior parte dos filhos herdou, nomeadamente o meu pai. Parece que até as leis de Mendel eram desrespeitadas naquela casa. É certo que o azul dos olhos do meu pai não era igual ao azul cinza da mãe e dos irmãos, mas eram olhos claros de Mateus e não olhos escuros de Andrade.

A sua avó era uma santa, menina Maria da Luz. Tratou-me sempre como se fosse uma irmã e não como criada. Eu já lhe contei o que ela disse ao fidalgo quando ele me quis pôr na rua?

A criada Alzira... A vida também não a fadou bem. Foi servir para casa dos Mateus, tinha então dez anos, precisamente a mesma idade da avó Maria da Luz. Para a avó Maria da Luz a Alzira era essencialmente, em menina, uma companhia para as brincadeiras, na adolescência, uma confidente. Por isso pôs como condição de casamento levar consigo a Alzira. E na altura foi aparentemente bem aceite.

A menina sabe que foi ela quem me ensinou a ler? Em solteira, claro, que depois de casada não lhe sobrava tempo, nem tal consentiria o Sr Guilherme a quem fazia muita raiva eu saber ler. Onde é que já se viu uma jumenta letrada?- berrava ele muitas vezes.

A sua avó era uma santa, menina...

E desta vez não era a Alzira quem o dizia. Era o Chaparro. O Chaparro que nunca conseguiu granjear as graças do povo, vá-se lá saber porquê.

Tem mesmo as bentas do pai.

Dizia-se que era filho do fidalgo que o tinha feito numa alentejana de uma das vezes em que, ainda solteiro, fora caçar para o Alentejo. Verdade ou mentira nunca se soube. Ao certo só se sabia que tinha ali aparecido, com os seus 18 anos, dando a entender que era filho do fidalgo e que vinha do Alentejo. Sem eira nem beira, por ali foi ficando. O nome, esse ganhou-o quando olhando para um sobreiro perguntara:

Então aqui também há chaparros?

Mas fosse por poder ser filho do fidalgo, por ser forasteiro, ou por chamar chaparros aos sobreiros, o povo nunca o aceitou bem. Diziam que roubava, que fazia, que acontecia...

É um ateu, um calaceiro. Dizem que é maçã.

Diz que vai ao rebusco e rebusca do alto.

Dizem que anda fugido à polícia. Boas coisas não terá feito...

Pr´a mim é o diabo que apareceu aqui para nos atentar.

Que vá lá para a terra dele que aqui não faz falta nenhuma.

Dizem que faz, que acontece, mas nunca ninguém conseguiu provar que ele tenha feito algo condenável. E qualquer pessoa é inocente até prova em contrário.

Reagiria assim a avó Maria da Luz por acreditar que ele era meio irmão dos seus filhos, ou a sua reação seria apenas fruto da generosidade? Ou seria ainda mais uma das suas formas de expiação?

Oh avó Maria da Luz agora já não precisa de trabalhar. Sossegue um bocadinho.

Oh minha filha isto é uma forma de expiar os meus pecados.

Que pecados, avó? A avó não tem pecados.

Pecados todos nós temos, minha filha.

Mas o Chaparro não pensava assim

Se Nossa Senhora nunca teve pecados então é como a Sr^a D. Micas.

E trazia presentes para a avó, talvez com a devoção com que outros faziam ofertas a Nossa Senhora. Que presentes? Todos os que estava à sua mão alcançar. No outono as sanchas, as rocas, os roquelhos, os míscaros, as túbaras. Na primavera, os espargos. No verão as amoras de silva. No inverno os medronhos. E ao longo de todo o ano, sempre que podia, uns peixinhos do Rio. Geralmente mortos com explosivos.

Chaparro, não quero que mates assim os peixes.

Foi com a chumbeira Sr^a D. Micas.

Bem me eu finto. Tu achas que eu não sei perfeitamente que os matas a tiro?

Juro-lhe que foi com a chumbeira.

Está calado homem. Quem mais jura, mais mente. Vá, vai lá estripá-los, leva-os à Alzira para os fritar e depois janta aí. Mas não tornes a matar assim os peixes que é uma dor de alma.

Mas tudo isto era depois da morte do fidalgo. Antes o Chaparro nem ousava passar à porta da Casa Grande.

Como o Chaparro adorava a avó Maria da Luz! E o Mudo? Emitia aqueles sons para chamar a atenção. Depois apontava para a avó e de seguida encostava a mão no peito mostrando assim quão bem lhe queria. Também do mudo se dizia ser filho do fidalgo. Dizia-se do Chaparro, do Mudo, do Desoras.... É mais que provável que a prole do fidalgo fosse muito grande. Uma das poucas coisas que ele fazia era montar mulheres. Provavelmente viria de montar mais uma quando a montada, agora outra, se espantou. Em boa verdade nunca ninguém soube ao certo se a montada se espantou, se a bebedeira era tal que o fidalgo pura e simplesmente caiu do cavalo ou se alguém o matou e encenou o acidente. De certo só havia o lenho na frente, quando o encontraram morto no caminho das Filhadas.

Oh Sr^a D. Micas o cavalo acaba de chegar só, sem o Sr. Guilherme.

Foi assim que a acordaram naquele dia às cinco da manhã, pouco antes da hora a que habitualmente se levantava. Estava na cama sozinha, o que para ela era um alívio. Felizmente era cada vez mais frequente o fidalgo passar a noite fora de casa. A maior parte das vezes chegava a casa bêbado que nem um cacho e lá ficava tombado num canto. Por vezes vomitava tudo e a pobre da avó lá tinha que o arrastar, limpar, deitar. Valia-lhe a Alzira que a ajudava. Agora acabara tudo. O fidalgo estava morto e ela não sentia nem um pouquinho de pena, tal como o não sentira pela sogra, pouco tempo antes. O Sr. Antero não precisou de criar nova rima Foi só mudar o género, no primeiro verso.

*Lá xe morreu o fidalgo
Foi prá terra apodrexer
Gente daquela raxa*

Nunca houvera de nascer

Acabara tudo. Aparentemente a avó Maria da Luz manteve-se serena durante todo o velório. Só teve uma reação inesperada, patética mesmo, quando foram buscar um lençol de linho para amortilhar o fidalgo. No monograma estava um G entrelaçado com um ML.

Esse não, por favor.

Parecia aflita e só serenou de novo quando foi buscar um outro que tinha apenas bordado um A de Andrade.

Aquele monograma... Vi-o pela primeira vez numa toalha de rosto em linho que me deu um dia. De imediato não identifiquei as letras.

O que significa este monograma avó?

Um sonho.

Que sonho?

Agora já não importa. Se foi um sonho já se esfumou. Anda mas é ajudar-me a bater os ovos para o pão de ló.

E assim mudou de conversa rapidamente, como fazia tantas vezes. Lembro-me bem, apesar de na altura ser ainda bem criança, de um dia lhe ter perguntado:

Oh avó, porque é que quando fala no avô Guilherme diz sempre "o fidalgo"? Como era o avô Guilherme?

Para quê mexer com os mortos, minha filha? Deixa-os estar sossegadinhos lá no seu canto. Anda mas é comigo ver os goivos na cortinha.

O monograma... E recordo a Alzira...

Como ela gostava de bordar, menina. Aquelas mesmas mãos que a menina conheceu calejadas e gretadas tinham sido finas e esguias. Mas isso era no tempo em que ela tirou aquele retrato.

Que mãos de fada tinha a sua avó. Parece que ainda a estou a ouvir tocar piano e que ainda a estou a ver quando bordava o enxoval na intenção de se casar com o primo, o Senhor Geraldo.

O Gê de Geraldo do monograma que, por ironia do destino, se transformou em Guê de Guilherme.

Agora tudo é mais calmo na casa Grande. Mais calmo e mais pobre. Não pela falta dos fidalgos, bem pelo contrário. É que foi preciso vender quase tudo o que restava para pagar as dívidas contraídas. De todos os bens de raiz que tinham feito a ilusão do tenente Mateus e da mulher, pouco mais restava que a Casa com o brasão, a capela, há muito arrecadação, tudo já muito degradado, e a cortinha, com as casas dos feitores ao fundo, que por isso mesmo eram conhecidas pelas casas dos fundos. Feitores. Há quanto tempo já não existiam feitores? Agora nem feitores nem feitorias. Por isso a avó Maria da Luz decidiu proporcionar uma habitação mais condigna ao Chaparro, ao Mudo e ao Desoras. Cedeu-lhes as casas dos fundos para viverem. Já são mais casebres que casas, mas é melhor ter tecto certo do que andar todos os dias sujeito à boa vontade de cada um ou ter que dormir ao relento. No verão até que é agradável, mas no inverno, quem poderia? Já em vida do fidalgo a avó Maria da Luz tinha tido essa ideia, mas nunca teve coragem de lha expor. Agora era ela dona e senhora da Casa Grande, agora que de Grande só já tinha o nome. Mas era bem melhor agora do que há catorze anos quando para lá fora morar e quando o nome ainda queria dizer isso mesmo. Dona da Casa Grande. Tarde e a más horas. Má hora, má hora foi aquela em que lá entrou. Ai se pudesse voltar atrás.....

Tarde e a más horas era também apanágio do Desoras. Daí lhe veio o nome. Nasceu de mais uma aventura do fidalgo, dizia-se, já

a mãe teria mais de cinquenta anos. Nunca tal se tinha visto na terra.

Mal acompanhado e que Deus Nosso Senhor nos perdoe, até parece quando Sta Isabel deu à luz S. João Baptista.

Se nasceu tarde e a más horas, assim se manteve pela vida fora. Começou a andar teria já perto de três anos e a falar já passava dos cinco. Nunca chegava a horas para nada, nem para apanhar as canas dos foguetes, nas festas.

Rais parta o raparigo; sempre a desoras

Assim costumava dizer a mãe. E assim lhe nasceu o nome.

O Desoras, o Chaparro e o Mudo. Filhos do avô Guilherme? Andrades? Da fama não se livravam. Do Desoras não me lembro. Um dia, teria os seus quarenta anos, morreu, ninguém soube ao certo de quê. O Sr. Antero encontrou aí mote para mais uma quadra.

Dejoras, axim chamado

por "tarde e mal" xempre chegar

Xó uma vez foi lampeiro

Foi para a morte encontrar

Mas se não me lembro do Desoras, já o mesmo não posso dizer do Chaparro e do Mudo. O Mudo...

Ah, ah, ah...

E apertava a mão de encontro ao peito querendo significar que gostava de mim, tal como o fazia para a avó Maria da Luz

De tal modo aqueles dois homens adoravam a avó que pouco tempo lhe levaram, quando ela morreu. A morte da avó Maria da Luz... O Sr. Antero não conseguiu versejar. Limitava-se a dizer com um pesar que não era fingido, bem pelo contrário:

Ai menina Maria da Luz, não é xó a família da menina que está de luto. Está todo o povo, todo o povo. E não xó o povo daqui. Xão também os ambulantes que por aqui paxam. Depois da morte do fidalgo a Xrª D. Micas dava abrigo e comida a todos: xesteiros, pultriqueiros, xiganos, pedintes, latoeiros, amolaxins.

Cesteiros. Lembro-me bem de os ver trabalhar o vime à porta da Casa Grande, uns tempos antes das vindimas. Vinham geralmente "d' além do rio". Lembro-me particularmente de um que sempre que me via entrar ou sair da Casa Grande, me dizia com um ar triste:

Sabe, eu também tenho lá em casa uma menina, a minha Maria de Fátima- também é assim bonita como a menina. Já há bem tempo que a não vejo.

Pultriqueiros. Com ar escanzelado, alguns fazendo o pino à medida que percorriam as ruas ao som de um tambor, anunciando:

Pultricas logo á noite no largo, junto à fonte de baixo.

Ciganos. Acampavam muitas vezes no Lameiro dos Linhos. Eles, os burros, os cavalos, os cães. Dizia-se que eram estranhos. Dizia-se ainda que ludibriavam nos negócios, que roubavam, que deitavam mau olhado... Daí que se amedrontassem as crianças sempre com o mesmo dito:

Se te portas mal vêm aí os ciganos e levam-te.

Mas eu acostumei-me de tal modo a vê-los por casa da avó Maria da Luz, que a sua presença nunca me causou temor, antes fascínio, fascínio esse que começava logo quando via o colorido das suas caravanas. Ainda hoje recordo os olhos negros expressivos nas caras enfarruscadas das crianças ciganas.

Pedintes. Lembro-me bem de um que era conhecido pelo "Tolo da Vide". A cabeça rapada e o crânio cheio de cicatrizes. Ao ombro um saco cheio de colheres.

Uma cuié. Uma cuié. Uma cuié. Uma cuié.

A alegria nos seus olhos quando recebia mais uma.

Latoeiros, amolaxins... Há quantos anos não ouço o som de um amolaxim anunciando-se pelas ruas do Castro? Será que todos eles desapareceram com a avó Maria da Luz?

Todo o povo sentiu a morte da avó Maria da Luz. E muito em particular o Chaparro. Matou-se dois dias depois com os explosivos com que tantas vezes matara os peixes para lhe levar. Quem para além da avó Maria da Luz teve alguma vez um pinga de consideração por ele? Morta a avó quem lhe restava? Só o mudo, seu companheiro de infortúnio.

Foi desta forma que o Sr. Antero cantou a morte do Chaparro.

*O povo nunca engraxou
Com o pobre do Chaparro
Com um tiro xe matou
E lá está a fajer barro
Há gente que é mesmo axim
Mal na vida e mal na morte
Noxo Xenhor está pouco atento
Nestas coijas da má xorte
Há uns que humilham os outros
e nunca xão humilhados
Há os que xó fajem o bem
e não xão recompexados
Ele há gente que xe morre
Por xe fartar a comer*

*E há outra gente que morre
Por querer pão e não o ter
O mundo está muito mal feito
Está tudo torto na terra
Em vez de bem há mijéria
E em vez de paz há a guerra.*

Será que só eu li nas entrelinhas dalguns destes versos, referências indiretas aos Andrades e à avó Maria da Luz?

Também o mudo morreu pouco depois da avó Maria da Luz... Desde a sua morte praticamente não mais abandonou o portão do cemitério. O mudo, de quem o Sr. Antero diria:

*O mudo nunca falou
Mas também não foi prexijo
Por gestos dijia tudo
Com berdade e com juízo.*

Foi a última vez que ouvi versejar o Sr. Antero. A varanda do Sr. Antero, para ele sacada, agora vazia.

Ai quem me acode, ai quem me acode.

Era a Sr^a Felicidade.

O meu Antero está caído na loja e com o peso dele não o consigo levantar.

Acudiu muita gente, mas já era tarde demais. Não era só por ser pesado que a Sr^a Felicidade não conseguia arrastar o Sr. Antero. O corpo jazia já sem vida quando o encontrou. Fora à loja dos burros fazer as suas necessidades e lá ficou. Ironia do destino, ele que versejara assim:

*Eu no xobrado em xima
É axim que o mundo é feito
Eles na loja em baixo*

Jurrando como é xeu jeito

Ai quem me acode, ai quem me acode

Parece que ainda hoje ouço a Srª Felicidade. A Sra Felicidade, sempre com um brilho nos olhos... O nome condizia com a pessoa.

Eu e o meu Antero casámos, tinha eu 16 anos. Só tenho pena que não tivesse sido ainda mais cedo. É muito bom, o meu homem.

2

Castro o meu lugar de refúgio... Sentada no terraço observo as andorinhas que todos os anos regressam à varanda do Sr. Antero. Entram e saem dos ninhos num corrupio constante Como é possível que cada uma identifique o seu ninho? Como é possível que regressem todos os anos ao mesmo lugar? O Sr. Antero, esse é que já não entra nem sai. Há muito que deixou a varanda. Há muito que deixou de versejar, mas parece-me ouvi-lo sempre que olho para a sua varanda, agora vazia.

Entre o largo das Eiras

e a Rua do Balcões

a menina Maria da Luz

paxos já deu uns milhões

E os passos para o Cabecinho? Esses nunca foram motivo de inspiração para o Sr. Antero, mas se não foram milhões, foram muitos milhares, por certo.

Mãezinha, posso ir brincar para casa do tio Geraldo?

Minha filha, mais vale ser desejado que aborrecido.

Ou, em outras alturas:

O hóspede e o carneiro ao fim de três dias tomam cheiro.

Estas frases, bem como o seu significado, ouvi-as vezes sem conta. Mas isso não impedia que esperasse ansiosa que o tio Geraldo passasse no Largo das Eiras, por baixo do meu terraço. Aí, saudava-o efusivamente na esperança de lhe ouvir o tão desejado convite.

Tio Geraldo, olá?

Não queres ir até ao Cabecinho ?

Eu corria para a minha mãe

O tio Geraldo convidou-me para ir para o Cabecinho.

A minha mãe vinha então até ao terraço e insistia:

Ela não vai maçar-los? Se os maçar mandem-na embora. Ela às vezes abusa.

Qual maçar! Faz-nos falta a alegria de uma criança em casa. O nosso neto Pedro já está a ficar um homenzinho...

Eu corria já lesta pelas escadas. Como eu gostava das tardes de verão passadas na varanda da casa do tio Geraldo! Sempre lhe chamei tio Geraldo, embora soubesse que se tratava de um primo já afastado. O pai do tio Geraldo era primo do tenente Mateus, pai da avó Micas. Para mim o tio Geraldo era um parente muito próximo e eu intuía que ele sentia o mesmo em relação a mim. Apercebia-me de que me tinha sido reservado um lugar muito especial, bem lá no fundo do seu coração.

Como eu gostava das tardes de verão passadas na varanda da casa do tio Geraldo! Jogávamos damas, dominó, xadrez. Jogávamos é uma forma de dizer pois eu , mais que jogar, fingia que jogava, embora no fim acabasse sempre por ganhar. Também jogávamos ao rapa e eu gostava particularmente do jogo, quando se jogava a súplicas, aqueles bolinhos espalmados, cobertos de açúcar que a tia Maria Dulce fazia tão bem. A tia Maria Dulce. O

nome assentava-lhe bem tal como acontecia com a Sr^a Felicidade. A tia Maria Dulce era uma mulher doce, serena, a quem eu nunca ouvi elevar a voz nem perder a calma. Sempre que falava comigo incluía nas frases as palavras “Minha linda”

Sabes, minha linda, a tua avó sempre foi a minha melhor amiga. Em nova, era muito viva e alegre, a tua avó. Antes de vir morar para cá, vinha nas férias mas só de vez em quando. Como eu esperava ansiosa a sua chegada....Depois que veio morar para cá, quando o pai se reformou, era raro o dia em que não estivéssemos juntas. Sabes, minha linda, a tua avó namorou com o Geraldo. Faziam um par tão bonito! Eu acompanhava-os muitas vezes pois, naquele tempo, não era como agora. Se uma rapariga se fizesse acompanhar sozinha por um rapaz ficava logo falada. Para mim, era como se os dois fossem meus irmãos. Depois a tua avó acabou por casar com o fidalgo, devido à pressão dos pais que sempre alimentaram esse sonho.

Os sonhos dos pais da avó Maria da Luz, transformados em pesadelo, os bens de raíz delapidados, a humilhação sempre presente.

E o tio Geraldo? Trabalhou como um danado numa pequena chácara em S. Vicente, primeiro arrendada, depois sua. Com uma carrocinha ia vender legumes e frutos na praça, em Santos. O negócio foi prosperando e montou uma loja sua. Depois montou mais uma e mais outra....A carrocinha foi substituída por um camião. E o tio Geraldo trabalhava, trabalhava, ansiando pelo dia em que iria regressar ao Castro para concretizar o seu sonho. Tanto trabalhou que nem se apercebeu que as forças lhe faltavam, que o suor o alagava mesmo em pleno mês de julho quando o frio apertava um pouco. Um dia não apareceu nas lojas. Foram

encontrá-lo inanimado em casa. Transportado ao hospital, ali se manteve entre a vida e a morte por uns largos meses. Malária, tifo, de tudo um pouco, segundo os médicos. Regressou a casa ansioso por notícias. Lá estavam, não tantas como esperava. Da avó Micas, então Maria da Luz, só duas cartas. Como todas as anteriores refletiam uma imensa saudade, mas que a esperança de um regresso breve ajudava a suportar. Mas só duas? Em tanto tempo só duas cartas? Há quanto tempo não escrevia? Estaria doente? A resposta foi encontrá-la numa carta dos pais. Julgou de enlouquecer. Por que razão não o levaram as febres? Que sentido iria ter agora a sua vida? E então uma raiva surda apoderou-se dele e começou a trabalhar ainda mais. Por um lado o trabalho atordoava-o ajudando-o a esquecer, por outro, ele que no primeiro momento jurara a si mesmo não voltar ao Castro, tomara uma nova decisão. Regressaria logo que a sua fortuna estivesse um pouco mais consolidada. Ao regressar encontrou na tia Maria Dulce a amiga com quem desabafava:

Trabalhei como um mouro para merecer a Maria da Luz. Vi a morte tão de perto...Tudo em vão. Que interesse tenho agora na vida?

E a tia Maria Dulce, doce, serena, funcionava como uma bálsamo para as feridas do tio Geraldo.

Sabes, minha linda? O meu sentimento por ele foi-se transformando. A amizade de outrora transformou-se numa grande paixão. De início tentei contrariá-la. Sentia um terrível sentimento de culpa em relação à tua avó. Como podia eu apaixonar-me pelo homem que tinha sido o grande amor da minha maior amiga. Incapaz de contrariar a paixão, tentava a todo o custo escondê-la.

Mas ao tio Geraldo não passou despercebida.

Eu continuo a pensar na Maria da Luz mas sei que é um amor impossível. Se me aceites nestas condições, caso contigo.

E a tia Maria Dulce aceitou de imediato.

Tem sido um homem maravilhoso, mas lá no fundo, minha linda, eu acho que ele ainda pensa na tua avó. Só que eu aceitei-o nessas condições, por isso não posso cobrar nada. Basta-me tê-lo perto de mim. Como eu amo este homem...

A tia Maria Dulce! Como eu me lembro dela, suave e doce a condizer com o nome. A tia Maria Dulce que em criança brincava com a avó Micas. A tia Maria Dulce e o tio Geraldo avós do primo Pedro com quem eu brincava em criança.

Que bem se querem estes meninos. Acho que se fossem irmãos não se queriam melhor....

Assim comentavam da varanda a tia Maria Dulce e o tio Geraldo, referindo-se a mim e ao neto Pedro.

O tio Geraldo... Como eu gostava quando ele me punha na garupa do seu cavalo e íamos colher cerejas e ginjas, lá no pomar da quinta da Marruça. Chegava ao Cabecinho toda enfeitada. O tio Geraldo colocava uns galinhos de cerejas presos por detrás das minhas orelhas, de modo a parecerem brincos, encadeava galinhos uns nos outros e fazia um colar que me punha ao pescoço, uma pulseira que me punha no braço. Quando chegávamos ao cabecinho dizia:

Venham ver a nossa princesinha

E depois lá íamos, eu e a tia Maria Dulce, levar uma cesta de cerejas à avó Maria da Luz Eu toda enfeitada.

Veja como eu estou bonita avó.

Estás, minha filha, pareces uma princesa.

O tio Geraldo também disse que eu era uma princesinha.

Mas já não me ouvia. Conversava com a tia Maria Dulce, ambas sentadas num dos escanos da cozinha, a avó com as suas mãos calejadas, o seu rosto vincado pelas rugas, a tia Maria Dulce com o rosto empoado, como era seu jeito. Ambas conversando e sorrindo, mas a avó Maria da Luz com aquele sorriso triste que a expressão azul cinza do olhar reforçava. Também a tia Maria Dulce deu muitos passos entre o Cabecinho e a Rua dos Balcões, depois da morte do fidalgo, claro está..... Quase todos os dias ia fazer um pouco de companhia à avó Maria da Luz. Nunca ia de mãos vazias. O que levava entregava-o à Alzira, fora dos olhares da avó. Como se a avó não se apercebesse... Ela bem sabia que o faziam, não para a humilhar, mas para a ajudar. Ao que chegara a Casa Grande...O tio Geraldo, esse não acompanhava a tia Maria Dulce.

Vai tu. As mulheres têm sempre muito que conversar.

E conversavam. A tia Maria Dulce com o seu ar doce e sereno, a avó Maria da Luz com um ar triste a que a cor azul cinza dos olhos conferia uma beleza especial, mas da qual só muito mais tarde me dei conta. Só agora, recordando esse tempo já tão distante, me apercebo de como era ao mesmo tempo triste e bela a expressão do rosto da avó Maria da Luz

Quando vais passar uma tarde connosco lá no Cabecinho?

Mas a avó conseguia esquivar-se:

De tal modo me desabituei de sair em vida do fidalgo, que agora só me sinto bem dentro de casa. Mesmo ao meu filho vou poucas vezes, tu bem sabes. Aparece tu. Não imaginas o quanto eu gosto da tua companhia.

O tio Geraldo! Em ocasiões especiais uso a joia que ele me deu. Belíssima, aquela joia em ouro e esmalte. Uma joia da Belle

Époque- uma joia Lalique. Foi pouco antes de morrer. Num dia quente de agosto convidou-me para ir com ele, ao fim da tarde, à Quinta da Marruça. Fomos os dois a pé, lentamente, ele apoiado na sua bengalinha encastoada em prata. Pelo caminho ele aproveitava para me mostrar todas aquelas plantas silvestres, com as flores secas que, no seu conjunto, exalavam um cheiro inigualável - orégãos, tomilho, arçãs, zimbros. A dada altura começou a falar, não sei se para mim, se para ele mesmo, e o tom de voz era ao mesmo tempo nostálgico e alegre.

Quantas vezes por aqui passei em jovem, em tardes iguais a esta, tardes que não voltam mais. É terrível este sentido inexorável do tempo, do mesmo modo que é fantástica esta capacidade seletiva da memória que nos permite esquecer tantas coisas e simultaneamente recordar tantas outras que apesar de tão distantes no tempo, nos surgem como se estivessem a ocorrer precisamente no momento. Há lembranças de tal modo impressas na minha memória que chego a pensar que serão as últimas a desaparecer. São de tal modo fortes que consigo sentir, tal como na altura em que os fatos ocorreram, as emoções, os cheiros, os sons. É o que me está a acontecer agora. De tal modo tenho na memória outros passeios doutros tempos que já não sei se os besouros que ouço zumbir, os cheiros e as cores que me inebriam, o bafo desta brisa quente são de agora ou de outros tempos em que a tua existência, se eventualmente premeditada, só o poderia ser na mente de deuses e digo de deuses e não de Deus porque continuo um homem céptico em relação ao divino....

O tio Geraldo ia falando, falando, e eu ouvia-o com a sensação que ele falava com alguém que não eu. E foi assim até chegarmos à quinta da Marruça. Aí, sentou-se debaixo do velho sobreiro ao

lado do portão de ferro da entrada, que no mesmo metal, tem trabalhados um G e um M, a testemunhar que aquela quinta foi comprada com o suor de Geraldo Mateus, que em tempos emigrou para o Brasil, na esperança de poder regressar mais tarde e concretizar um sonho de há muito. Talvez fosse esse sonho que ele recordava quando pareceu emergir dos pensamentos em que veio emaranhado durante quase todo o trajeto.

Senta-te aqui ao pé de mim.

E de imediato, mas num gesto lento, retirou do bolso do casaco um embrulho envolvido em papel de seda já desbotado e um pouco amarrotado.

Isto é para ti, abre.

Lá dentro, um estojo com a joia e um cartão amarelecido pelo tempo, com a dedicatória:

Para a mulher que amo e que ilumina a minha vida. Esse dom vem-lhe do nome.

Fiquei sem perceber e por isso sem saber o que dizer. Foi ele quem falou primeiro.

Comprei essa joia há muitos, muitos anos. Destinava-se à tua avó Maria da Luz, mas o homem põe e os deuses dispõem. Os deuses, os demónios ou os homens, vá-se lá a saber...O certo é que não pude dar a essa joia o destino que tinha imaginado. Ficou até agora à espera do destino a dar-lhe e achei que esse destino eras tu. És neta dela, tens o seu nome e quero-te muito. Três boas razões para a mereceres.

Só então consegui articular alguma coisa. Estava perplexa.

Mas tio Geraldo, porque a não deu à tia Maria Dulce, à sua nora, ou ao Pedro para ele mais tarde a dar à mulher ou a uma filha que possa vir a ter?

Não seria justo até porque a existência desta joia é um dos dois únicos segredos que nunca partilhei com a Maria Dulce. Gostaria que também tu o não partilhasses. Nem com ela, nem com mais ninguém. É só o que te peço. Não me perguntes porquê. A resposta é o outro segredo, mas esse irá comigo para a cova.

Não estava na aldeia quando soube da morte do tio Geraldo. Quando cheguei para o funeral não o quis ver amortalhado. Gosto de recordá-lo com a sua bengalinha encastoada em prata, com os seus olhos azuis, dum azul esverdeado muito límpido que me parecia reconhecer nos olhos do meu pai. Mas o que eu mais recordo dele é este último passeio. Não é só pela joia, é pela expressão do seu olhar. É absolutamente indescritível a expressão fantástica que nesse dia tinha o olhar do tio Geraldo.

Logo que tomou conhecimento da morte do tio Geraldo a avó Maria da Luz foi para o Cabecinho, donde só saiu alguns dias depois do funeral. Passou todo esse tempo a fazer companhia à tia Maria Dulce. Os seus olhos azul cinza pareciam mais cinza ainda. Recordo o olhar das duas, cada qual o mais triste. Qual delas sofreria mais naquele momento? Qual delas teria amado mais aquele homem? Nenhuma deitou uma só lágrima. Talvez as tivessem deitado depois, no recôndito das suas casas. Mas o que é certo é que a partir desse dia, nenhuma das duas voltou a ser a mesma.

3

Foi no Natal logo a seguir à morte do tio Geraldo. Nos Natais reunia-se toda a família à volta da mesa do salão da Casa Grande. Nesses dias os olhos da avó Maria da Luz eram mais azul que cinza. Sempre acreditei que era nos Natais que ela ganhava forças

para viver todo o ano. Como ela gostava de ter aquela mesa com toda aquela gente à volta. Nunca me lembro de sermos menos de trinta. E a azáfama antes da Consoa? À mesa falava pouco, preferia ouvir.

Ai, é tão bom ouvir este emaranhado de vozes, meus filhos. Soa-me como música.

Mas daquela vez a avó tinha algo importante a dizer, ela que geralmente preferia ouvir.

Agora que estais aqui quase todos queria aproveitar para vos pedir uma coisa. Quando morrer, não me enterrem no mausoléu dos Andrades. Quero ir para o jazigo dos Mateus.

Mas que raio de conversa mãe! E logo na Noite de Consoada...

Não se aflijam que não conto morrer tão cedo mas a verdade é que para morrer basta estar vivo e a morte é o que temos mais certo na vida.

Não contava morrer tão cedo.... Não contaria mesmo? Morreu pouco depois desse Natal.

Menina Maria da Luz quando puder passe pela Casa Grande que a sua avó quer falar-lhe.

Não a fui encontrar curvada de volta das panelas, nem tão pouco a varrer o lar. Estava deitada.

Está doente avó?

Não minha filha, apenas cansada.

A Avó trabalha demais.

Não é cansada de trabalho; é cansada da vida.

Então avó! Que pensamentos são esses?

Olha minha filha, é do inverno. O inverno põe-nos tristes. Quando o cuco cantar, anunciando que se aproxima a primavera,

vais ver que fico mais animada. Agora senta-te aí aos pés da cama. Preciso de ter uma conversa muito séria contigo.

Diga avó.

Não é uma conversa fácil. Nem sei por que ponta a hei de começar. Lembras-te de uma vez me perguntares quem era a jovem daquele retrato? No tempo em que tirei aquele retrato eu era uma rapariga muito feliz. A vida tinha sido sempre muito generosa comigo e naquela altura apaixonara-me por um homem fantástico que me correspondia nesse amor- o tio Geraldo. De tal modo eu era feliz que toda a gente dizia que ao darem-me o nome de Maria da Luz me tinham fadado bem. Na verdade, de tão feliz ser, irradiava essa felicidade. Fui fraca, muito fraca e não consegui resistir às pressões que me foram feitas para casar com o fidalgo. Com ele fui muito infeliz. A única coisa boa que me ficou desse tempo foram os meus filhos, que amo muito. Mas nunca consegui deixar de amar o Geraldo e isso fez-me sempre sentir terrivelmente culpada face à Maria Dulce. É um sentimento de traição que me dói muito.

E dos olhos azul cinza da avó Micas começaram a rolar lágrimas, tantas, tantas lágrimas. Dei-me conta que nunca tinha visto a avó chorar. Abracei-a e disse:

Um amor tão bonito, até a tia Maria Dulce iria entender.

Mas a avó, por entre lágrimas, disse:

Tu não sabes da missa a metade, minha filha. Só espero que, quando souberes, sejas um pouco indulgente para com esta tua avó e me perdoes.

De que está a falar avó?

Volta amanhã, minha filha. Talvez amanhã te conte. Agora deixa-me só.

Mas o amanhã já era tarde demais. Acordei cedo ouvindo um vozear aflito. Apurei o ouvido. Era a voz da Alzira.

Não sei como foi. De manhã fui acordá-la e disse-lhe. Ai que dia lindo minha Senhora. Hoje vai sair da cama e vai dar uma voltinha. Vai às eiras ver o seu filho. Não respondeu. Aproximei-me da cama e apercebi-me de que estava morta. Ai o que vai ser de mim sem a minha senhora...Ai o que vai ser de mim sem a minha senhora...

A morte da avó Maria da Luz. Tinha eu 18 anos. Como eu senti a sua morte... Quanto tempo levei a tomar consciência do que realmente acontecera? Nos primeiros tempos dava comigo a pensar que talvez nada tivesse acontecido, talvez eu tivesse acordado de um pesadelo. Por vezes parecia-me que a ouvia falar. Como podia ter morrido se eu continuava a ouvi-la nitidamente, se era tão inconfundível o seu tom de voz? Quando uns tempos depois do funeral, voltei a entrar na Casa Grande e vi o lar vazio, sem a avó curvada a andar de um lado para o outro, acho que aí, e só então, tomei consciência de que a perdera para sempre. Saí e poucas vezes mais voltei a entrar na Casa Grande. Também a Alzira poucas vezes lá voltaria a entrar. Foi viver para o Largo das Eiras, na casa a que eu ainda hoje chamo a "minha casa".

As palavras da avó Maria da Luz quase à despedida, no dia que precedeu a sua morte, começaram então a ecoar na minha cabeça:

Tu não sabes da missa a metade, minha filha. Só espero que, quando souberes, sejas um pouco indulgente para com esta tua avó e me perdoes.

O que teria eu a perdoar à avó Maria da Luz? Dela só tinha recordações boas...Saberia a Alzira o que avó tinha para me dizer?

Não sei mas pode ser que esteja alguma coisa escrita nesse caderninho que a sua avó me entregou há uns tempos dizendo: "Quando eu morrer dá este caderninho à minha neta Maria da Luz. Não deixes que ninguém mais o leia".

O caderninho. Não o reconheci de imediato. Oferecera-lho quando andava na escola, com a dedicatória "Para a melhor avó do mundo", escrita em letra de menina da primeira classe. Só tem uma folha usada por mim, a primeira. Nela, um desenho legendado. Uma mulher por baixo da qual, na mesma letra, está escrito "avó" dá a mão a uma menina que tem escrito por baixo, "neta ". No cenário uma casa com o fumo a sair da chaminé e uma árvore. Por que razão só usei a primeira folha? Se houve nisso qualquer intenção não a recordo. Nem tão pouco a conheceria a avó Micas que preencheu o resto do caderno, iniciando a escrita, com a dedicatória:

Para a melhor neta do mundo.

Por que razão acho que és a melhor neta do mundo? Todas as avós acham que os seus netos são os melhores do mundo e eu, que tenho muitos, não sou exceção. Reconheço no entanto, que sempre tive uma certa preferência por ti. Talvez seja do nome, ou talvez não. O certo é que nenhum dos meus outros netos me deu, alguma vez, uma prenda tão linda como este caderno com esta dedicatória. Pergunto-me por que razão terás usado só a primeira folha. Esperarias que eu to devolvesse com alguma resposta? Se era essa a tua intenção chegou o momento de o usar. Talvez depois de leres o que aqui vai ficar escrito, aches descabida a dedicatória que fizeste. Peço-te no entanto, que me julgues mais

com o coração do que com a razão. A tua avó não é por certo a melhor avó do mundo, bem longe disso. Guardou até hoje um segredo que te pode envolver e que, por isso, talvez tenhas o direito de conhecer. Uma vez, não sei a propósito de quê, disseste-me "a avó não tem pecados". Como tu me tens em tão bom conceito, minha querida neta. Lamento desiludir-te mas, por mais anos que eu pudesse viver, nunca acharia expiado o maior pecado que cometi. De outra vez, ficaste muito admirada por ser eu a jovem do retrato que está na sala. No tempo em que tirei aquele retrato eu era uma rapariga muito feliz, tão feliz que chegava a ter medo dessa felicidade. Tinha tido uma infância e uma adolescência cheias de afeto. Fui muito feliz nessa fase da minha vida especialmente a que já passei aqui. Tinha como principais amigos, a Maria Dulce, o Geraldo e a Alzira. Na altura do Natal íamos de casa em casa cantar as Janeiras. No verão, nas noites de luar, passeávamos pelos caminhos- da Marruça, do Pereiro, das Fontelas, da Sta Marinha, das Filhadas, da Esborralhada, do Prado- ou íamos até ao Cabecinho, onde na altura não havia nada, a não ser um carrascal, parte do qual ainda lá continua. De lá íamos ver o fogo de artifício nas festas das aldeias vizinhas. Na primavera corríamos pelos lameiros cheios de flores silvestres. Não sei se aconteceu simultaneamente mas um belo dia eu e o Geraldo apercebemo-nos de que estávamos apaixonados um pelo outro. Então a vida passou a ser ainda mais bela. Eu sonhava com o futuro que iria construir ao lado dele, tal como ele sonhava com o futuro que iria construir ao meu lado. Sonhos, minha filha, sonhos...Entre esses sonhos estava um dia construirmos uma casa no Cabecinho, num terreno que nem sequer pertencia a nenhum de nós. Essa casa teria uma varanda a toda a volta e nela nos

sentaríamos a olhar a ladeira, a ver o pôr do Sol e a ouvir os melros, as calhandras, as cotovias, os pintassilgos e as andorinhas que faziam muitos ninhos no beiral. Sonhos, minha filha, sonhos....O meu pai gostava muito do Geraldo mas dizia-me: É muito bom rapaz mas não é forma para o teu pé... E quando dei por mim, estava casada com um homem que temia antes de casar e passei a odiar em casada. De tudo isto já ouviste falar, por certo. Fui muito infeliz mas sempre entendi que foi castigo por não ter sabido ser suficientemente firme na recusa de me casar com ele. No dia em que o Geraldo chegou do Brasil, onde foi mourejar para poder vir a casar comigo, julguei de enlouquecer. Se não tivesse já um filho nos braços e outro no ventre eu acho que tinha largado tudo e corrido atrás dele, mesmo sabendo que isso me desgraçaria para todo o sempre aos olhos de todos. Não o fiz e depois de um filho foi outro e mais outro e mais outro... E o amor pelos meus filhos ajudava-me; mantinha-me como que atordoada face ao amor que eu continuava a sentir pelo Geraldo.

Quando ele casou com a Maria Dulce no meu peito defrontaram-se, de início, dois sentimentos: um, horrível, de ciúme e ódio contra a Maria Dulce, uma das mulheres mais fantásticas que eu conheci, outro bonito, tranquilizador, tal como se a minha felicidade tivesse sido transferida para a minha melhor amiga. Não fui ao casamento. Ele e a Maria Dulce vieram cá a casa convidar-nos e tiveram uma recepção terrível...O fidalgo, bêbado, expulsou-os de casa aos berros dizendo:

Ouve lá, peralvilho, se algum dia voltares a esta casa, estouro-te os miolos. Nunca mais falei com eles durante a vida do fidalgo. Mas a par disso aconteceu uma coisa bonita. Daqueles dois sentimentos que se defrontavam no meu coração, o bonito venceu

e eu ficava feliz só de pensar que o Geraldo e a Maria Dulce eram felizes. Quando construíram a casa lá no Cabecinho, onde eu sonhara viver, fiquei muito contente. Até parecia que era eu que a ia habitar. Imaginava-os lá na varanda, olhando a ladeira, ouvindo os pássaros e o silêncio da noite e imaginava-me a mim, junto deles, como outrora estivéramos tantas vezes. E esse pensamento enchia-me de tranquilidade. Mas se consegui expulsar do meu coração o ciúme e o ódio, nunca consegui expulsar o amor pelo Geraldo.

Como te disse, não voltei a falar com ele nem com a Maria Dulce, desde o dia em que vieram à Casa Grande convidar-nos para o seu casamento. No dia em que o fidalgo morreu, mandei a Alzira com os meus filhos, os teus onze tios, para a casa que tinha sido dos meus pais. Não quis que as crianças assistissem a todo aquele espetáculo, acima de tudo pela hipocrisia que sabia, de antemão, lhe iria estar associada. O velório, como ainda é costume no Castro, foi em casa. Apareceu toda a gente da aldeia, por consideração a mim, estou certa. Outros, como as tuas tias-avós que moravam longe, vieram só no dia do funeral. O Geraldo e a Maria Dulce vieram de imediato e eu fiquei muito feliz por poder estar ali com eles, podermos conversar, como já o não fazia há tantos anos. Muito delicadamente, por volta da meia noite agradei às pessoas presentes e disse-lhes que não me levassem a mal, mas gostaria de ficar só com os meus primos. Juro-te, minha neta, que não tinha qualquer outra intenção senão a de ficar junto das pessoas a quem eu muito queria, gozando assim duma paz que já não conhecia há muito. As pessoas foram saindo, só eles dois continuaram. A dada altura a Maria Dulce sentiu-se mal, com uma das suas terríveis enxaquecas e deitou-se no meu quarto. Eu fiquei

só com o Geraldo a velar o morto. Não sei como aconteceu. Foi tudo tão rápido, tão louco, que ainda hoje ao recordá-lo me sinto envolvida no mesmo turbilhão. Só sei que tudo aconteceu de repente como se algum mecanismo de relojoaria tivesse disparado simultaneamente em cada um de nós. Eu e o Geraldo amámo-nos ali mesmo. Ao mesmo tempo com tanta ternura, com tanta paixão, com tanta sofreguidão! Eu que até ali só tinha sentido asco, sentia-me como que em êxtase, numa volúpia que me tomava todos os sentidos. Em jovem além de feliz eu era alegre, muito alegre. Depois de casar nunca mais sentira alegria, embora por vezes me sentisse momentaneamente feliz, com os meus filhos. Mas ali, eu que já nem me lembrava do que era a alegria, voltei a senti-la. Nesses momentos vivi mais que em toda a minha vida.

Quando me dei conta do que tinha acabado de suceder não me senti culpada perante o fidalgo. Por um lado ele já não pertencia ao reino dos vivos, pelo que nem sequer se poderia dizer que o tivesse traído, por outro, até desejava que lá, onde quer que ele estivesse, se pudesse ter apercebido; era como que a minha vingança por tanto anos de humilhação. Não, perante o fidalgo não me sentia nem um pouco culpada. Mas perante a Maria Dulce...Só então ponderei no que poderia ter acontecido. E se ela tivesse recuperado da sua enxaqueca e regressado à sala? Felizmente tal não aconteceu, mas isso não diminui em nada o peso na minha consciência. Eu traí, da forma mais ignóbil, a minha maior amiga que nunca suspeitou de nada. Da forma mais ignóbil...É certo que não considero o meu ato ignóbil perante os homens. Não será bem mais ignóbil entregar-se a um homem que não se ama, que muitas vezes se odeia, só porque não se tem coragem ou condições para

o abandonar? Não será essa entrega uma forma de prostituição? No entanto, na nossa sociedade hipócrita e decadente, tal ato não é ignóbil. A mulher existe para servir, sem condições, o homem a quem está ligada pelo "santo sacramento do matrimônio"! Não, não me consigo reger por tal hipocrisia, pelo que perante a sociedade não considero ignóbil o meu ato. Mas sei de antemão, que essa sociedade nunca mo perdoaria. Talvez consideres que blasfemo, mas também não considero o meu ato ignóbil perante Deus. Não é Ele um ser onnipotente e onisciente? Então poderia ter evitado o que aconteceu. Bastava ter adiado para melhor ocasião a enxaqueca da Maria Dulce. Até parece ter querido ser conivente. Por isso não consigo que o meu ato me pese como pecado contra Deus. Mas perante a Maria Dulce, aí sim, considero o meu ato sem perdão. Desde então tenho vivido por um lado com a recordação fantástica da minha única experiência de amor e por outro com o terrível remorso que essa recordação me traz. Passado pouco tempo apercebi-me de que estava grávida, mais uma vez, e embora tenha fortes razões para suspeitar que és neta do Geraldo, não posso ter essa certeza. Esse sentimento de incerteza também me persegue. Não que isso tornasse a minha relação com o teu pai diferente daquela que tenho com cada um dos meus outros filhos. Não, amo-os a todos muito por igual, embora a cada um de uma forma diferente. A partir do momento em que os sentia mexer no meu ventre, esquecia todo o asco do ato em que tinham sido gerados. Não é pois a relação com o teu pai que está em causa. É a relação comigo. Será que eu transporte no meu ventre um filho do Geraldo? Que sensação maravilhosa, só de o pensar! Mas a esta sensação grudam-se de imediato, como lapas, o remorso do meu ato e uma série de

incertezas que sempre me perseguiram. Será que o Geraldo teve as mesmas suspeitas que eu? Receio bem que sim. Como explicar de outra forma o carinho especial que sempre teve pelo teu pai e por ti? Mas nunca mais houve, entre nós, qualquer referência àquela noite fantástica e simultaneamente fatídica. Deveria eu ter contado isto ao teu pai? Não sei se o não contei por cobardia, por amor, ou se por qualquer outro sentimento. Não lho teria eu contado com medo do juízo que ele iria fazer de mim, sua mãe? Contá-lo não seria uma forma egoísta de partilhar esta dúvida que tanto me oprime? Que certezas podia eu dar-lhe? Não lho teria contado para o poupar a esta mesma incerteza? Considero que agora é tarde de mais. Percebes agora por que razão eu tenho que expiar os meus pecados? Todas estas incertezas, remorsos e angústias entendo-os como forma de expiação, mas não creio que bastem. Finalmente a última incerteza. Deveria eu ter feito esta opção de to contar a ti? Hesitei também muito mas acabei por me decidir. És mulher e por isso talvez seja mais fácil entenderes. Vou tentar contar-to pessoalmente cara a cara, se o tempo e a coragem a tanto ajudarem. Talvez o que eu possa ler nos teus olhos, desilusão, desprezo, eventualmente ódio, sejam mais uma forma de expiar. E se puder ler nos teus olhos um pouco de compreensão? Aí eu morrerei mais tranquila. Deixo-te no entanto esta confissão por escrito. Por um lado, porque não sei se ainda terei o tempo e a coragem que acima referi e por outro, porque poderás lê-la e relê-la se te aprouver e talvez um dia, já com o distanciamento suficiente do choque que esta confissão irá por certo causar, me possas julgar com mais benevolência. Deixo nas tuas mãos a decisão de a contares ou não ao teu pai. Só uma coisa te peço. Não tomes tal decisão com a cabeça quente. A

emoção não é boa conselheira. Como vês não fui a melhor avó do mundo, bem longe disso. Nem ao certo te sei dizer quem foi o teu avô. Mas não tenho qualquer dúvida de que tu foste e serás sempre, para mim, a melhor neta do mundo.

Como reagi eu ao tomar conhecimento do segredo da avó Micas? Não foi fácil, de início. Eu tinha dezoito anos e vivia numa época e numa sociedade que se regia muito por falsos moralismos. O adultério era bem tolerado no homem mas de modo algum aceite na mulher. A lei era implacável contra a mulher adúltera e perfeitamente tolerante com o adultério cometido por um homem. Ora, para mim, a avó Maria da Luz, tinha cometido adultério, mesmo estando o marido morto. A avó Maria da Luz adúltera... Para mim que facilmente a colocaria num altar, foi de início uma grande decepção. A tal ponto fiquei chocada que não valorizei, nem um pouco, a hipótese de ser neta do tio Geraldo. Mas à medida que o tempo ia passando essa suspeita foi ganhando corpo e com ela uma sensação que me deixava feliz.

Ao mesmo tempo que ia tomando consistência a suspeita de ser neta do tio Geraldo, também se ia transformando o meu juízo relativamente à avó Maria da Luz. Em vez de uma mulher adúltera eu passei a ver na avó Maria da Luz uma mulher que se conseguiu manter toda a vida fiel ao seu primeiro e único amor. Foi então, por essa altura, que eu comecei a dar-me conta de como era bela a expressão do rosto da avó Maria da Luz, triste e simultaneamente cheia de amor, amor que ela distribuía generosamente e em especial pelos que mais careciam de afeto. E na minha memória começaram então a atropelar-se inúmeras recordações em que emergia a sua extrema sensibilidade e ternura, a sua generosidade sempre presente, sem nada querer

em troca. Como lamento não ter a avó Maria da Luz por perto para que ela pudesse ler nos meus olhos o orgulho que eu sinto em ter sido neta de uma tal avó.

5

Neta do tio Geraldo? Comecei a juntar as peças do puzzle. Os olhos do meu pai, azuis e não escuros como os olhos dos Andrades. Se entre os irmãos do meu pai havia vários com olhos azuis, a verdade é que todos eram dum azul cinza que lembrava os olhos da avó. Todos, menos os do meu pai que, entre o azul e o verde, sempre me lembravam mais os olhos do tio Geraldo.

Neta do tio Geraldo? Suspeitaria ele de algo? Por certo. Como explicar de outro modo a ternura com que me tratava? É certo que tratava bem todos os meus primos, mas eu tinha um tratamento especial. Também é certo que, contrariamente aos meus primos, eu vivi no Castro durante toda a minha infância e ali regressava muitas vezes, tal como ainda hoje regresso. Havia ainda a questão da joia. Por que razão ma teria dado? E o segredo que levou para a cova não seria o mesmo que a avó quis partilhar comigo? Neta do tio Geraldo? O meu pai seu filho? Talvez essa suspeita tenha levado o tio Geraldo a dar, como presente de casamento ao meu pai, o terreno no largo das Eiras, onde viria a ser construída a nossa casa. Sempre ouvi dizer que o meu pai, de início, teve alguma relutância em aceitar.

Não, não posso aceitar um tal presente. Esse terreno pertence por direito ao seu filho

Essa agora! Então eu já não sou senhor daquilo que é meu? E para além disso, falei com a Maria Dulce e com o Filipe que estão de pleno acordo. A nós, mais terreno, menos terreno "não nos

aqueita nem nos arrefenta” e a ti faz-te jeito. Se te havíamos de dar uma prenda sem utilidade, damos-te ao menos alguma coisa que te possa ser útil.

Esta dádiva não terá levantado qualquer suspeita na tia Maria Dulce? Bastava um olhar atento para os olhos do meu pai, para ver neles a cor dos olhos do tio Geraldo. E se suspeitou? Provavelmente aceitou com resignação, a mesma com que em tempos me dissera:

Tem sido um homem maravilhoso, mas lá no fundo, minha linda, eu acho que ele ainda pensa na tua avó. Só que eu aceitei-o nessas condições, por isso não posso cobrar nada. Basta-me tê-lo perto de mim. Como eu amo este homem...

E o meu pai, terá ele suspeitado de algo? Terá vivido sempre com essa incerteza? Mas por que haveria de suspeitar? Terá alguma vez reparado na semelhança entre as cores dos seus olhos? E agora que eu sabia algo que ele provavelmente desconhecia, deveria contar-lho? Acho que não. Poderia criar suspeitas, mas não dar certezas. Para além disso, não creio que o tio Geraldo aprovasse. Bastava-me recordar a sua recomendação quando me deu a joia:

...a existência desta joia é um dos dois únicos segredos que nunca partilhei com a Maria Dulce. Gostaria que também tu o não partilhasses. Nem com ela, nem com mais ninguém. É só o que te peço. Não me perguntes porquê. A resposta é o outro segredo, mas esse irá comigo para a cova.

Por isso tenho que mentir cada vez que me perguntam pela origem da joia.

Comprei-a num adeleiro, com o primeiro dinheiro que ganhei.

E ao mentir lembro-me sempre da avó Maria da Luz:

Mais vale uma mentira sã que mil verdades doentes.

Nunca tinha ouvido esse ditado, avó.

Não admira, minha filha. É uma sentença minha

E o que quer dizer, avó?

Há verdades que podem causar tantos danos ao serem ditas que mais vale que não se conheçam; são as que eu chamo de verdades doentes, em oposição às mentiras sãs, que não causam danos nenhuns, mais ainda, chegam a impedi-los.

6

Há quantos anos faleceu o tio Geraldo? Foi há tantos que já lhe perdi a conta, mas recordo ainda as expressões dos rostos da avó Maria da Luz e da tia Maria Dulce naquele dia, tal como se o funeral tivesse sido hoje. Tanta dignidade no meio de tanta dor! A avó Maria da Luz faleceu pouco depois mas a tia Maria Dulce sobreviveu-lhe por muitos anos, tentando preencher com lembranças o imenso vazio que o tio Geraldo deixara.

Sempre que vinha ao Castro ia visitá-la e então ela perdia-se por entre todas aquelas lembranças onde a avó Maria da Luz e o tio Geraldo estavam sempre presentes. De tal modo se perdeu no emaranhado das lembranças que, a dada altura, começou a confundir-me com a outra Maria da Luz, a minha avó, sua companheira desde menina.

Oh que bom que já chegaste. Vou chamar os outros para o nosso passeio.

E chegava à varanda e numa voz sumida, mas doce como sempre o fora, chamava:

Alzira, Geraldo, venham que a Maria da Luz já chegou.

Foi assim, enredada no passado, que uma vez me perguntou:

Trouxeste os jornais?

Eu olhei atónita sem saber o que responder. Mas ela acrescentou:

Não me digas que te esqueceste? Pedi-tos porque não consigo recordar-me daquele conto muito bonito que escreveste uma vez e que foi publicado, tipo folhetim, não sei ao certo em que jornal. Lembro-me que começava assim:

A noite era quente e de luar. As pessoas conversavam sentadas às portas das suas casas, quando, transportados pela brisa quente que se fazia sentir, se começaram a ouvir, primeiro muito ao de leve, depois cada vez mais nitidamente, os gemidos de um homem entrecortados por gargalhadas cristalinas de mulher. Ninguém ousou perguntar nada, nem fazer qualquer comentário. Todos tinham a certeza que os gemidos vinham lá do castro, o castelo das mouras encantadas.

Decidi então assumir o papel que a tia Maria Dulce me atribuíra e respondi-lhe.

Não, não trouxe os jornais porque decidi reescrever o conto, ou melhor vamos reescrevê-lo as duas em conjunto.

E a tia Maria Dulce lá continuou perdida no caos do seu mundo de lembranças enquanto eu, apressadamente, tentava sair do meu. Naquele momento não suportava mais o peso da saudade.

7

Lembro-me de histórias de amor contadas, recontadas e cantadas por poetas e músicos desde Orfeu e Euridice a Leopoldo Ariza e Fermina Daza, passando por Tristão e Isolda, Romeu e Julieta, Simão e Teresa. A elas eu acrescentaria a história da avó

Maria da Luz e do tio Geraldo. Talvez porque a conheci de perto, talvez porque a avó Maria da Luz e o tio Geraldo eram de carne e osso e eu tive o privilégio de os conhecer. Se eu tivesse o talento de Virgílio, de Ovídio, de Gabriel Garcia Marquez, de Wagner, de Shakespeare, de Camilo, esta história poderia, por certo, emparceirar com as outras.

A avó Maria da Luz descansa no cemitério, lá no alto de Santa Marinha. Acredito que esteja tranquila. Tal como pediu foi enterrada no jazigo dos Mateus, mesmo ao lado do jazigo do primo Geraldo. Talvez lá, do outro lado, este amor tão bonito seja conhecido. Se assim for, talvez o Sr. Antero o tome como mote para versejar. Talvez verseje assim:

Oh Xenhora D. Micas

Agora já está melhor!

Repouja xoxegadinha

Ao lado do xeu amor.

Há tempos resolvi colocar uma lápide no jazigo da avó Maria da Luz: *Aqui jaz Maria da Luz Mateus*. Tenho a sensação de lhe ter devolvido toda a dignidade. Retirei o Andrade. Nunca lhe pertenceu; foi apenas um apêndice que lhe impuseram. Será que me pertence a mim? Curiosamente e sem qualquer interferência minha nesse sentido, já há muito, creio que desde os tempos de Liceu, também eu passei a ser conhecida por Maria da Luz Mateus. Porquê? Não faço a mínima ideia. Nasci num tempo em que o número de nomes que se atribuía aos filhos, tinha um pouco a ver com a sua origem social. Por isso me chamo Maria da Luz Rodrigues Nunes Mateus de Andrade Lourenço. Quem decidiu valorizar o Mateus em desfavor de todos os outros apelidos? Não sei. Bem que eu tentava fazer valer a importância da família

Andrade e do seu brasão. A ninguém conseguia impressionar. Daí que professores, colegas e amigos todos me conhecessem pelo apelido Mateus. Acabei por me acostumar, a ponto de o ter adoptado. E hoje, mais do que nunca, me sinto feliz por tal ter acontecido. Também me sinto feliz por não ter sido herdeira da Casa Grande. De início tinha pena. Sempre era um solar com brasão... Mas o seu destino tinha já sido aventado em vida da avó Maria da Luz.

Tu não precisas da Casa Grande, tens a casa das eiras.

Seria essa a principal razão do argumento da avó Micas ou seria a suspeita de que realmente a Casa Grande nada tinha a ver com o meu pai?

O solar, um pouco em ruínas, com a capela feita arrecadação, ficou para os onze irmãos do meu pai que o habitam, ao todo, meia dúzia de dias por ano, se tanto. Lá continua, um pouco abandonado, na Rua dos Balcões, que de balcões poucos ou nenhuns tem para além do da família Mateus, que pertence aos meus primos, herdeiros do tio capitão de que falava o Sr. Antero. E recordo-o de novo, na sua varanda a que ele chamava sacada:

A rua mais importante

é a rua dos Balcões

Há fidalguia que baste

Vigários e xalafrários

Tenentes e capitões

E olho para o Cabecinho e recordo o tio Geraldo e a tia Maria Dulce, serena e doce...Mas acima de tudo recordo a avó Micas, Maria da Luz de seu nome, luz apagada como diria a minha bisavó, com os seus olhos azul cinza de que o meu pai herdou a

cor mas não o tom, dado que o tom dos seus olhos era mais o tom esverdeado dos olhos do tio Geraldo. Tio Geraldo ou avô Geraldo?

Afrodite

(...)Às vezes tu dizias: os teus olhos são peixes verdes.

E eu acreditava.

Acreditava, porque ao teu lado

Todas as coisas eram possíveis(...)

Eugénio de Andrade em "Adeus"

João sentou-se à secretária. Olhou para o calendário. Trinta de setembro. Hoje é o dia do aniversário da Ana. Ana tem a mania de comemorar os aniversários. Não só as datas de nascimento como a do nosso casamento. E ainda há o Natal, o Ano Novo, a Páscoa, o dia do pai, o dia da mãe... Adoro a minha mulher mas não consigo habituar-me a esta mania das comemorações. Em minha casa, só eram dias especiais os aniversários (e que me lembre, apenas o meu), a festa de Sto Isidro, a Páscoa e o Natal. Nos aniversários a Maria fazia um bolo e estava a comemoração feita. Na Páscoa e na festa de Sto Isidro, a comemoração resumia-se, para além da assistência às celebrações festivas, a um almoço especial. Invariavelmente comia-se borrego assado e à sobremesa havia pão de ló. No Natal fazia-se a ceia tradicional, que dava origem ao almoço do dia seguinte -roupa velha - e nada mais, para além da ida à Missa do Galo. Não havia nem árvore de Natal nem presépio, que Ana considera indispensáveis. Relativamente à primeira a minha mãe dizia que

era de inspiração pagã e, em relação ao presépio, a sua posição era:

Presépio em casa para quê? Não colaboraste já na feitura do presépio da Igreja, que está tão bonito? Consegues fazer melhor em casa?

Também não me lembro de prendas. Ou melhor, em vida do pai havia prendas no Natal. Ou melhor ainda, eu tinha sempre uma prenda no Natal. Lá na quinta era o Menino Jesus e não o Pai Natal quem levava os presentes. Para isso era necessário pôr os sapatos na chaminé, pois era ali que apareciam os presentes e não junto da árvore de Natal como faz Ana. Isso ultimamente, pois quando o Pedro era criança encenava-se a chegada do Pai Natal, com um saco cheio de presentes que iam sendo distribuídos com imensa algazarra. Consegui escusar-me sempre a fazer de Pai Natal. Era papel desempenhado geralmente por Ana, pela tia Marta, pelo avô e pelo pai de Ana. Mas voltando aos meus Natais em criança, no dia 25, bem cedo, ia eu bastante ansioso espreitar os sapatos. E ansioso porque receava encontrar carvões.

Se o Joãozinho não se portar bem, no sapatinho o Menino Jesus em vez de presentes põe carvões - dizia-me por vezes a Maria.

Mas não me recordo de ter encontrado carvões, tal como não me lembro de quais foram os presentes enquanto acreditava na vinda do Menino Jesus. Lembro-me, sim, de algumas prendas quando já sabia que o Menino Jesus era nada mais nada menos que o meu pai. Lembro-me perfeitamente da última. Um estojo de desenho Kern de muito boa qualidade. Já nessa altura o meu pai sonhava ver-me engenheiro civil, tal como ele. Estava eu no 1º ano do Liceu e fazia um figurão sempre que ostentava o estojo. Foi

logo a seguir a esse Natal que o pai morreu. Mas houve outras prendas no Natal. Lembro-me de uma caneta de tinta permanente, teria eu os meus 8 anos. Também dessa vez fiz figura pois na escola todos escreviam ainda com caneta de aparo de molhar no tinteiro. Esta mania das prendas, lá em casa devia ser exclusiva do pai. E só no Natal. Não sei se por isso, nunca mais pus o sapatinho na lareira após o pai morrer.

Não é pois de estranhar que no primeiro ano de namoro me tenha esquecido completamente de comemorar o aniversário de Ana. E ter-me-ia esquecido muito mais vezes se Ana, de uma forma um tanto discreta, não mo tivesse sempre lembrado uns dias antes. Aí eu pedia-lhe que fosse comigo escolher a prenda. Nunca consegui ter qualquer ideia sobre a prenda a dar-lhe. Ou melhor, dei-lhe uma vez duas serigrafias do Nadir Afonso porque aí uns oito dias antes fôramos ver uma exposição e Ana tinha gostado. A seguir, nesse Natal, esqueci-me de lhe comprar prenda e ela disse-me um tanto magoada:

Bastava teres guardado uma das serigrafias para esta data.

As mulheres são complicadas. Lembram-me as máquinas de lavar roupa. Têm programas demais.

Eu, rigorosamente, só conheço ou penso conhecer bem três mulheres. A Ana, a minha mãe e a Maria, que me criou. São todas tão diferentes. Bem a Maria é analfabeta e por isso muitas das suas reações são um pouco primárias. É difícil comparar a Maria com a Ana ou com a minha mãe. A Ana e a minha mãe, essas estão uma para a outra como a água para o vinho. A Ana gosta de ouvir música, de ler, de viajar, de conviver com os amigos; a par disso preocupa-se com estas coisas de pouca importância como as comemorações. A minha mãe detesta todos os gostos de Ana que

acabei de referir. Não é por serem gostos da Ana; a minha mãe sempre detestou ler (*cansa os olhos e a maior parte dos escritores são imorais*, diz ela), ouvir música (*eu gosto de silêncio e não de ruído*), viajar (*boa festa faz quem em sua casa fica em paz*), conviver (*em boca calada não entra mosca*). E quanto às comemorações, nem se fala ...*Coisas de quem não tem mais nada para fazer*. A sua grande preocupação é a quinta. Mas também é compreensível. Praticamente não conheceu o pai de quem ficou órfã aos dois anos. Viveu sempre com a mãe, uma mulher triste que aos 20 anos teve que tomar conta da quinta e tratar da educação da filha. Mas à minha mãe não estava destinada uma vida melhor. Ainda em vida do meu pai a minha avó teve um acidente vascular cerebral que a deixou numa cadeira de rodas até à morte, precisamente no mesmo ano em que morreu o meu pai. Tinha a minha mãe então 30 anos. A partir daí, para além de ter que administrar a quinta, praticamente a seu cargo desde muito nova, teve que arcar sozinha com a responsabilidade da minha educação. Talvez por tudo isto ela seja amarga, como diz a Ana. No ano em que casámos a Ana teimou eu comprar uma prenda para a mãe no dia do seu aniversário. A mãe não reagiu bem.

Obrigada. Mas não quero que voltes a oferecer-me nada. Isso implicaria que eu tivesse que vos oferecer prendas nas datas festivas e eu não tenho nem tempo nem feitio para andar atrás dessas coisas.

Também no primeiro Natal a Ana fez questão de a convidar, bem como à Maria, para o passarem connosco. Iriam estar, como sempre, o avô da Ana, os pais e as três tias, solteiras. A resposta da mãe foi:

Agradeço mas não me iria sentir bem no meio dessa multidão. Aliás, para mim o Natal é um dia como outro qualquer pelo que prefiro passá-lo só com a Maria.

Mas não se pense que Ana e a minha mãe são o protótipo da sogra e nora que se detestam. Bem pelo contrário. À sua maneira, a minha mãe adora Ana. Parece que costuma comentar:

O meu filho teve muita sorte com a mulher que escolheu. É uma mulher cheia de qualidades. É certo que tem muitas manias, algumas muito piegas, mas ninguém é perfeito.

E a melhor prova de que a minha mãe adora Ana é a imagem que dela tem a Maria. A Maria não tem pensamentos próprios. É como que uma extensão da minha mãe. Foi com onze anos para casa da minha avó, quando a minha mãe era ainda criança e, por isso, a minha mãe é a sua maior razão de viver. Ora a Maria venera Ana. Para ela, a seguir à minha mãe, Ana é a melhor esposa, a melhor mãe, a melhor cozinheira, a mulher mais diligente e arranjada e não sei quantos predicados mais Maria lhe atribui. Diz ainda que é a melhor advogada do país, senão do mundo, mesmo sem saber em que consiste a defesa de uma causa nem quantas e quais as causas que Ana defendeu com sucesso.

Mas também Ana tem muito respeito pela minha mãe. Justifica todo o seu azedume pela vida difícil que sempre viveu e não deixa de dizer:

É impecável na sua relação connosco. Ouço, inclusivamente por força da minha profissão, várias mulheres queixarem-se do aspecto possessivo das sogras em relação aos filhos, muito em particular se são únicos. Não tenho qualquer razão de queixa. A minha sogra nunca interferiu na nossa vida. Sei também que se preocupa comigo embora tente não o mostrar.

E Ana tem razão. Nomeadamente no que respeita a este ultimo aspecto, já não é a primeira vez que a mãe me chama de lado:

Tem cuidado com a Ana; anda com ar muito cansado. É importante levá-la a um bom médico.

Também Ana se preocupa com a minha mãe e do mesmo modo é a mim que transmite essa preocupação:

Era melhor ir com a tua mãe ao médico. Acho-a abatida e com uma tosse esquisita.

São assim estas duas mulheres, ao mesmo tempo tão diferentes e tão semelhantes. Vi uma vez na montra de uma livraria um livro com o título "As mulheres deviam vir com livro de instruções". Parece-me um título bastante sugestivo e tenho alguma curiosidade em lê-lo...

Mas estou cá a pensar. Desta vez Ana não me falou do seu aniversário. Terá comprado uma prenda para eu lhe dar? Já não era a primeira vez... Da primeira vez fiquei um pouco embaraçado. Ainda viviam o avô, as tias e os pais. Quando cheguei, à hora do jantar, estava a mesa posta com ar de festa e ao lado do lugar da Ana, o carrinho de chá, cheio de prendas. Só nessa altura me dei conta que não lhe tinha comprado nada. Preparava-me para dizer qualquer coisa mas fui interrompido por Ana. *Hoje quero começar pela abertura das prendas.* E pegou na primeira, lendo: *Do João para a Ana.* Abriu-a e procedeu como se tivesse ficado surpreendida com a mesma- um disco de Ella Fitzgerald e Louis Armstrong. *Obrigada João,* disse sorrindo. Ninguém, para além de mim, deve ter percebido o que se passou. Episódios como estes repetiram-se algumas vezes mas na maior parte dos dias festivos eu vou com Ana e ela compra uma prenda que eu depois lhe

ofereço. Desta vez não fomos. Talvez tenha comprado algo para eu lhe dar. E se não comprou nada? Agora só já somos eu, ela e Pedro, mas Pedro está a fazer o doutoramento na Dinamarca. Ele não se esquece do aniversário da mãe, mas provavelmente apenas telefonará. Ou ter-lhe-á enviado uma prenda? É melhor eu tentar comprar-lhe qualquer coisa. Mas o quê, meu Deus?

João saiu um pouco desorientado. Ao passar na livraria Lello lembrou-se de que Ana gostava de ler. Mas que livro lhe haveria de dar? Ela tem tantos livros. Começou a folhear alguns no escaparate. Um deles, *Afrodite*, de Isabel Allende, chamou-lhe a atenção

Vou levar este. Por um lado o título faz-me recuar muito no tempo. Era eu ainda muito criança quando o meu pai me mostrou no Céu aquilo que eu julguei ser uma estrela. Disse-me então que era chamada estrela da tarde ou estrela da manhã, porque se pode ver umas vezes ao entardecer antes de no céu brilharem todas aquelas estrelas, outras de manhã, quando a luz das estrelas deixa de se ver. Disse-me que não era uma estrela mas um planeta, o planeta Vénus, e disse-me ainda que Vénus era para os romanos a deusa da beleza e do amor a quem os gregos, por sua vez, chamavam Afrodite. Por outro lado, acho que Ana gosta desta autora. Creio que é familiar do malogrado ex-presidente chileno. Será que Ana não tem ainda o livro? Será que vai gostar?

Ai, as mulheres... Não lhes basta terem um marido fiel que colabora em quase todas as tarefas, que adora a sua companhia, que não tem grandes vícios. Creio que não tenho outros para além do cachimbo, da caça e dos cães. Aliás estes dois últimos são na realidade um e um só. E Ana não parece preocupar-se muito com

estes meus vícios. Diz, é certo, que os meus vícios são pouco ecológicos, mas também costuma acrescentar:

O "Mayflower" cheira tão bem, que não deve fazer muito mal ao ambiente. E quanto à caça, com o que tu caças, não pões em risco a continuação das espécies.

Curiosamente entre estes meus dois vícios há aspectos interessantes e que são comuns. Sou capaz de estar horas com o cachimbo na boca sem o acender. Basta-me, por vezes, esta relação que eu acho um pouco sensual, entre mim e o cachimbo. Também na caça sou capaz de estar horas debaixo de uma árvore com a espingarda ao ombro sem ver caça e contentando-me com a agitação dos cães, com o silêncio e a imensidão do campo. Chego a pensar que os meus vícios são um pretexto para uma certa meditação, que me reconforta. De tal forma os meus vícios são tolerados por Ana, que devo essencialmente a ela a minha coleção de cachimbos, tão invejada por alguns amigos. Também já me tem oferecido alguns acessórios para a caça. Para além disso adora os meus cães. São cães sem "pedigree", cruzados de podengo com vira-latas mas é assim que eu gosto deles, sem pretensões. Aliás chamam-se geralmente isso mesmo, Vira-latas, Rafeiro, Vadio e não, por exemplo, Duque e Marquês como se chamavam os cães do meu pai. Quando eu nasci já o Duque e o Marquês existiam e morreram ambos, com pouca diferença um do outro, já era eu adolescente. Senti muito a sua morte. Até aí era um pouco como se eu não tivesse tomado ainda total consciência da morte do meu pai. E compreende-se...Quando recordo o meu pai, recordo normalmente os dias em que, debaixo de uma árvore, esperando a caça e com os cães por perto, ele pousava a sua mão sobre o meu ombro. Era como se nesses momentos, nós dois

fôssemos os donos do mundo. Quantas vezes, depois da sua morte, eu saía com os cães e imaginava a sua presença entre nós.... Morto o Duque restou ainda o Marquês, mas por pouco tempo. E após a morte deste não consegui mais ter a sensação da presença do meu pai, junto de mim. A minha mãe não voltou a permitir cães lá em casa, mas mesmo que o tivesse permitido eu já não iria associá-los à presença do pai. É certo que na quinta havia, e ainda hoje há, os cães do caseiro, mas nunca foi a mesma coisa.

Talvez na esperança de recriar uma nova relação pai/filho, desta vez estando eu no lugar do pai e no do filho o ou os que haveriam de vir, pouco tempo depois de casar tratei de arranjar dois cães, mistos de podengo e rafeiro.

Ana gostava que eu tivesse um perdigueiro, mas como já disse eu faço essencialmente caça "meditativa", logo incompatível com a caça à perdiz que obriga o caçador a andar muito.

Disse que Ana adora os meus cães, mas também não vejo por que não devesse gostar deles. Não lhe dão qualquer trabalho; sou eu quem cuida deles, o que aliás é justo, pois estão essencialmente ao meu "serviço". Depois são inteligentes, meigos, dedicados, sem complicações (alguém já viu um cão preocupado com comemorações de aniversários?).

E por falar em aniversário, são boas horas de ir para casa. Deixei-me perder por aí com os meus pensamentos que são como as cerejas. Sim, eu sei que o ditado fala em conversas e não em pensamentos mas como sou homem de poucas falas, tenho que adequar o ditado à situação. Vou andando. A mesa já deve estar posta e Ana deve andar atarefada de volta do assado.

Ana chegou ao escritório um pouco mais tarde que o habitual. Em cima da secretária acumulavam-se vários processos mas Ana hoje não está com cabeça para pensar em divórcios, sejam eles litigiosos ou amigáveis, em custódias de crianças, nem em qualquer outra coisa do género. Trinta de setembro. Faz cinquenta anos. Meio século...E desta vez já não terá à mesa o avô, as tias, os pais, nem tão pouco Pedro que está na Dinamarca a fazer o doutoramento. Serão apenas ela e João. João irá por certo esquecer-se da data como teria acontecido provavelmente na maior parte dos anos se ela lho não lembrasse. Ana não tem dúvidas de que João a ama, mas não consegue habituar-se a esta sua insensibilidade perante os dias festivos. É certo que a mãe do João odeia dias festivos e comemorações, mas que diabo, João já vive há 28 anos com Ana. Nunca lhe deu uma flor e quanto a prendas, se não fosse Ana a comprá-las, só lhe teria dado duas em toda a sua vida. É por isso que Ana acha que os homens, ou pelo menos este, lembram um pouco os computadores. Só fazem aquilo para que estão programados. É certo que aí há uns 8 anos, no aniversário, João lhe deu duas serigrafias do Nadir Afonso. Duas de uma vez só. Ana ficou feliz mas no Natal, logo a seguir, não lhe deu nada. Por que razão não guardou uma das serigrafias para o Natal? Também, doutra vez em que foi a Lisboa a um congresso sobre barreiras arquitetónicas, trouxe-lhe um anel de prata com marfim, muito bonito. Ana adora anéis por isso ficou muito contente. Mas de imediato, João deu-lhe a entender que a compra da prenda fora mera obra do acaso.

Era um deficiente que estava a expor trabalhos seus no átrio da sala do congresso.

Ana não consegue concentrar-se no trabalho. Sai um pouco sem destino, mas como que inconscientemente, quando dá por si está a fazer o trajeto para casa.

Tenho a certeza de que João não me comprou nada. Hoje não tenho coragem de enfrentar esse fato. Acabo de tomar uma decisão. Vou buscar as coisas a casa e vou ficar no andar que era dos meus pais. Ainda bem que o não pusemos à venda e que mantivemos todo o recheio. Talvez jante fora, sozinha, ou compre qualquer coisa num desses "to take away".

Ana foi buscar duas malas grandes onde arrumou a sua roupa e uma outra onde colocou alguns livros e discos. Antes de sair rabiscou uma carta para o João.

João

Hoje faço cinquenta anos. Provavelmente nem te lembraste. Ao fazer uma retrospectiva dos últimos trinta e dois dias trinta de setembro, apercebi-me que não consegui, ao longo de todos estes anos, que tu mudasses nem um pouco neste aspecto.

Lembrei-me do meu primeiro aniversário depois de começarmos a namorar. Fazia então 17 anos. Estavas em Sto Isidro, na quinta, à espera do início das aulas. Esperei ansiosa pelo correio. Recebi vários postais de amigos e colegas. De ti, nada. Esperei todo o dia por um telefonema. Não veio. Cheguei a pensar que irias visitar-me mas não apareceste. Pensei então que me tinhas enviado um presente e que iria chegar no dia seguinte. Mas nunca chegou. Eu lembrava-me perfeitamente que no dia da despedida entre todos os colegas, trocámos direções e datas de aniversário. Por isso,

eu sabia que tu tinhas obrigação de saber. E sincero como és, não negaste que sabias.

Desculpa mas eu não fui habituado a ligar a comemorações- foi a explicação que me deste.

E ao longo de todos estes anos não evoluíste. Para mim seria muito doloroso hoje tu chegares, de mãos a abanar, justificando-te:

Desculpa mas bem sabes que eu não ligo a comemorações.

Por isso decidi partir, não sei se por muito se por pouco tempo.

Um beijo

Ana

3

João chega a casa. Estranha não ver a mesa posta nem tão pouco sentir o cheiro do assado.

Onde se terá metido Ana? Será que ainda não chegou? Como não fui à garagem não sei se já lá estará o carro. Será que chegou mais tarde e está ainda a arranjar-se? Nesse caso deve estar lá em cima no quarto.

Mas no quarto João não encontra Ana. Encontra, isso sim, em cima da cama uma carta a ele dirigida. João não quer acreditar no que lê.

Eu pensava que lhe bastaria saber o quanto a amo, que desde que a conheci, já lá vão trinta e três anos, nunca mais tive outra mulher, que só me sinto bem ao pé dela. Será que eu nunca lhe fiz sentir tudo isto? De tal modo eu amo Ana que, imagine-se, até caio no ridículo de lhe dedicar versos. Se a minha mãe

soubesse teria um grande desgosto, por certo. Já estou a imaginá-la:

Só me faltava agora ter um filho piegas.

Recordo-me de uma vez em que, referindo-se ao meu pai, disse:

Nunca o teu pai me ajudou no governo da quinta. Era demasiado poeta para se poder preocupar com coisas sérias. Era esse o seu principal defeito.

Mas dizia eu que dei em versejar por causa de Ana. Começou tudo logo que me apaixonei. Os primeiros versos fi-los já lá vão quase trinta e três anos, tínhamos então dezassete, e ainda hoje os sei de cor. Esperava por ela no café quando dei comigo a escrever no guardanapo:

*Na mesa do café eu faço versos,
Poemas dispersos sem qualquer fim.
Talvez na quarta, na quinta, na mesa X, alguém
Faça versos também
A nossa vida no momento o que é
Senão um poema à mesa do café?
E a minha é um poema que brilha que nem chama
Refletindo a imensa luz que irradia de Ana.*

Claro que Ana nunca leu este poema. E ainda bem... Nem tão pouco leu todos os outros que continuei a escrever até hoje. Achá-los-ia ridículos tal como o Poeta achava ridículas as cartas de amor. Mas se eu soubesse escrever versos como o Poeta, Ana não os acharia ridículos, disso tenho eu a certeza. Guardo-os a todos, religiosamente, numa pasta de arquivo. E não apenas versos. São esquissos com o rosto de Ana, as mão de Ana, o corpo de Ana... Na lombada da pasta escrevi: *Cálculos em betão armado*. Assim

será difícil que Ana se sinta tentada a abri-la para espreitar o seu conteúdo.

É deste modo que eu amo Ana apaixonadamente. Por isso não consigo entender o que se está a passar.

Tudo isto deve ser apenas um pesadelo. Será possível que hoje Ana não venha jantar comigo, que não durma comigo? Como poderei eu dormir sem me enroscar no corpo de Ana? Quando tenho que sair em serviço e dormir fora é uma tortura. Nessas alturas sinto um desejo enorme de Ana, do seu corpo frágil, do seu cheiro, uma saudade imensa da forma como se me entrega.

Isto não me pode estar a acontecer.... Tem que haver outra razão que não a que Ana expressa na carta. Mas qual? Na nossa relação nunca houve grandes convulsões. Houve pequenas zangas, alguns amuos, mas nada realmente sério. Talvez Ana considerasse a nossa relação um pouco rotineira, mas qual é que o não é ao fim de tantos anos? E sinceramente, eu não a considero rotineira. É uma relação tranquila, mas será isso um defeito? Também é certo que com o tempo nos fomos aburguesando um pouco, mas muito menos que a maior parte dos casais nossos conhecidos. Mas daqueles que em jovens perseguem grandes ideais, quantos são os que realmente não mudam de rumo? Muito poucos ou nenhuns. É da natureza humana; escolhem-se os caminhos mais fáceis que são geralmente os menos belos. E isto acontece a muitos níveis. Até há bem pouco tempo, para chegar à quinta tinham que se andar vinte quilómetros por uma estrada municipal, empedrada, com um traçado acidentado e com muitas curvas, mas rodeado de árvores que tornam belíssimo aquele percurso. Hoje passa perto da quinta um IP, sem qualquer graça, ao longo do qual, em vez das árvores se podem ver casas muito

pouco interessantes, lixeiras, cemitérios de automóveis, terra queimada pelos incêndios de verão. A velha estrada continua a existir. Mas quantos passam hoje por ela? É certo que eu e Ana continuamos a gostar de fazer passeios a pé pela estrada velha, mas quando vamos à quinta também nós escolhemos o caminho mais fácil, também nós optamos pelo IP.

Não, não foram por certo a rotina nem o nosso aburguesamento, que levaram à decisão de Ana. Mas também não consigo aceitar a sua explicação nem tão pouco encontrar qualquer outra plausível. Só pode ser um pesadelo.

4

Acho que dei demasiada importância a este caso. Mas creio que o que me angustiava não era propriamente o fazer cinquenta anos, nem o fato de não ter prendas nem flores à minha espera. Era, sim, um conjunto de circunstâncias que provavelmente vêm doendo há muito. Primeiro foi a perda do avô. Sempre me levava um ramo de rosas vermelhas no dia dos meus anos.

Sabes, sempre tive por hábito dar um ramo de rosas à tua avó no dia do seu aniversário. Agora que ela se foi, são para ti. É como se fossem para ela e lhas entregasse através de ti.

Depois da morte do avô, como que tacitamente a tia Luísa assumiu esse compromisso. Parece-me que estou a vê-la chegar pequenina e magrinha com um imenso ramo de rosas vermelhas por trás do qual se ocultava quase totalmente. Foram partindo todos e depois da tia Luísa partir, há dois anos, foi Pedro quem assumiu espontaneamente a tradição do ramo de rosas. Mas este

ano Pedro não está e por isso a ausência das rosas iria doer-me muito.

É provável que a principal razão do meu gesto tenha resultado essencialmente de um amontoado de ausências, embora não negue que sempre me magoou aquele ar despreocupado, diria mesmo insensível do João, face aos dias festivos. Não consigo entender como pode não se entusiasmar. Eu, pelo contrário, ando numa roda viva. Primeiro à procura de prendas que sejam do agrado das pessoas; depois a pensar numa comemoração em família que passa pelo arranjo da casa, pelas flores, pela ementa...Nem com o Natal João se entusiasma. Colabora na feitura do presépio e da árvore, no arranjo da mesa, mas leio perfeitamente no seu olhar que o faz porque “tem que ser”. Quando Pedro era pequeno encenávamos a chegada do Pai Natal. Pois o João conseguiu sempre esquivar-se a fazer de Pai Natal. No entanto eu sei que o João é um homem sensível. Mas teme mostrá-lo. Aquela educação austera da mãe leva-o a ter medo dos próprios sentimentos.

Por exemplo, eu sei que ele adora o filho mas acho que não lho demonstra muitas vezes. Nomeadamente esquece-se do seu aniversário, tal como se esquece do meu. Eu é que lho lembro sistematicamente. O que vale é que Pedro é inteligente e por isso sabe ler nas entrelinhas apercebendo-se do quanto é importante para o pai.

É importante para o pai e para mim. Aliás João também foi muito importante para mim. Será que já não é? É certo que me têm custado muito estes dias. Mas penso que é a ausência das pequenas coisas (algumas não tão pequenas assim) a que estava já tão habituada. Por exemplo, o cheiro do “Mayflower”. Aí está,

uma coisa a que eu não estava habituada antes de namorar com João. Não, antes de casarmos; João só começou a fumar cachimbo depois de casarmos. Se me habituei nessa altura, há que me desabituar agora. Há também os cães. Já estou cheia de saudades do Vira- latas e do Rafeiro. Que festa me faziam quando entrava em casa. E o ar de arrependidos, com as orelhas murchas, quando faziam uma asneira...Mas nada me impede de arranjar um cão. É certo que não é a mesma coisa. O Vira-latas e o Rafeiro já faziam parte da família. Além disso num andar é difícil ter um cão. Mas há tanta gente que tem... Vá-se lá entender a espécie humana! Estou para aqui quase que a lamentar a ausência de um conjunto de aspectos da nossa relação, que eu tantas vezes achava rotineira. Pelos vistos faz-me falta essa rotina. Talvez a ausência dessa rotina faça vir ao de cima a solidão. E esta solidão oprime-me. Sinto falta do João às refeições (não é que ele falasse muito, é por natureza parco em palavras, mas falava eu e ele ouvia), na cama (sinto falta do seu calor, do seu cheiro, do seu corpo, das noites em que fazíamos amor). É certo que podia ter uma conversa com o João mas sinto que preciso de mais tempo para repensar a nossa relação, de uma forma mais distante e conseqüentemente mais isenta.

Ah, custa-me muito a aguentar esta solidão. Mas também não é nada do outro mundo. Há tanta gente que vive só. Além disso não sou freira e nada me impede de arranjar alguém... Estou mas é a ficar senil. Com tanto trabalho que me espera no escritório eu agora aqui com devaneios. Tenho é que seguir em frente.

Aproxima-se o Natal e, que me lembre, pela primeira vez na vida sinto angústia ao pensar nisso. Ou talvez não seja a primeira vez. A seguir à morte do pai, desejava por um lado que o Natal nunca chegasse e por outro, que passasse muito depressa. Não sei bem se era angústia ou se medo de encarar a realidade. Com o tempo arranjei uma defesa. Tentava encará-lo como um dia qualquer. Mas agora tenho dificuldade em encará-lo assim. Como irei eu passar o Natal? A minha mãe já me disse para ir lá a casa jantar. Vou ter saudades dos jantares de Natal com Ana e a família. Eram tão animados. É certo que eu os achava um pouco barulhentos, mas agora, vistos à distância, não recordo o barulho mas o calor humano que se sentia. Ora, ora, eu que nunca liguei a dias festivos estou agora angustiado por causa do Natal. Parece que me estou a tornar um sentimentalão. Deve ser da idade. Mas acho que não vou a casa da minha mãe. Sempre que lá vou diz-me o mesmo.

Não sei o que se passou entre ti e a Ana, nem me quero meter no assunto. Mas só te digo: Nunca irás arranjar uma mulher igual a ela.

A quem a minha mãe o diz. Cada dia que passa sinto mais a falta de Ana. Não é por causa dos almoços e jantares nem das outras tarefas domésticas. Não. Sempre colaborei praticamente em todas as tarefas e, modéstia à parte, sou um pouco jeitoso para a cozinha. Para além disso a D. Conceição continua a vir três tardes por semana e a Maria, desde que Ana foi embora, faz questão de vir de vez em quando, pôr tudo em ordem como ela diz. Mas a casa sem Ana, não sei o que me parece. Às vezes chego a casa e saio logo de seguida para me pôr aí a vaguear pela cidade

sem qualquer rumo. É assim que eu me sinto. Num barco sem rumo, perdido no mar alto, sem astrolábio, sem bússola, e incapaz de enxergar as estrelas. Ou então perdido num labirinto. Eu que em criança tanto gostava de procurar a saída daqueles labirintos que vinham numa das últimas páginas do jornal, sinto-me agora perdido no labirinto em que se tornou a minha vida, sem Ana.

Às vezes também me sinto assim quando tenho um novo projeto em mãos, especialmente se é ambicioso. Mas depois encontro a solução e isso dá-me uma sensação de júbilo que faz bem ao meu ego. Mas aqui é diferente. Se fosse tão fácil como resolver um projeto.... E por falar em projetos, toca a trabalhar que de ar ninguém vive...

O problema é que eu neste momento tenho pouco interesse na vida. A vida sem Ana não tem sentido. É certo que eu poderia ligar-lhe, ter uma conversa com ela, sei lá. Mas se ela não regressa a casa é porque não sente falta de mim. E uma relação unilateral também não me interessa pois far-me-ia sofrer ainda mais.

Lá estou eu a cair no mesmo. O que vale é que está aí a chegar o Pedro e a sua presença irá ser como uma lufada de ar fresco. Talvez me recomponha.

6

Que bons têm sido estes dias desde que Pedro chegou. É pena que sejam só dez dias, ou melhor cinco porque ele resolveu reparti-los equitativamente entre mim e o pai. Um dia aqui, outro dia no pai, e assim sucessivamente. E desses cinco dias, são apenas umas horas porque há a Mafalda, os amigos, a Faculdade,

as compras. Mas tem jantado sempre comigo. Em quantidade não pode dedicar-me muito tempo e eu compreendo, mas tem-mo dedicado em qualidade, conversando muito comigo, tendo todas aquelas atenções que ele tão bem sabe ter. Menino de ouro, este nosso filho. E basta-me saber que ele dorme no quarto ao lado para que a vida já não me pareça vazia. Tenho-me levantado de noite só para o ouvir respirar enquanto dorme. É como se tivesse que certificar-me, através dele, de que ainda vivo. Sei por ele que o João está bem. Acho que, em certa medida, até lhe fez bem esta separação. Diz o Pedro que não se lembra de alguma vez ter conversado tanto com o pai. O João é reservado por natureza e já era assim quando começámos a namorar. Só me falou uma vez na dor que sentiu ao perder o pai. Ao lembrá-lo os olhos cobriram-se de lágrimas. Mas esperou mais de vinte anos para me falar disso.

Mas voltando ao Pedro, decidiu que a Noite de Consoada a passa comigo e o Dia de Natal com o pai. Fiquei contente com esta decisão pois custar-me-ia muito passar sozinha a Noite de Consoada. Vou fazer tudo como se estivéssemos todos. Pena que esteja quase a partir de novo. O tempo passa tão depressa.... Tão depressa umas vezes e tão lentamente, outras. Quando ele partir, o Pedro, claro, não o tempo, os serões vão ser de novo infundáveis... Hei de habituar-me... É curioso, quando somos jovens, o tempo parece ter sempre a dimensão adequada. Raramente nos parece longo de mais, tal como, embora por vezes parecendo curto, chega para tudo, inclusivamente para lutar por ideais que defendemos. Depois vamo-nos acomodando, vamos esquecendo os ideais e quando damos por ela, desperdiçámos o que de mais bonito tem a vida. Então, por falta de verdadeiros

ideais, começamos a dar importância a coisas que não têm importância nenhuma e assim gastamos o tempo.

Mas que pensamentos tão sorumbáticos para uma época de Natal.... E logo numa época de que eu gosto tanto...

7

Ontem a Noite de Consoada foi terrível. Acabei por ir a casa da minha mãe. Que diferença dos Natais em nossa casa. Às oito horas fomos para a mesa. A Maria também, claro está. Nos outros dias faz questão de comer na cozinha, mas na Noite de Consoada sempre me lembro de a ver à mesa conosco. Jantamos o tradicional bacalhau com batatas e pela mesa havia, dispersos, fritos de polvo, bolinhos de bacalhau, filetes de pescada. À sobremesa não faltaram os formigos, as rabanadas, as filhós, o arroz doce, a aletria, o leite creme, os frutos secos, o bolo rei, os bilharacos. Têm um nome divertido estes bolinhos de abóbora. Não sei se foi lá em casa que os batizaram. Ana, por exemplo, nunca lhe ouvira dar tal nome. Voltando à ceia, estava tudo ótimo ou não fosse a Maria uma cozinheira exímia. Mas foi muito angustiante. Nunca me tinha apercebido de quanto o silêncio oprime. Depois de jantar fomos ver televisão e ali ficamos os três, cada um entregue aos seus pensamentos. Com Ana era tão diferente. Primeiro a ceia, que nunca começava antes das dez horas, era precedida de uma agitação que a todos envolvia, desde os mais novos até aos mais velhos. Era pôr a mesa para a ceia, enfeitada com velas e arranjos de Natal, era colocar, um sobre cada prato, cartões pintados, inicialmente por Ana e mais tarde

por Pedro, com o nome de cada um e uma frase, ou um poema alusivo à data. Depois era distribuir pela mesa todas aquelas iguarias que também estavam ontem na mesa, em casa da minha mãe, mas que não lhe conseguiram conferir um ar de festa, como acontecia em nossa casa. E o tempo que durava a refeição? Ontem, foi pouco mais de meia hora. Em nossa casa, acabava cerca da meia-noite, precisamente a tempo de se iniciar a abertura das prendas. Quando o Pedro acreditava no Pai Natal, havia sempre alguém que se vestia a preceito e chegava à meia-noite com o seu fato vermelho e com as suas barbas brancas, carregando o saco das prendas, cada uma com um cartão indicando o nome da pessoa a quem se destinava. Lembro-me de uma vez em que o papel de Pai Natal coube ao pai de Ana. Era um homem cheio de humor, pelo que resolveu trocar aleatoriamente todos os cartões. Foi uma confusão.... Quem não achou muita graça foi o Pedro, especialmente quando uma das prendas que lhe coube em sorte foi uma caixinha com um par de brincos. Primeiro olhou para todos muito confuso; em seguida atirou com a caixa para o chão. Desatámos a rir enquanto que ele começou a fazer beicinho....Mais tarde, o saco passou a ser colocado à beira da árvore e sempre que aparecia uma nova prenda, era aí guardada até à meia noite do dia 24. Nessa altura alguém se encarregava de ir tirando as prendas do saco, uma a uma e anunciando o seu destino e origem. Para a Ana, dos pais. Para o Pedro, dos avós.....Nunca a noite de consoada acabava antes das três ou quatro horas da manhã. Ontem, depois de todo aquele silêncio em frente à televisão, um pouco antes da meia noite a minha mãe e a Maria arranjaram-se para ir à Missa do Galo. Levei-as até à Igreja e ali nos despedimos, porque a minha mãe não quis que eu as

esperasse para as levar de novo para casa. E as vontades da minha mãe são ordens.

Hoje foi diferente. Pedro veio almoçar comigo. Ainda pensei em irmos almoçar fora mas Pedro disse:

Não pai, vamos almoçar aqui em casa, mais intimamente ao calor da lareira. Eu ajudo-te.

Não fiz o tradicional peru que Ana faz tão bem. Embora não me atrapalhe a cozinha, só sei cozinhar coisas muito simples. Mas churrascos é comigo. Por isso, churrascámos um entrecosto. Na confeitaria comprei um bolo-rei ao qual juntei rabanadas, bilharacos e filhós que a minha mãe fez questão que eu trouxesse. Foram a nossa sobremesa, juntamente com ananás.

Que bem me soube este almoço. Não foi o almoço em si, foi o tempo que conversei com Pedro. Creio que nunca tínhamos conversado de uma forma tão profunda. A dada altura resolveu falar da minha relação com a mãe.

Eu não sei o que se passou nem quero ser indiscreto. A mãe não quer contar o que aconteceu. Diz que só mais tarde quando já houver um grande distanciamento. Mas de qualquer modo, pai, deixa-me dizer-te que as mulheres gostam que se lhes mostre que são importantes para nós. Não me lembro de te ver oferecer uma flor à mãe. Mostravas-te tão pouco emocionado quando lhe davas uma prenda que até dava a sensação que era a mãe que as comprava para tu depois lhas dares. Eu sei que tu adoras a mãe mas devias mostrar-lho mais vezes e por variadas formas. Desculpa falar-te nisso. Eu adoro-vos aos dois e gostaria muito de vos ver juntos de novo, no entanto a vida é vossa e o destino a dar-lhe também compete exclusivamente a vós.

O tempo que passei com Pedro passou tão rápido. Foi embora ao fim da tarde. Pouco antes de partir apareceu a Mafalda. Veio desejar-me a continuação de um Bom Natal. Nessa altura, deram-me um presente. Vários maços de tabaco holandês. Sobre o casaco a Mafalda trazia uma écharpe de lã. Pedro disse-me:

Gostas da écharpe da Mafalda? É bonita, não é? Foi a minha prenda de Natal. Também trouxe uma parecida à mãe, que adorou. Sabes como a mãe adora écharpes...

Mas eu nunca tinha tomado consciência de que Ana gosta de écharpes...

8

Amanhã faço cinquenta e um anos. Este ano preferia esquecer o dia. Faz precisamente um ano que saí de casa. Curioso, tantos casos de separação que tenho tratado e nenhum foi por uma causa tão prosaica. As causas mais vulgares são a traição, os maus tratos, o abandono do lar, a falta de colaboração nas tarefas caseiras, vícios como o álcool, a droga e o jogo, a interferência dos sogros, a insatisfação sexual. Não me encaixo em nenhum dos modelos. Tenho a certeza de que o João nunca me traiu. Todas as minhas amigas me invejavam desde que começámos a namorar. *Só tem olhos para ti.* Maus tratos, também não. Físicos nem me passa pela cabeça, João é um homem pacífico. Tão pouco verbais. Aliás João é homem de poucas falas e ponderado, pesando sempre o que diz. Abandono do lar, também não. Fui eu quem abandonou o lar e não ele. Falta de colaboração? Não me posso queixar.

Vícios, só a caça e o cachimbo. Este último tenho que reconhecer que embora o critique do ponto de vista ecológico até o aprecio por causa do agradável cheiro do “Mayflower”. Quanto à caça, embora ache a prática bárbara, gosto dos cães e por isso, uma mão lava a outra... Interferência dos sogros também não. Quando muito poderia ser da sogra, mas nesse aspecto foi sempre impecável. Insatisfação sexual? Impossível com um homem fogoso como o João. Decididamente não me revejo em qualquer dos casos que me têm vindo parar às mãos.

Estou a imaginar chegar eu, cliente, ao pé de mim, advogada, e dizer: Senhora Doutora quero separar-me do meu marido porque nunca me deu flores nem dá importância aos dias festivos. E eu a dizer para a cliente, que afinal era eu: Mas acha que em face de tudo o resto isso é assim tão importante que justifique a separação? Talvez ela, que afinal era eu, me respondesse. Eu dou muita importância a certos gestos e por isso essa desatenção magoa-me. E talvez eu lhe dissesse, ou melhor me dissesse. Eu acho que não se deve precipitar. Reflita e depois volte de novo se assim o entender. Onde eu já vou! Decididamente, estou a ficar senil.

E se por milagre amanhã João se lembrasse do meu aniversário e me aparecesse com uma prenda e um ramo de rosas? Havia de ter graça, sim senhor. Quem aparece de certeza é o meu colega Zé Maria que ultimamente me tem cumulado de atenções. É bom rapaz este Zé Maria. È engraçado eu falar assim do Zé Maria. Quando eu era jovem divertia-me ao ouvir o meu pai falar dos rapazes da sua idade, rapazes cinquentões, tal como os “rapazes” de quem eu falo hoje, nomeadamente o Zé Maria.... Mas dizia eu que é bom rapaz embora demasiado preocupado com as

marcas: dos carros, das sapatilhas, da roupa exterior e interior, dos isqueiros, dos óculos, sei lá de que mais. Basta-lhe a marca. Se o artigo não for da marca X, automaticamente não presta; nem precisa de o conhecer. Há dias comprei uns óculos escuros. Quando lhe perguntei se achava que me ficavam bem, disparou de imediato a pergunta:

Qual é a marca?

Tal como João, embora por razões diferentes, Zé Maria também me lembra um pouco os computadores. Só fazem aquilo para que estão programados.

9

Hoje Ana faz cinquenta e um anos. Curiosamente há já mais de um mês que todos os dias me ocorre que trinta de setembro é o dia de aniversário da Ana. Creio que me lembro porque lhe associo outra efeméride, essa bem dolorosa. Trinta de setembro passou a ser também o dia de aniversário da sua saída de casa. Cada dia que passa me sinto mais inconformado. Os amigos diziam-me a princípio:

Com o tempo habituas-te.

Mas qual o quê? Agora dei em engendrar ocupações, são mais desocupações, só para retardar a minha entrada em casa. Uma vez vou ao cinema mas se me perguntarem que tal foi o filme a maior parte das vezes não me lembro sequer do que tratava; outras vezes paro em frente a uma montra mas não a vejo. Ainda há dias parei em frente a uma montra que não tinha mais nada para além de meadas e novelos de lã. A certa altura um colega bate-me no ombro.

Que tem essa montra de tanto interesse que estás aí especado há um ror de tempo?

Só então me dei conta que nem sequer tinha ainda reparado no conteúdo da montra. Algumas vezes fico no escritório até tarde mas o trabalho não rende. Pareço um pouco sonâmbulo. Ainda o que me vale são os meus cães. Se exceptuar o tempo em que durmo, passo mais tempo no quintal com eles, do que propriamente dentro de casa.

E as horas das refeições? Só agora me dou conta de que como eram “quentes” as horas das refeições. Começava logo porque eram geralmente quatro, cinco, seis pessoas à mesa, e até mais. Antes de irem desaparecendo todos, um a um, havia sempre alguém que aparecia para o almoço ou para jantar. Umhas vezes era o avô, outras uma das tias (quantas vezes duas ou mesmo as três), ainda outras o pai, a mãe ou ambos. Mais raramente, é certo, por vezes apareciam todos ou quase todos os membros da família simultaneamente. Mas a companhia não se resumia à família. Ana, quase sem exceção, aos fins de semana convidava amigos para jantar. Talvez por isso, desde pequeno que Pedro tinha por hábito trazer colegas para as refeições. Quando era criança vinham geralmente almoçar, mas à medida que Pedro foi crescendo começaram a aparecer também para o jantar. Pedro viveu sempre tão rodeado de colegas e amigos que acho que nem se apercebia muito de que era filho único. Ana é que nunca se conformou muito com o fato de termos tido um só filho. Dizem que é uma característica dos filhos únicos, mas por mim, nunca sentira, até à data, necessidade de ter mais filhos. Reconheço agora que talvez não me sentisse tão só como me tenho sentido ultimamente. Também ninguém me garante que, mesmo tendo

dois ou três, não estivessem todos fora, de momento. Mas a tuberculose de Ana, logo após o nascimento de Pedro, levou a que durante muito tempo não fosse aconselhável uma nova gravidez. E depois... bem depois já era um pouco tarde demais. Mas falava eu das horas das refeições. Nunca imaginei poder a vir ter tantas saudades daquela algaraviada de vozes que na altura me chegava a parecer poluição sonora. Por que será que só damos verdadeiro valor às coisas, quando as perdemos? Cá estou eu de novo enrolado nos meus pensamentos e para cúmulo pensamentos piegas, como diria a minha mãe....

Estou decidido. Hoje vou ganhar coragem e vou esperar Ana à saída do escritório. Se ela ainda mantiver velhos hábitos, sai por volta das sete horas. Pelo sim, pelo não vou especar-me lá em frente a partir das seis. Prenda já tenho- Afrodite- o livro que comprei no ano passado e que não tive oportunidade de lhe dar. Vou também comprar-lhe um ramo de flores. Lembro-me que no aniversário de Ana havia sempre alguém que lhe levava flores. Talvez a tia Luísa, não me lembro. Ah, ultimamente o Pedro também levava sempre um ramo de flores.

Que figuras tristes eu faço por causa de Ana. Já não me bastava versejar e fazer uns rabiscos a que pretensiosamente chamo desenhos. Agora aqui vou eu com um ramo de flores na mão. Acho que nunca antes tinha entrado numa florista. Pedi um ramo de flores e a senhora pergunta-me se quero gardénias, rosas, não sei mais o quê. Não percebo nada de flores. Respondo que quero um ramo para oferecer a uma senhora que faz cinquenta e um anos. A florista arranjou-me este ramo e agora que olho para ele acho-o um pouco piroso. Demasiado exuberante.

Já aqui estou há quase uma hora, dentro do carro olhando para o nº 385, a porta do prédio onde se situa o escritório de Ana. Será que Ana ainda não saiu? Não, as persianas do seu gabinete não foram ainda corridas. Olha, olha, ali vem outro com um ramo de flores na mão, a fazer a mesma figura que eu. Mas este foi mais sensato. Traz um ramo sóbrio, de rosas vermelhas. Lembrome agora que Ana adora rosas vermelhas. Eram precisamente as flores que lhe levava a tia Luísa (creio que era a tia Luísa). Por que não me lembrei disso antes?

Curioso. O homem para na porta do 385. Pelos vistos mais alguém faz anos hoje naquele prédio, o que não é de estranhar. Naquele prédio devem viver e /ou trabalhar aí umas cento e cinquenta pessoas. Devia ser mais ou menos esse o número de pessoas em Santo Isidro quando eu vivia na quinta. Mas como é diferente esta vivência citadina. Em Santo Isidro toda a gente se conhecia.

Olá menino Joãozinho, como está a mãezinha? E a Maria?

Aqui cruzamo-nos nas escadas ou nos átrios, subimos e descemos no mesmo elevador. Limitamo-nos a trocar meia dúzia de palavras, sempre as mesmas.

Bom dia. É para o segundo? Hoje está frio.

Que sabemos das pessoas que vivem tão perto de nós? Na maior parte dos casos, nem o nome. Provavelmente foi assim que viveu sempre o meu companheiro de figura que continua especado à porta com o ramo na mão. E daí, porque razão não há- de ter ele vivido numa aldeia, numa cidade pequena ou mesmo numa cidade grande, numa daquelas ruas onde ainda todos se conhecem? Cá estou eu de novo enrolado nos meus pensamentos idiotas. Que me interessa a mim a vida de um homem que nunca vi nem mais gordo, nem mais magro. O que me interessa é ver surgir Ana. E

eis que ela surge. Coragem João. Mas que vejo eu? O homem das rosas dirige-se para ela? Seguem lado a lado?

João regressa a casa completamente atordoado. Nunca lhe passara pela cabeça que alguma vez pudesse existir outro homem na vida de Ana. Domina-o um misto de ciúme, de raiva e de saudade. Os olhos estão turvos por causa daquelas lágrimas teimosas que João tenta obstinadamente evitar que lhe rolem pela face. O seu olhar húmido e perdido deambula pela sala. De repente fixa a estante e dá-se conta dos livros de que Ana gosta. E, pela primeira vez, começou a lembrar-se de tudo o que Ana gostava. Discos, lenços, anéis, faianças antigas, artesanato, frascos de farmácia, caixas, carteiras. Era como se se tivesse aberto a porta de um armário para onde, ao longo de muitos anos, se foram metendo, metendo coisas de modo a que o armário ficou tão atafalhado que ao abrir a porta caiu tudo em catadupa. Na cama dá voltas e reviravoltas sem conseguir adormecer. Sente-se deprimido como nunca se havia sentido. Tem um nó na garganta que quase o sufoca. Só se lembra de um nó na garganta assim, quando a mãe lhe disse:

O teu pai deixou-nos e agora tu tens que ser o meu amparo tal como eu tenho que ser o teu. Comporta-te como um homenzinho.

Como aconteceu tudo tão de repente? Ainda há dias tinha ido com o pai à caça. Uma dor aguda no braço esquerdo, cada vez mais aguda, cada vez mais aguda e quando o médico chegou já era tarde demais. Enfarte do miocárdio, disseram-lhe muito mais tarde.

João não sabe se dormiu durante muito ou pouco tempo. Sabe apenas que sonhou. No sonho Ana passeia de mão dada com o homem das rosas que deve ser mágico pois a dada altura as rosas

transformam-se em livros, depois em discos, depois em lenços de seda que esvoaçam, depois em anéis, depois em flores novamente e agora em peças de faiança e em cristais e tudo cada vez mais rápido, mais rápido, mais rápido, até que a data altura começam a sair cobras e monstros e Ana corre, corre espavorida e João corre atrás dela e tenta salvá-la. João acorda em sobressalto mas acha que o sonho quer dizer algo. Ana um dia vai voltar quando se aperceber que o mágico transforma flores em monstros. Decide então escrever uma carta a Ana.

Ana

Ontem esperei por ti à porta do escritório com uma prenda (Afrodite de Isabel Allende) e um ramo de flores. Piroso, pois não soube escolhê-lo e confiei essa tarefa à florista. Quando vi um homem chegar à porta do escritório com um ramo de rosas vermelhas, aí lembrei-me de que eram as tuas flores favoritas. Mas foi tarde demais.

Só quero dizer-te que, a partir daí e como se de repente na minha cabeça se tivesse fechado um circuito eléctrico que até aí estivera sempre aberto, tomei consciência de tudo aquilo de que gostas. Sei que gostas de Bach, de Mozart, de Joan Baez, de Chico Buarque, de Caetano, de Vitorino, de Gabriel Garcia Márquez, de Saramago, de Vergílio Ferreira, de Hemingway, de Simone de Beauvoir, de Margueritte Duras, de anéis de prata e âmbar, de lenços de seda em tons de castanho, ou em tons de magenta, de écharpes, de faianças, de caixinhas de madeira, de frascos de vidro, de canetas, de flores, particularmente de rosas vermelhas. Tanta coisa que eu sabia e não sabia que sabia.

Dá-me outra oportunidade, Ana, por favor.

João

Quando regressa de pôr a carta no correio, João encontra Ana no carro, à porta.

Estava à tua espera pois queria ir a casa buscar uns livros e uns discos.

João não entende por que razão Ana não entrou em casa. Afinal ela ainda tem a chave. Foi apanhado tão de surpresa que quase não consegue articular nada. Tem tão perto a mulher que ama. Ainda se ao menos tivesse ali a carta poderia dar-lha já e ver a sua reação. Mas não. Sente-se tão inseguro como da primeira vez que foi à escola, pela mão da Maria. Bem se lembrava que à saída a mãe dissera:

Olha que eu não quero ouvir dizer que ficaste a chorar como esses meninos piegas.

Mas quando Maria o deixou, não conseguiu impedir que uma lágrima teimosa lhe rolasse pelo rosto. Também agora tem que fazer um terrível esforço para conter as lágrimas. Por isso é melhor ficar calado. À saída, ainda consegue dizer a Ana: Escrevite uma carta.

Uma carta para quê?

Não tem importância, foi a única resposta que João encontrou.

De fato Ana tem razão. Uma carta para quê? Possivelmente vai lê-la junto com o outro e vão rir-se da sua lamechice. Por isso, após a saída de Ana, João corre até ao marco para ver a hora de tiragem. Talvez se estiver lá, na altura, consiga convencer o carteiro a deixá-lo retirar a carta. Mas como? Como pode o carteiro ter a certeza que foi ele quem a escreveu? Não custa nada tentar. Só que é tarde demais. A tiragem já foi feita. E pela primeira vez João receia ter perdido Ana para sempre.

Isto de ter que se fingir que nada se passa conosco....Tentei a todo o custo que o João não se apercebesse de como a ida lá a casa me perturbou. Mas eu já não aguentava mais as saudades. Por isso arranjei o pretexto dos livros e dos discos. Já me arrependi. Logo que vi o João surgir o meu coração começou a bater descompassado. Parecia uma adolescente. Lembrei-me daquele dia, em que no fim da aula de filosofia o João foi ter comigo, apertando as mãos uma com a outra, ora a direita com a esquerda, ora a esquerda com a direita, para me dizer, um pouco titubeante:

Precisava de falar contigo.

Havia já bastante tempo, uns meses, que eu reparava que João me olhava de forma diferente. Por isso, quando me disse que precisava de falar comigo o meu coração começou a bater de tal forma descompassado que eu achava que João iria ouvi-lo bater. Também desta vez eu receava que João se apercebesse da arritmia que a sua presença me tinha causado. E ao entrar em casa, então é que foi... Estava a ver que me dava qualquer coisa. Já não consegui ir ao quintal ver os cães, eu que estava ansiosa por vê-los. Se já estava perturbada pior fiquei quando, à saída, João disse ter-me escrito uma carta. Provavelmente João quer definir a nossa situação. Nunca tinha pensado antes na hipótese de perder o João definitivamente. Mas de que estava eu à espera? Face ao inesperado da informação, a única coisa que me ocorreu foi perguntar: " Uma carta para quê?" Mas João não quis esclarecer o seu conteúdo. Limitou-se a dizer:

Não tem importância.

É lógico. Não ia dizer-me ali, já eu de saída:

Olha escrevi-te uma carta para pensares no modo de legalizar a nossa separação.

Só então me apercebi que poderia ter sido aquela uma das últimas oportunidades de rever os nossos cães. Os nossos cães? Os cães do João, queria eu dizer...Saí dali com uma enorme vontade de chorar.

11

Fiquei com a nítida noção de que já não represento nada para Ana. Tão serena que me chegou a parecer insensível. E acho que não estou a exagerar. Então não é que ela, que adorava os nossos cães, nem ao quintal foi para vê-los? E eles que tanto sentiram a sua ausência. De início quando entravam em casa andavam agitados da cozinha para a sala, da sala para a cozinha como que à sua procura. Um dia, o Rafeiro apareceu-me na sala a gemer e com um chinelo de Ana na boca, como quem pergunta: Onde está a dona que não aparece?

Como teriam ficado eufóricos se Ana tivesse ido ao quintal...Teria sido uma explosão de alegria idêntica à que têm sempre que Pedro vem da Dinamarca, depois alguns meses de ausência. Aí está, Pedro está sempre ansioso por ir ter com os cães ao quintal.

Sabes pai, lá lembro-me muitas vezes deles.

E não é de estranhar. Pedro viveu sempre rodeado de cães. Antes deste Vira-latas e deste Rafeiro, outros houve, nomeadamente um que de Vira-latas passou a Bitata, que foi a

forma que Pedro, então com dois anos, arranjou para dizer o seu nome. Quando o Bitata morreu o Pedro já tinha os seus 12 anos. Fez questão de o enterrar no quintal, num local que ainda hoje se mantém preservado. Será que Ana já esqueceu isto tudo?

12

Ana não consegue deixar de pensar nos cães tal como não consegue deixar de cismar com a carta. Não vê qualquer outro assunto que possa justificá-la, que não seja o tratar da separação. Existirá outra mulher na vida de João? É o mais natural. Devia estar preparada para todas essas eventualidades. É com isso que lida todos os dias. Essa é a sua especialidade. Nunca pensou foi ter que se debruçar sobre o seu próprio divórcio. Por isso, quando Zé Maria vai visitá-la e lhe aparece com uma carta na mão dizendo:

O carteiro estava a chegar; perguntei-lhe se havia correspondência para aqui e ele deu-me esta carta; pelo remetente já vi que é do João.

Ana não consegue esperar por um momento mais propício para a sua leitura. Abre-a sofregamente e as suas mãos tremem. Aliás não só as mãos, parece que um tremor de terra sacode Ana por dentro. Logo que começa a lê-la Ana sente um aperto tão grande, tão grande no peito que a sua vontade é gritar.

Estou mesmo a ver que a carta do João tem como objetivo felicitar-te pelo teu aniversário. Estranho esse João. Por que não telefonou? Assim não corria o risco de não te felicitar no próprio dia.

A voz de Ana eleva-se, estranhamente, porque Ana nunca foi pessoa de elevar a voz:

Quem te disse que me escreveu para me felicitar? E além disso, é estranho porquê? Como podes falar assim de um homem que não conheces? João é uma pessoa excepcional, incrivelmente verdadeira, tão verdadeira que é incapaz de fingir seja o que for.

E as lágrimas começaram a brotar sem controle dos olhos de Ana.

Não precisas de ficar brava. Já vi que não escolhi a melhor altura para te visitar. Vou sair e volto mais tarde.

Ainda bem pois o que mais preciso neste momento é ficar só.

E Ana, pela primeira vez, dá consigo a pensar que talvez a mãe de João esteja certa. Se não tivesse o hábito de comemorar os dias festivos, qualquer falta de comemoração ser-lhe-ia indiferente. Este raciocínio pode parecer um pouco frio mas há que convir que não deixa de ter o seu lado prático. Se não tivesse dado tanta importância ao seu quinquagésimo aniversário muito provavelmente não estaria agora com esta imensa vontade de chorar. De qualquer modo não adianta pensar agora no que poderia ter sido ou não ter sido feito. Não vale a pena chorar sobre o leite derramado. Mas não adianta. As lágrimas teimam em brotar dos seus olhos. É como se agora alguém tivesse aberto a porta dum armário atafalhado, desta vez com lágrimas.

Recuso-me a acreditar que Ana tenha jogado no lixo um passado que, mal grado as minhas desatenções involuntárias, não deixa de estar recheado de tantos momentos bons. Quem esteve sempre do seu lado nos bons momentos? E felizmente já foram muitos. Claro que o mais importante foi o nascimento de Pedro e

eu estive sempre a seu lado, numa altura em que ainda não era assim tão frequente os pais assistirem ao nascimento dos filhos. Quem esteve também sempre do seu lado nos maus momentos? E infelizmente também já foram muitos. A sua doença, a doença e a morte de tantos entes queridos. Acho que era Aristóteles quem dizia que a esperança é o sonho de um homem acordado. Por isso eu tenho um pressentimento de que um dia Ana vai voltar; se não for antes será quando o homem do outro sonho, ou melhor, do pesadelo, o homem das rosas, começar a transformá-las em cobras e monstros. Não quero que Ana me encontre desprevenido quando chegar. “Afrodite” continua embrulhado, à sua espera. Para além disso todos os dias passo pela florista e compro uma rosa vermelha que coloco na sua mesa de cabeceira.

Miró

*(...)Nas ruas ou nas estradas
onde passa tanta gente,
uns veem pedras pisadas,
mas outros, gnomos e fadas
num halo resplandecente.*

*(...)Inútil seguir vizinhos,
querer ser depois ou ser antes.*

Cada um, é seus caminhos.

Onde Sancho vê moinhos

D. Quixote vê gigantes.

Vê moinhos? São moinhos.

Vê gigantes? São gigantes.

António Gedeão, em "Impressão digital"

O tio Francisco, Francisco Augusto da Silva Ramos, era o quinto dos nove filhos da minha bisavó Teresa e do meu bisavô Augusto César. Os outros eram o meu avô Alfredo Augusto, e os meus tios avós, Leopoldo Augusto, Bernardo Augusto, César Augusto, Alfredina Augusta, Francisca Augusta, Bernardina Augusta, Leopoldina Augusta. O meu bisavô empolgava-se com a história do Império Romano pelo que fez questão que todos os filhos fossem "augustos". Muito fantasioso, imaginava para os filhos grandes epepeias, pelo que os nomes deviam estar em consonância com esses fabulosos destinos. Deles todos só conheci o avô Alfredo e a tia Leopoldina. Descendentes do bisavô Augusto e da bisavó Teresa somos ao todo, na minha geração, vinte e seis:

eu, os meus quatro irmãos, todos homens e vinte e um primos, também do sexo masculino, netos dos tios Leopoldo, Bernardo, César, Alfredina, Francisca e Bernardina. O tio Francisco e a tia Leopoldina, que se saiba, não deixaram descendência. O tio Francisco morreu solteiro, ainda novo, e a tia Leopoldina, que sempre conheci a viver em casa dos meus pais, permaneceu solteira toda a vida.

Mas voltemos ao tio Francisco, o tal da fotografia. *Um bonito homem* é o comentário que fazem genericamente as pessoas quando olham para o retrato. Bonito e boémio. Tanto quanto consta, pautava a sua vida por três efes, não aqueles com que mais tarde se tentaria entorpecer a mente dos portugueses, *Fado, Fátima, Futebol*. Os três efes do tio Francisco eram: *Farda, Farra, Fêmeas*. E foi a sua vida boémia, relacionada com estes dois últimos efes, que o perdeu. A tia Leopoldina nunca se conformou com a vida levada pelo irmão, por isso, quando as pessoas olhando o retrato do tio Francisco comentavam que eu era parecida com ele, a tia Leopoldina, persignava-se e dizia

" Deus Nosso Senhor lhe dê melhor tino. Aquele meu irmão era lindo como o Sol. Tinha uns olhos verdes como nunca vi...Tocava violino que dava gosto ouvi-lo....Com uma carreira militar tão bonita, tudo perdeu por falta de juízo."

2

Era, ao que consta, o tenente mais novo do exército português quando começou a namorar a filha do Comandante, o Coronel Saraiva, para quem o tenente Francisco era um ídolo- rapaz inteligente, boa figura, educado, com uma carreira promissora,

que melhor partido para a sua filha Mercedes? Além disso era um bom jogador de gamão de modo que o Coronel já sonhava com as belas disputas que iria travar com o futuro genro. O tio Francisco e Mercedes namoraram durante três anos, findos os quais, o bisavô Augusto se deslocou a Lisboa com a mulher e as filhas, a fim de fazer o pedido oficial da mão da menina Mercedes. O bisavô Augusto andava simplesmente eufórico:

Eu sempre disse que os meus filhos iriam ter um futuro glorioso. Vejam o meu filho Francisco; aos vinte anos já era tenente e agora vai casar com a filha de um Coronel que ainda para mais é filha única.

Durante algumas semanas que precederam a partida, a casa andou num total rebuliço. Num rodopio constante, entravam e saíam o caixeiro viajante com amostras de tecidos, o alfaiate, a modista, o sapateiro. Preparavam-se fatos, espartilhos, corpetes, sapatos, vestidos, mantilhas, chapéus.

Três dias antes da data marcada para a cerimónia de noivado, o bisavô Augusto, bisavó Teresa e as quatro filhas, partiram para a capital. Os filhos varões não os acompanharam, por um lado porque já não viviam na casa paterna e por outro porque, ao levar as minhas tias, o meu bisavô tinha em mente encontrar-lhes noivos adequados. Juntamente com a família iam seis baús de roupa e acessórios. Chegados a Lisboa instalaram-se em casa de uns primos do bisavô Augusto, que esqueciam o incómodo da presença de tal comitiva, com o vislumbre de passarem a frequentar os círculos sociais da cidade, quando ligados a uma tão importante família como era a do Coronel Saraiva.

A festa de noivado esteve à altura das aspirações do bisavô Augusto, desde o salão, ricamente mobilado com belos móveis de

vários estilos, mas onde não faltava um ar de modernidade dado por algumas peças Arte Nova e Art Deco, entre elas algumas peças de Emile Gallé, até ao banquete, passando pelas pessoas que ali se encontravam. No salão de festas da casa da família Saraiva brilhavam os botões dourados das fardas de vários oficiais superiores, que ostentavam galões e condecorações, bem como bigodes retorcidos idênticos aos do bisavô Augusto. Este, na impossibilidade de ostentar farda, ostentava o seu relógio de ouro, um Patek Philippe de que muito se orgulhava, e que uma corrente no mesmo metal, ligava de um bolso do colete a um botão do mesmo. Também de vez em quando, puxava da sua caixinha de rapé em prata e aspirava uma pitada.

As senhoras, empoadas, apertadas nos seus espartilhos, ostentavam veludos, sedas e rendas, onde brilhavam joias, e abanavam-se com os leques para assim se aliviarem dos calores próprios da idade bem como de outros, consequência de todas as farpelas que usavam.

As meninas- para além de Mercedes, duas primas desta, as minhas tias, e umas quantas filhas dos convidados- usavam vestidos claros, vaporosos, de cinta descida, como era moda na época, donde emergiam antebraços, colos e rostos rosados e firmes e pernas envolvidas em meias de seda. Nem todas eram bonitas mas tinham o viço da mocidade.

Entre os mancebos, sobressaía o tio Francisco pela elegância de porte. Aparentemente só tinha olhos para a noiva, apesar dos olhares cobiçosos que outras mulheres lhe lançavam. As mães das meninas presentes, no seu íntimo invejavam a mãe da menina Mercedes. *Que belo noivo a filha tinha arranjado. Lá prendada era*

ela, sim senhor. Mas havia, inclusivamente naquele salão, meninas igualmente prendadas e bem mais bonitas que Mercedes...

O banquete esteve em consonância com tudo o resto. Meia hora antes do jantar, por entre os convidados circularam bandejas com os "cocktail" e respectivo acompanhamento- barquettes de caviar. Depois dirigiram-se para a mesa e seguiu-se o "hors d'oeuvre"- ostras- acompanhado de águas minerais e a sopa - creme Duchesse- acompanhada de Madeira. Seguiram-se os três pratos principais- Vol- au- vent à la Reine, peixe assado com molho de trufas e cogumelos, faisão- acompanhados respectivamente de Sauterne, Bordéus e Borgonha. Finalmente, acompanhadas de Porto e Veuve Clicquot, as sobremesas- torta de noz, marron glacé, pudim Abade de Priscos e trouxas de ovos- seguidas de uma grande variedade de frutas entre elas uvas, melão, laranja, ananás, banana, pêssego. Regressou-se então ao salão onde foram servidos o café, vários licores, charutos e cigarros.

O bisavô Augusto era um homem feliz. Ainda para mais, tinha visto que vários jovens galanteavam as suas quatro filhas....Fantasioso como era, começou logo a imaginar cerimónias idênticas com que festejaria os respectivos noivados. Mas em breve os sonhos cairiam por terra.

Um impedido do Coronel Saraiva, namoriscava uma das empregadas da casa. Por ela sabia tudo o que lá se passava:

Coitadinha da menina Mercedes. Que iludidinha anda...O noivo, não só anda metido com a copeira e com a Eufrásia, a empregada de dentro, como ainda faz olhinhos à mãe. E olha que ela não os enjeita...

Com certeza contigo é a mesma coisa - tornou logo despeitado o impedido

Credo, cruzes, abrenúncio, homem. Eu sou uma rapariga séria.

Mas não seria tão séria assim, pois um belo dia o impedido surpreendeu-a em flagrante com o tenente. E aí as coisas começaram a complicar-se para o lado do tio Francisco, que já tinha a boda com data marcada. O impedido urdiu uma trama para levantar a suspeita na mente do Coronel. Todos os dias se apresentava com um ar muito macabúzio e sofrido, sempre alheado de tudo, de tal modo que um dia o Coronel perguntou:

Que se passa contigo? Andas com cara de caso.

Não é nada, meu Coronel

Mas como o rapaz cada dia aparecia mais acabrunhado, o Coronel um dia disparou:

Isso cheira-me a coisa de saias. Foi a Genoveva?

Era este o momento por que o impedido esperava. Com um ar ainda mais soturno retorquiu:

Não é tanto por mim meu Coronel, mas a Menina Mercedes não merecia tal.

O que é que a minha filha tem a ver com isso?

Nada, meu Coronel, faça de conta que eu não disse nada.

Desembucha, homem, gritou exaltado o Coronel...

Aquela cabra da Genoveva, faça favor de desculpar meu Coronel, mas eu ando fora de mim, começou por me contar umas histórias, que o tenente Francisco andava metido com todas as mulheres lá da casa, menos ela, mas eu logo desconfiei que aquilo era para me desviar a atenção. Um dia apanhei-os juntos a ele e à Genoveva.

A semente da desconfiança estava lançada e o Coronel só não apanhou o tio Francisco em flagrante, porque a Eufrásia, que tinha por hábito escutar às portas, um dia que o Coronel chamou lá a casa um indivíduo estranho que nunca ali havia sido visto, percebeu que se urdia um plano para apanhar o sedutor. Avisou-o de imediato e o tio Francisco fugiu para França sendo dado como desertor. Inicia-se então um novo capítulo na sua vida.

3

As leviandades do tio Francisco tinham começado muito cedo. Ninguém gostava de falar no assunto mas, por entre dentes, já mais que uma vez ouvira comentar aquele episódio em que, tinha ele 15 anos incompletos, toda gente acordou em casa quando, de madrugada, ecoou um grito vindo do quarto da criada Elvira. Esta acordara quando o tio Francisco tinha acabado de se meter dentro da sua cama.

Em terras pequenas é assim... Por mais que em casa tentassem abafar o episódio, este foi passando de boca em boca. Quem mais sofreu com tudo foi a pobre da Elvira. Sempre que saía à rua era perseguida por uma procissão de garotos que, numa algarviada sem fim, repetiam:

*Dá colinho ao Francisquinho...Dá colinho ao Francisquinho...
Dá colinho ao Francisquinho...*

O tio Francisco não havia de se ficar por aqui. Episódios como este haviam de se repetir ao longo do tempo. E outros feitos houve, como daquela vez em que fazendo-se passar pelo irmão mais velho, marcou um encontro com a respectiva namorada. Claro que desta vez as coisas não correram bem. Quando o irmão

soube, enfiou-lhe dois murros na cara e a cena não voltaria a repetir-se, nem com o irmão mais velho, nem com qualquer dos outros. Mas parece que tentou fazer o mesmo, por mais que uma vez, com namoradas de amigos.

Por isso, quando o viram de namoro aparentemente firme com a Menina Mercedes, toda a família respirou de alívio.

Eram coisas da mocidade. Vejam como agora ganhou juízo.

Infelizmente estavam enganados e por causa da falta de juízo, estava ele agora lá longe em França, mais concretamente em Paris.

4

Chegado a Paris, e nos primeiros tempos, o tio Francisco vive como num deslumbramento perante a Cidade-Luz. Eram os monumentos- o Arco do Triunfo, o Louvre, Notre- Dame, a Ópera, os Inválidos, o Sacré- Coeur, a Escola Militar e tantos, tantos outros, sem esquecer o expoente máximo e o mais recente, a Torre Eiffel, que se dizia ser, à data da construção, o mais alto edifício do mundo. Eram o Sena, as pontes, as praças, os jardins e as avenidas... Mas era acima de tudo a vida boémia que se respirava em Montmartre.

Neste contexto, o que poderia fazer em Paris um desertor do exército português? Ao fim de algumas semanas de boémia à mistura com a procura de um emprego e quando o dinheiro estava mesmo a chegar ao fim, o tio Francisco não teve outro remédio

senão aceitar o lugar de bagageiro na gare de Lyon. Poderá parecer à primeira vista um emprego demasiado modesto para um jovem que já tivera uma carreira auspiciosa, mas o certo é que a gare de Lyon era ponto de chegada e de partida de pessoas importantes, entre elas várias mulheres. E a sedução do tio Francisco mantinha-se. Nele, a farda de bagageiro parecia de general. O seu porte e a sua elegância conferiam-lhe um encanto especial. Transportava preferencialmente as bagagens de mulheres bonitas junto das quais se insinuava. O seu “charme” era de tal modo irresistível que, por vezes, o tempo do curto percurso do transporte das bagagens, era suficiente para a marcação de um primeiro encontro.

Foi assim que o tio Francisco passou a frequentar os melhores círculos de Paris. Parecia ter novamente o mundo a seus pés quando a roda desandou. É certo que desta vez o tio Francisco foi mais seduzido que sedutor. Nos salões da época Madame Guimard, era presença imprescindível. Era uma matrona de 45 anos, mulher de um grande banqueiro, que não lhe dava qualquer atenção. Por isso Madame Guimard lançava olhares lânguidos ao tio Francisco, que a eles se furtava, receando problemas.

Um dia, porém, quando estava a trabalhar na gare de Lyon, chegou um emissário com um bilhete:

Meu bom amigo

Peço-lhe que me visite amanhã na morada abaixo indicada, pois tenho um assunto urgente a tratar consigo

Dedicadamente

Louise

O tio Francisco ficou perturbado. Pressentiu de imediato o que o esperava. Por isso tentou esquecer a mensagem, mas

acabou por não resistir. No dia seguinte, logo que acabou o serviço, vestiu-se a preceito, colocou o seu panamá e o seu pingalim e dirigiu-se á morada indicada. Madame Guimard pôde então dar largas aos desejos há tanto reprimidos. De início, encontravam-se todos os dias após o trabalho do tio Francisco. Madame Guimard quis a todo o custo que o tio Francisco deixasse o emprego na gare de Lyon, mas ele tinha o seu orgulho. Recusava-se a ser literalmente sustentado por uma mulher. Para além disso, não se estava a dar mal com o emprego...

Madame Guimard era uma mulher insaciável, pelo que o tio Francisco em pouco tempo se cansou. Cada vez os encontros eram mais espaçados; alegava que era necessário substituir um colega doente, que andava um pouco constipado, que tinha tido uma indisposição na sequência do jantar da véspera, etc.

Numa dada noite compareceu numa festa, acompanhado de uma jovem inglesa. Sabia que Madame Guimard também compareceria e esperava assim mostrar-lhe que era tempo de procurar um substituto para a sua pessoa. Só não imaginava a reação de Madame Guimard. Durante a festa, pareceu não ter dado qualquer importância ao fato, trocando até algumas frases prazenteiras com o tio Francisco. Mas ao chegar a casa resolveu dizer ao marido que o tio Francisco era um abusador e tentara seduzi-la:

Não fosse a minha resistência hoje estaria nas mãos do galã.

O banqueiro espumou de raiva. Com que então o "franganote" tentara meter-se com a sua mulher? É certo que ele não lhe dava qualquer atenção. Mas não aceitaria tal desaforo. Resolveu armá-lhe uma cilada. Madame Guimard depressa se arrependeu do seu

ato e mandou um emissário ao tio Francisco pedindo-lhe para fugir imediatamente de França pois o marido jurara matá-lo.

O tio Francisco conseguiu fugir a tempo, desta feita para o Brasil.

5

Depois de breves passagens pelo Rio de Janeiro e por S. Paulo, o tio Francisco foi ter a Queluz, uma cidadezinha a norte de S. Paulo, mais propriamente no vale do Paraíba. Em meados do século XIX, coincidindo com a independência do Brasil, entra em declínio a faustosa era açucareira, que chegou a coexistir com a era do ouro. Iria dar lugar a uma outra era que iria ser também esplendorosa- a era do ouro verde, como chegou a ser designado o café. Rapidamente a cultura invadiu o vale do Rio Paraíba do Sul, sendo responsável por um ciclo de riqueza que fez florescer pequenas cidades como Queluz, Areias, Bananal, Silveiras, S. José do Barreiro e ainda a mais importante de todas- Guaratinguetá. No entanto, embora Guaratinguetá tenha beneficiado com os tempos áureos do café, o seu desenvolvimento já vinha de longe. A partir do século XVII a cidade foi ponto de parada de tropeiros e comerciantes que se dirigiam para localidades como Taubaté, S. Paulo, Rio de Janeiro, Parati. Pela sua localização privilegiada, já anteriormente exercera também papel importante na circulação do ouro trazido de Minas Gerais.

O sonho do Vale do Paraíba não iria durar muito. Embora ainda durante a primeira metade do século XX o café tenha

desempenhado papel preponderante nas exportações brasileiras, o certo é que já no fim do século XIX se adivinhava a decadência da era do ouro verde. Para esta decadência iriam contribuir, entre outros fatores, a abolição da escravatura em 1888, com a conseqüente elevação dos custos de mão de obra, e a proliferação de pragas que tiveram conseqüências dramáticas, tanto mais que a cultura do café se tinha instalado em regime de monocultura. Tudo isto aliado a uma quebra do respectivo comércio, iriam fazer entrar em decadência as cidades do vale do Paraíba. Apesar de tudo, em 1928, com a construção da estrada entre o Rio de Janeiro e S. Paulo, renovaram-se as esperanças de alguns fazendeiros, cujas terras se viram de novo valorizadas. É neste contexto que o tio Francisco chega a Queluz. Aí montou um negócio que ia "de vento em popa". Em breve fazia parte da elite da região. Frequenta a casa de todos os Coronéis, desta feita não militares, mas Coronéis "de espada virgem". Segundo a tia Leopoldina era assim que, nas cartas que escrevia para casa, o tio Francisco se referia aos Coronéis- fazendeiros. Estes invejam o seu sucesso junto das mulheres.

Seu Francisco é danado com muié.

Se é....Leva jeito mesmo.

Tomara que não vá se metê com muié casada.

Se apoquento não Coroné. Porque houvera de metê se ele tem toda a cabrocha que ele qué. Ele não vai se metê a besta, não...

Mas foi... E assim começou o seu romance com Dona Dondinha, a mulher do Coronel Raimundo, que tinha idade para ser filha deste. Dona Dondinha passa agora grande parte do tempo na fazenda, especialmente quando o marido vai tratar de negócios a Guaratinguetá, a S. Paulo, a Parati. Durante esse tempo,

também em Queluz ninguém vê o tio Francisco; alega que foi tratar de negócios ou fazer umas encomendas para a sua loja. Um das vezes o destino é Areias, outras Guaratinguetá, outras Bananal, outras Silveiras, outras S. José do Barreiro outras ainda, Parati ou S. Paulo. Em Queluz começa a reinar alguma desconfiança. Um belo dia, o Coronel Raimundo viajou. O seu destino era S. Paulo mas, à última hora, uma mudança de planos de que D. Dondinha não tomara conhecimento, levou-o a Parati. Chegado de Parati e estando numa roda de amigos, entre eles o tio Francisco, alguém perguntou, já de má fé:

Então seu Francisco, como correu o negócio lá em Parati? Cê esteve por lá toda a semana...

Ué!? Cê foi uma semana em Parati, seu Francisco? Onde cê se meteu que não lhe vi?

Perguntou de imediato o Coronel Raimundo.

Antes que o tio Francisco tivesse tempo para responder, o Caramuru, do alto do seu poleiro, com a sua voz de cana rachada, começou a repetir:

Seu Francisco é danado com muié.... Seu Francisco é danado com muié.... Seu Francisco é danado com muié.....

Já não era a primeira vez que o Caramuru repetia esta lengalenga, mas esta coincidência entendeu-a o Coronel Raimundo como um aviso vindo do Alto. Uma surda desconfiança começou a miná-lo por dentro. Um belo dia, finge que parte para S. Paulo e tenta apanhar em flagrante dona Dondinha e o tio Francisco. Mas o tio Francisco parecia ter pato com o diabo pois era sempre avisado a tempo.

Parece que, desta vez, foi Juvenal quem o avisou. Juvenal era o jagunço de confiança do Coronel Raimundo. Já por mais que uma

vez arriscara a vida por causa dele. Estranho? Não é que Juvenal gostasse do safado de "seu Francisco". Não, não foi por causa dele, mas sim de Sinházinha. Juvenal tinha muita pena de D. Dondinha. Bem via que o Coronel não lhe prestava a menor atenção. E ela era uma mulher bonita, delicada, bondosa. Até à data era precisamente o contrário que acontecia. Era frequente o Coronel levar mulheres para a fazenda. Quanta mulher por ali não passou? Quantos bacanais Juvenal não presenciou, embora de longe? Além disso, Juvenal não ia esquecer nunca que fora Coronel Raimundo quem desflorara a sua irmã caçula, tinha ela só onze anos... Avisado a tempo, o tio Francisco fugiu. O Coronel Raimundo pôs todos jagunços no seu encalço pelo que o tio Francisco passou um mau bocado, metido no mato durante muito tempo, apanhado pelas febres, dormindo ao relento, comendo e bebendo do que achava. Com Dona Dondinha não se sabe o que aconteceu, tal como ninguém me soube explicar como, um belo dia, o tio Francisco apareceu em Belo Horizonte. Mas, apesar de uma certa distinção no porte, o seu ar era o de um homem cansado e precocemente envelhecido. A pequena comunidade portuguesa acolheu-o bem e foi em Belo Horizonte que se manteve durante algum tempo.

Embora continuando a reinar entre as mulheres, sente-se sem forças. Suores abundantes logo pela manhã e uma tosse seca perseguem-no continuamente. O tio Francisco sabe que deve consultar um médico mas teme o diagnóstico, até porque começam a surgir os primeiros sinais de hemoptises. Os seus presságios confirmam-se. Sofre de tuberculose, o que na época, significava praticamente uma condenação à morte. O médico recomenda-lhe outros ares: uns em lugares mais próximos como

em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, outros em lugares mais longínquos. Entre estes últimos contavam-se a Ilha da Madeira, Lausana, Cannes, Veneza. O primeiro destes estava fora de causa; o tio Francisco fora dado como desertor pelo que era impensável o regresso a Portugal. No Brasil também não quer ficar; receia que a ameaça de morte, premeditada pelo Coronel Raimundo, continue a pairar sobre a sua cabeça. De todos os outros lugares sugeridos o que mais alicia o tio Francisco é a mítica cidade de Veneza. Envia à tia Leopoldina uma procuração para vender a sua parte na herança que lhe coubera por morte da mãe, e pede que lhe envie o dinheiro logo que possa, pois está doente. Quando o dinheiro chega, o tio Francisco parte para Veneza em busca da cura.

6

Durante os primeiros tempos de tratamento, o tio Francisco recupera a olhos vistos. Para isso deverão ter contribuído conjuntamente uma alimentação muito cuidada, as inalações de benzoato de sódio, as pílulas de arseniato de sódio, a aplicação de ventosas no peito, o repouso, os passeios no Lido ao fim da tarde e o encantamento que só a cidade de Veneza pode proporcionar. Passeia de gôndola pelo Grande Canal, maravilhando-se com todos aqueles palácios ao longo das margens, vê o pôr do Sol por trás da abóbada da Salute, a Lua por cima da ilha de San Giorgio. Os seus olhos delíam-se com os tons rosa da cidade e da laguna colorida pelo sol nascente e poente, com a catedral, com o campanário e a Praça de S. Marcos, com o Palácio Ducal, com as pontes- dos

suspiros, de Rialto, da Accademia- com obras de Ticiano, Tintoretto, Canaletto, Bellini.

Mas o seu lado de femeeiro irá traí-lo mais uma vez. O médico recomenda muito repouso mas isso é incompatível com o harém de que o tio Francisco em breve se rodeia. Se é que o tio Francisco tinha um pato com Satanás, desta vez o pato não iria resultar. Se até aí conseguira escapar a tempo de uma morte eminente, desta vez não o iria conseguir. Morre aos 30 anos de idade. Estava-se em 1933.

Não mais regressou a Portugal. Foi enterrado na ilha de San Michele, o cemitério de Veneza. Nem na morte teve descanso pois, tal como acontece com todos os que ali são sepultados, excepto aqueles que em vida foram personalidades importantes, uns tempos após a sua morte o cadáver foi exumado e os ossos espalhados num recife, numa zona remota da laguna. Este fato amargurava muito a tia Leopoldina:

A sua alma deve andar por aí a penar. Não bastava ter morrido longe de casa, ainda lhe deitam os ossos ao mar. Isso não é coisa de cristãos...

Para a família, esta morte, embora esperada, constituiu um golpe muito duro. Mas mais duro ainda parece ter sido para a menina Mercedes.

Após o conhecimento da traição do noivo, Mercedes refugiou-se num isolamento quase total; continuou, no entanto, a relacionar-se com as minhas quatro tias, muito em particular com a tia Leopoldina com a qual trocava correspondência. O tema era sempre o mesmo- a sua paixão pelo tio Francisco a quem estava disposta a perdoar tudo. Teria bastado uma palavra dele, para que ela o fosse procurar mesmo que tivesse de ir ao fim do

mundo....Após a morte do tio Francisco e desfeitas de uma vez por todas as suas esperanças, acabou por ingressar num convento, onde iria tentar esquecer toda a sua anterior identidade, passando a ser a irmã Alzira. Fui uma vez, com a tia Leopoldina, visitá-la ao convento. Tinha eu aí uns oito anos. Quando me viu exclamou:

Oh, como és parecida com ele!

A tia Leopoldina, aterrada disse logo:

Ai irmã, não diga isso que me faz arrepios. Já pensou se herda dele a falta de tino. Para má herança já basta a que tem do bisavô, o meu falecido pai que Deus haja. É tanto ou mais fantasiosa que ele.

Esta ideia de que eu era muito fantasiosa vinha de há muito. Quando me mandavam entreter os meus irmãos mais novos, contando-lhes as célebres histórias do Gato das Botas, da Gata Borralheira, da Bela Adormecida, do Valente Soldadinho de Chumbo, da Branca de Neve e dos Sete Anões, ou qualquer outra, as versões que eu lhes apresentava nada tinham a ver com as versões que me haviam sido contadas. Em primeiro lugar misturava as personagens das diversas histórias e em segundo introduzia outras retiradas muitas vezes da nossa família. Era assim que, dependendo das minhas relações de momento com a tia Leopoldina, esta aparecia umas vezes como a madrastra da gata Borralheira, outras como a fada madrinha da Bela-Adormecida.

De início toda a família ficou preocupada pois imaginava que eu seria um pouco atrasada pelo que não perceberia as histórias que me eram contadas e tão pouco conseguiria discernir entre elas. Mas quando entrei para a Escola, aprendia tudo tão rapidamente que ao fim de um mês já acompanhava os alunos da 2ª classe. Foi então que a professora disse aos meus pais:

É uma criança muito inteligente e com uma imaginação prodigiosa.

Este último aspecto preocupou de imediato a tia Leopoldina:

Queira Deus que não saia ao bisavô, o meu pai que o Senhor tenha no Seu eterno descanso.

7

O bisavô Augusto era, segundo dizem, um homem muito fantasioso. Desde criança que ouvi falar das histórias que ele contava, desde a sua participação na captura do Gungunhana em 1895, ao lado de Mousinho de Albuquerque, e na revolta republicana que eclodiu no Porto - o 31 de janeiro de 1891- até uma luta que, sozinho, e aos dez anos de idade, mantivera com lobos famintos. Quando eu era criança esta era, sem dúvida, a história que mais me impressionava. Na sua essência, era a seguinte:

Na aldeia do bisavô Augusto, todos os anos na noite de Natal se faz uma fogueira no adro da Igreja. O madeiro para manter a mesma é cortado numa das noites que precedem a referida noite. Ora, contava o meu bisavô, que numa dessas noites, tinha ele dez anos, se juntara aos rapazes e homens da aldeia que, acompanhados de um carro de bois, se embrenharam na serra em busca do referido madeiro. Pelo caminho uivavam os lobos. Chegados ao local escolhido, aperceberam-se de que haviam esquecido os machados. Nenhum homem ousava embrenhar-se no caminho a buscá-los. Foi então que se ouviu uma vozita de criança:

Vou lá eu, que não tenho medo nenhum...

E lá foi, cheio de medo, é certo, mas disposto a enfrentar as feras que lhe aparecessem no caminho. Quando estas se aproximaram, embora tremendo que nem varas verdes, não deu parte de fraco. Engrossou a voz e de peito firme tê-las-ia afugentado. Regressou com dois machados, cerca de hora e meia depois.

Como a história se passara (se é que se passou) era ele criança, quando já idoso a contava, não havia na aldeia ninguém que a pudesse testemunhar. O mesmo acontecia com a das campanhas de África e a do 31 de janeiro. Ninguém mais naquela região tinha participado pelo que ninguém podia confirmar ou negar as suas histórias.

Mas as suas principais fantasias tinham a ver com o futuro que augurava para a sua família. Para o tio Francisco, quando aos vinte anos era tenente, já imaginava o macharelato. Ao tio Leopoldo, que se meteu na política mas nunca conseguiu cargo algum, vaticinava que haveria de ser Presidente da República. Ao meu avô, que ingressou no seminário donde viria a sair seis anos depois por total falta de vocação, augurava a mitra cardinalícia, senão o báculo pontifício. Ao tio Bernardo que trabalhava como escriturário na Embaixada de Inglaterra, imaginava o futuro de embaixador. Ao tio César que era um homem muito engenhoso, vaticinava uma carreira mais brilhante que a de Edison, Marconi, Eiffel, ou dos irmãos Lumière. Para as minhas tias, os vaticínios passavam pelos casamentos. Imaginava-as a todas casadas com "alguém de linhagem" como dizia, se possível com título, fosse ele qual fosse: marquês, duque, barão, conde ou visconde.

Mas também aqui os seus sonhos não se tornaram realidade. As tias Alfredina e Bernardina casaram respectivamente com um caixeiro viajante e um lojista. A tia Francisca casou com D. Ramón Mendoza, um espanhol de fino trato mas, ao que parece, sem um centavo de seu, nem vontade de trabalhar para adquiri-lo, pelo que era a tia Francisca quem o sustentava. A tia Leopoldina, essa morreu solteira e talvez porque não pôde satisfazer o pai com o casamento que ele sonhara, atribuía a quantos gatos e cães tivesse, nomes que tinham a ver com títulos nobiliários: conde, duque, marquês, barão, czar, imperador ou, no caso das fêmeas, condessa, duquesa, marquesa, baronesa, czarina, imperatriz.

Mas apesar do malogro do futuro imaginado para os filhos o bisavô Augusto não se deixou vencer. Transferiu para os netos todas as suas ambições, mas sem qualquer êxito. A uma neta, irmã do meu pai, que fez o liceu com distinção e acabou por tirar o curso de farmácia, vaticinou sempre um futuro grandioso:

Vai ser uma segunda Madame Curie.

Também a um outro neto que fez com sucesso o bacharelato em Direito, ainda quando estudante vaticinava:

Este, digo-vos eu, vai chegar a lente.

Não chegou a conhecer os bisnetos, mas não vejo também quem nesta geração pudesse preencher os seus sonhos. Quer eu quer todos os meus primos temos vidas vulgares a não ser o primo Guilherme que é trapezista de circo.

O bisavô Augusto morreu assim sem ver realizado nenhum dos seus sonhos, mas como no fim da vida perdeu a razão, vivia das grandezas que imaginava e que contava, com o seu rosto já

esquelético transfigurado onde brilhavam, como os olhos de um louco, os seus olhos cor de cinza.

Já viu o Big- Ben em Londres? Pois fique sabendo que foi obra do meu filho César. E também foi ele quem inventou o fonógrafo, o dirigível e a dinamite.

Sabe a quem se deveu o estabelecimento da paz, na Grande Guerra? Ao meu filho Bernardo que era embaixador e foi quem a negociou com os alemães.

Já reparou como o nosso país tem progredido ultimamente, desde que o meu filho Leopoldo é presidente da República?

Não hei de morrer sem antes ir à Praça de S. Pedro, receber ali a benção do Santo Padre, e como o meu filho Alfredo é cardeal na cúria Romana, ainda espero conhecer pessoalmente Sua Santidade.

Sabia que Nicolau, o marido da minha filha Alfredina era parente do czar Nicolau? E sabe que o marido da minha filha Francisca é primo do rei Afonso XIII de Espanha?

E por aí em diante...

De nada servia tentar mostrar-lhe que, cronologicamente, era impossível serem os filhos os autores de alguns daqueles feitos. O meu bisavô vivia num outro mundo. Por isso, apareceu um dia na sede da Câmara Municipal, em ceroulas, pantufas e com o chapéu de coco enfiado na cabeça, para receber uma condecoração que, segundo ele, lhe ia ser atribuída pelo mérito das suas façanhas em África. E não houve outro remédio senão improvisar uma condecoração com uma fita e uma chapa com a palavra Ford, retirada de um carro da referida marca que, em consequência de um acidente, jazia na rua à espera de ser reparado. Nunca os

olhos do bisavô Augusto tinham brilhado tanto. Agradeceu, improvisando logo ali um discurso:

Ex^{mo} Senhor Presidente da República, Ex^{mas} Autoridades, Caros Concidãos: É com muita honra que recebo esta condecoração. Quis Deus Nosso Senhor que este seu humilde servo tivesse estado no lugar certo e na hora exata, para assim servir a Deus e à Pátria.

E não conseguiu dizer mais. Embargou-se-lhe a voz com a comoção.

8

De tal modo toda a gente achava que eu era fantasiosa como o bisavô Augusto, que não ousava contar a ninguém o que me acontecia, por vezes, quando olhava para a fotografia do tio Francisco.

Nunca percebi porque razão a fotografia do tio Francisco ocupou sempre lugar de destaque em casa dos meus pais, mais destaque ainda que a do avô Alfredo, mas o certo é que é maior, e em casa dos meus pais estava na sala de visitas, na parede mesmo em frente à porta, pelo que qualquer pessoa que entrasse na sala de visitas ou passasse à porta, com esta aberta, dava de “caras” com o tio Francisco sentado segurando o pingalim com a mão esquerda e o panamá com a direita.

Teria eu os meus dez anos, quando, pela primeira vez, me pareceu ver o tio Francisco sorrir para mim, da fotografia lá no alto. Esfreguei os olhos, voltei a olhar e já não me pareceu que o tio Francisco estivesse a sorrir. Por certo teria esquecido este episódio se a partir daí não tivesse voltado a acontecer. Aconteceu

cerca de um mês depois e dessa vez, mesmo após ter esfregado os olhos, o sorriso do tio Francisco continuava lá. A partir daí era frequente eu ter a sensação de que o tio Francisco, de vez em quando, me sorria lá do retrato. Para não ter que me confrontar com a situação, passei a baixar os olhos de cada vez que passava junto á porta da sala de visitas. Um dia, distraidamente, voltei a olhar para o retrato e qual não foi o meu espanto ao ver que, para além de me sorrir, o tio Francisco levantou o panamá e me fez uma saudação com ele.

Tudo isto me deixava insegura a ponto de também eu acreditar que era tudo fruto da minha imaginação, estimulada pelas premonições da tia Leopoldina:

Coitadinho do meu irmão. Com os ossos deitados à água, é impossível que a sua alma não ande por aí a penar...

Foi por mero acaso que a tia Leopoldina soube do destino das ossadas do irmão. Um tio meu, irmão de meu pai, sempre que ia a qualquer lado fazia-se acompanhar da sua máquina de filmar, um exemplar obsoleto e cujas imagens deixavam muito a desejar. Lembro-me bem das sessões de "reportagem" a que toda a família assistia quando o meu tio regressava de férias. Uma dessas sessões teve como cenário Veneza. As imagens eram de tão má qualidade que, embora eu fosse ainda criança, me lembro perfeitamente de ter achado que Veneza devia ser uma cidade horrível. A falta de nitidez das imagens levou a que todos estranhassem que a tia Leopoldina se tivesse apercebido de que o cemitério era, ele mesmo, uma ilha. Mas o certo é que ao surgir a imagem do cemitério, no meio das outras, se ouviu a voz da tia Leopoldina que tinha estado calada durante toda a sessão, eu diria até que teria dormitado todo o tempo:

Então o cemitério é no meio do mar?

O meu tio esclareceu que era mais propriamente na laguna. Mas a tia Leopoldina interpelou de novo o meu tio:

E se precisarem de alargar o cemitério, como fazem?

Aí, o meu tio esclareceu:

Não existe esse problema, porque para todos os que ali são sepultados, excepto aqueles que em vida foram personalidades importantes, uns tempos após a sua morte faz-se a exumação do cadáver e os ossos são espalhados num recife, numa zona remota da laguna.

A tia Leopoldina ficou muito pálida e disse:

Quer dizer então que o meu irmão ainda não sossegou...

O meu tio só aí se deu conta da sua atitude irrefletida. Tentou ainda remediar o mal feito, mas foi tarde demais. A partir desse dia a tia Leopoldina redobrou as suas orações pelo irmão, mas isso não lhe trazia grande tranquilidade.

Meu pobre irmão. A sua alma deve andar por aí a penar...

Neste contexto eu andava muito confusa. Passar-se-ia mesmo qualquer fenómeno estranho com a fotografia do tio Francisco ou nada se passava e eu é que, de tanto ouvir falar na alma penada do meu tio avô, começara a ver coisas onde elas não existiam? Mas, tinha eu dezasseis anos, algo de estranho aconteceu realmente. Numa só semana sonhei três vezes com o tio Francisco. De início tentei não dar importância aos sonhos mas uma coisa começou por me intrigar: cada sonho parecia ser sempre a continuação do anterior. Para além disso, a revelação feita no último sonho foi materialmente comprovada, pelo que já não restavam dúvidas - passavam-se coisas estranhas e não eram só fruto da minha imaginação.

Passemos então aos sonhos.

9

Primeiro sonho

Creio que tinha acabado de adormecer profundamente quando comecei a sonhar com o tio Francisco. No meu sonho eu passava em frente à porta da sala de visitas e distraidamente tinha olhado para a fotografia. O tio Francisco com o pingalim numa das mãos e o panamá na outra, levantou-se da cadeira, saiu do retrato e dirigiu-se para mim. Sorriu e disse-me:

Não precisamos de apresentações. Eu sei muito bem quem tu és tal como tu sabes muito bem quem eu sou. A Leopoldina já te falou em mim inúmeras vezes. Era a minha irmã preferida tal como eu era o irmão da sua preferência. Desiludi-a, tal como os desiludi a todos, muito em particular ao meu pai. Fui um estroina, como sabes, mas não é isso o que lamento na minha vida. Lamento, sim, que tenha sido uma vida sem sentido, marcada por um terrível egocentrismo. Eu não enxergava nada para além do meu umbigo. Nem um pouco me preocupava com os outros, pelo que fiz sofrer muita gente, particularmente mulheres, pelas quais não tinha o mínimo respeito. Mas não vim aqui para falarmos desse meu passado. O que lá vai, lá vai e o que não tem remédio, remediado está. Já reparei que evitas olhar para o meu retrato, desde a primeira vez que te sorri. Porquê? Não tenhas medo, eu tenho por missão evitar que te desrespeitem, para assim me redimir do quanto eu desrespeitei os outros. És na verdade muito bonita, o que não admira visto que és muito parecida comigo, mas

eu só era bonito por fora. Por dentro não valia nada. E como eu há muitos homens, de quem eu te quero proteger. Desde que nasceste que vivo com essa preocupação, mas só agora consegui aproximar-me de ti. Depois de morrer já reencarnei várias vezes. Na primeira reencarnação fui parar à savana africana. A savana africana ocupa grandes extensões a Sul do deserto do Sara, desde a Guiné ao Sudão. É belíssima. Nela predominam grandes extensões de herbáceas e de onde em onde, dispersas, árvores como as palmeiras, as acácias das girafas, os baobás, cuja sombra é um bálsamo para os animais que ali habitam. Não sei explicar-te porquê mas quando recordo a savana, lembro-me da minha infância, quando no verão, e lá em Trás-os-Montes, onde cresci, entre os campos secos cobertos de restolho, se destacavam os sobreiros, as amendoeiras e as oliveiras.

Mas voltemos à minha vida na savana. Como, em humano, tinha levado uma vida devassa reencarnei numa forma de vida inferior. Foi assim que durante muitos anos fui leão, que, apesar de considerado inferior ao homem, é o Rei dos animais. Aliás não sei porque razão o homem é considerado superior em relação aos outros animais. Só se for no cinismo, no sadismo, na hipocrisia, na arrogância, na ganância... Não sei qual o critério usado, mas critérios são sempre critérios e cada um que use o que bem lhe aprouver. Um escritor espanhol, Juan Ramón de Jiménez, escrevendo a este respeito diz que leu num dicionário a seguinte definição de asnografia: "Diz-se ironicamente, da descrição do asno". Jiménez não entendia porque não haveria de merecer uma descrição séria um animal bondoso e nobre como o asno e por isso, emendou a definição para: "Deve dizer-se, com ironia, claro

está, do homem imbecil que escreve dicionários¹⁶. A mim, muitos humanos também não me merecem grande estima. Aliás considero que eu fui mais humano, quando não fui humano. Que raio de trocadilho...O que eu quero significar com isto é que enquanto não humano fui mais solidário com os da minha espécie, do que quando fui humano.

Mas deixemo-nos de divagações e voltemos ao assunto que aqui me trouxe. Não sei se sabes mas o leão é um felídeo verdadeiramente social. Vive em grupo com fêmeas, crias e machos adultos. Recordo com alguma saudade particularmente as caçadas que se fazem, quase sempre em grupo e de preferência na obscuridade noturna. É este o momento ideal para as caçadas, não só porque assim se reduzem os gastos de energia, não tendo que suportar as elevadas temperaturas que predominam durante o dia, mas também porque as caçadas noturnas nasceram, há muitos milhares de anos, pela necessidade de se permanecer, durante o dia, escondido dos grandes répteis, predadores de sangue frio, que por isso atacavam as presas durante as horas de calor. Os leões atacam gazelas, impalas, bois-cavalos, zebras, girafas, búfalos solitários, elefantes jovens e até hipopótamos. Muitas vezes fazem caça de espera, nos bebedouros. Com uma corrida curta e um salto caem em cima da vítima, à patada e à dentada. Mas não o fazem por sadismo; é apenas uma questão de sobrevivência. O papel de atacantes cabe essencialmente às fêmeas, mas são geralmente os machos que iniciam a refeição. Depois de saciados, repousam preguiçosamente durante muitas

¹⁶ Em "Platero e Eu".

horas, arfando nas horas de calor intenso. Nessa altura as vítimas sabem que não correm perigo.

No meu grupo eu destacava-me dos restantes machos adultos pelo porte. Gostava de ver a minha imagem reflectida na água. Media 3 m de comprimento e a minha juba desenvolvia-se pela cabeça, espáduas e um pouco pela região abdominal. Era o preferido das fêmeas. Mas como era muito femeeiro não me bastavam as fêmeas do meu grupo. Um belo dia, resolvi assediar uma fêmea muito jovem de um outro grupo; os leões do grupo não gostaram e acabei por me envolver numa luta, da qual saí muito maltratado. Deixei de poder participar nas caçadas, fui enfraquecendo. Passava os dias deitado, dormitando e sonhando com savanas, caçadas, leões. Cada dia os sonhos eram mais difusos até que um belo dia me apercebi de que já não estava na savana africana nem era leão. Tinha reencarnado de novo. Uma noite destas conto-te o que me aconteceu. Agora vou-me embora pois já estou cansado.

Antes de adormecer folheara uma enciclopédia da vida animal pelo que, quando acordei e recordei o que havia sonhado, não atribuí inicialmente grande importância ao sonho.

10

Segundo Sonho

No dia seguinte custou-me a adormecer. Não falara a ninguém do sonho da véspera até porque de início não o valorizara, mas à medida que a noite se aproximava comecei a ficar um pouco ansiosa. Iria o tio Francisco aparecer-me novamente em sonho e continuar a contar-me a sua vida, depois da morte? Se não aparecesse o caso ficaria encerrado, mas se aparecesse tinha que

reconhecer que algo estranho se passava. O pior é que não me adiantaria contar a ninguém pois a reação, sabia eu de antemão qual seria:

Deixa-te de fantasias pois já não tens idade para isso.

Adormeci por isso muito tarde. Não sei quanto tempo demorou o tio Francisco a aparecer. Desta vez eu não olhara para o retrato. No meu sonho, eu baixara os olhos ao passar junto da porta da sala de visitas, mas percebi que o tio Francisco se levantava e saía novamente da fotografia. Provavelmente terá deixado o panamá em cima da cadeira, pois vinha apenas com o pingalim que fazia oscilar levemente. Mais descontraído que na noite anterior disse:

Cá estou eu de novo, tal como prometi, para te falar da minha nova encarnação. Desta vez reencarnei em veado do tipo eurasiático. Como vês, tendo em conta o critério dos homens, desci na escala que atribuem aos animais, mas não era de esperar outra coisa. Para reencarnar numa forma de vida superior teria que ter levado uma vida exemplar como leão e, como já te contei, tive os meus desvarios. Mas gostei de ser veado, nas florestas do Norte da Europa. Apesar de sombrias, também acho muito belas aquelas florestas de faias, pinheiros, abetos. A maiores altitudes podem encontrar-se azáleas e soberbos rodoendros de flores vermelhas. Era essencialmente dos rebentos destas árvores e arbustos que eu me alimentava. Curiosamente e também sem qualquer explicação, aquelas paisagens lembram-me, por vezes, a terra onde cresci, especialmente quando a folhagem das árvores adquire tons fantásticos do amarelo ao castanho, passando pelo avermelhado.

Tu nasceste por essa altura, em que encarnei como veado eurasiático. Preocupava-me saber que crescias sem a minha proteção. Pensava, no entanto, que essa proteção seria importante

essencialmente a partir da tua adolescência e por isso, tinha esperança de poder ainda aproximar-me de ti. Mas voltemos à minha vida como veado. O veado é um animal bonito e eu fui-o particularmente. Tinha um garrote com cerca de um metro e trinta m e uma armação de doze pontas, com mais de um metro. Durante a primavera e o verão vivia só entre machos e, modéstia à parte, destacava-me entre os outros veados da minha manada. No outono, já libertos da pele aveludada que cobria a armação e com uma pelagem bonita, cada um de nós demarcava o seu território onde iria reunir um harém. Para atrair as fêmeas lançávamos, então, poderosos bramidos. Eu tinha sempre um belo harém, mas também a tentação de assediar outras fêmeas. Por isso travei lutas terríveis com outros machos, lutas de que, durante muitos anos saí sempre vencedor, até que um dia a sorte mudou. Ou melhor, não foi uma questão de sorte. A idade é que não perdoa. Por causa de uma fêmea, envolvi-me numa luta com um macho muito mais novo. Foi uma luta terrível. O entrechocar das armações ecoou a longas distâncias. Fiquei muito maltratado, mas creio que não foi a dor física que me matou; foi o desgosto de ver que já não era o que tinha sido em tempos. A recordação dessa luta deprime-me ainda hoje, pelo que fico por aqui. Voltarei um dia destes para te contar o resto da história.

11

No dia que se seguiu ao segundo sonho toda a gente em casa me estranhou. Andava um pouco como se fosse sonâmbula. Por um lado porque dormira mal, por outro porque começava a andar preocupada com aqueles sonhos. A que iria conduzir tudo aquilo?

Se por um lado estava curiosa por saber o fim da história, por outro receava que estes sonhos nunca mais acabassem e, na impossibilidade de falar deles com alguém, me pudessem conduzir a um mundo, que me isolaria de tudo o que me rodeava. Deste meu estado de torpor saía de vez em quando, face às interpelações e comentários que me eram feitos:

Que se passa contigo hoje? Parece que viste assombração...
Dizia a minha mãe.

Às tantas anda mouro na costa. Dizia a tia Leopoldina, acrescentando:

Vê lá se tens juízo. Olha que a falta de juízo foi quem perdeu o meu irmão Francisco que Deus Nosso Senhor tenha no Reino da Glória. Que linda posição não teria hoje se hoje fosse vivo... Não me conformo com o que lhe aconteceu.

Não se preocupe tia Leopoldina. Ela está é na idade da parvalheira. As raparigas são todas assim, diziam os meus irmãos.

Deixem a rapariga em paz, disse a dada altura o meu pai.

E virando-se para a minha mãe e para a tia Leopoldina acrescentou:

Parece que nunca tiveram dezasseis anos...

Esta intervenção do meu pai teve um efeito benéfico sobre mim. Comecei a pensar que deveria ser normal, na minha idade, ter sonhos daqueles. Mas porque razão sonhava eu com o tio Francisco? Possivelmente porque estava na idade em que a sexualidade se afirma; por isso era normal que sonhasse com um homem e eleger um homem bonito como o tio Francisco, embora inconscientemente, só podia revelar bom gosto. Na altura não devo ter raciocinado deste modo, mas o certo é que as palavras do meu pai me mantiveram serena ao longo do resto do dia, sem

pensar mais nos sonhos que tivera. No entanto, à medida que a noite se aproximava comecei a sentir uma certa apreensão. Iria sonhar de novo? Talvez por ter dormido pouco na noite anterior, nessa noite dormi como uma pedra e se sonhei, ao acordar não me lembrava de nada. E foi ainda assim nas duas noites que se seguiram. Só então o tio Francisco regressaria para me continuar a contar a história das suas reencarnações.

12

Terceiro sonho

Estava uma noite fresca, talvez por isso me tivesse custado um pouco a adormecer. Devia ter pegado no sono quando me apareceu de novo o tio Francisco. Desta vez não trazia nem panamá nem pingalim. Tão pouco o vi sair do retrato. Apareceu na minha frente, vindo não sei de onde e, com um ar prazenteiro, disse-me:

Pensavas que eu já não voltava? O certo é que o recordar da minha vida como veado me deixou muito deprimido e só hoje ganhei coragem para continuar a minha história.

Após a minha vida como veado não podia esperar outra coisa que não fosse reencarnar numa forma de vida ainda inferior. E foi isso que aconteceu. Desta vez reencarnei em gato. Mas estou muito contente. Consegui o que pretendia - aproximar-me de ti para te proteger, agora que estás na idade em que toda a proteção é pouca. O homem é por vezes tão egoísta e falho de sentimentos....Eu que o diga... Quando penso no quanto fiz sofrer algumas mulheres, nomeadamente a Mercedes.. E no entanto gostava dela. Só que nunca consegui dominar este meu lado de D.

Juan. Por lamentar tudo isto é que eu quero proteger-te. A partir de amanhã poderás contar comigo. Não quer dizer que necessariamente te vá aparecer em sonhos, mas a minha presença pairará sempre por perto. Talvez por vezes tenhas dificuldade em entender as minhas recções, mas lembra-te sempre do seguinte: tudo o que eu fizer é para teu bem. E agora vou-me porque o relento da noite não me faz bem e esqueci-me do panamá em cima da cadeira.

Desta vez o sonho foi mais curto e, embora no fim tivesse acordado, adormeci de novo. Voltei a acordar lá pelas seis da manhã, com a sensação que tinha estado a sonhar com um gato a miar. Levei algum tempo a perceber que não se tratava de um sonho. Efetivamente um miado de gato parecia vir da porta que dá para o quintal. Estaria eu a imaginar coisas? Um pouco incrédula resolvi ir ver o que se passava. Ainda ninguém estava a pé. Levantei-me pé ante pé e fui abrir a referida porta. Lá estava ele, muito pequenino e quase todo negro com umas manchas amarelas e brancas no dorso.

À hora do pequeno almoço fiz a apresentação do gato dizendo como o tinha sentido miar e o encontrara junto à porta. Só não fiz referência ao sonho, pois já sabia qual seria a reação da tia Leopoldina:

Ai minha Nossa Senhora, tende piedade desta rapariga. Onde a levará a imaginação?

O meu pai achou muita graça às manchas do gato e disse:

Que gato esquisito! Nunca vi um gato com manchas assim. Parece um desenho do Miró. Nessa altura a minha mãe perguntou:
E agora como lhe iremos chamar?

Quase todos e quase em simultâneo dissemos:

Miró.

Claro que a tia Leopoldina disse logo que isso não era nome de gato e, com a sua mania da “grandeza”, sugeriu nomes como conde, duque, marquês, barão, czar, imperador. Como estava em minoria, o gato ficou mesmo a chamar-se Miró.

Por causa das manchas do seu dorso, o meu pai comprou uma reprodução de uma obra do pintor espanhol, que encaixilhou e pendurou na parede da sala de visitas, imagine-se, precisamente ao lado da fotografia do tio Francisco! Quando perguntei ao meu pai porque razão escolhera aquela localização para o quadro, respondeu-me simplesmente que achava que ali ficava bem. Olhei para a fotografia do tio Francisco; sorriu-me e piscou-me o olho direito.

13

É certo que também lhe poderíamos ter chamado “barão trepador” inspirando-nos na obra de Ítalo Calvino. Fazíamos, assim, jus à sua faceta de trepador e ao mesmo tempo satisfazíamos a tia Leopoldina. Mas a sua faceta não se manifestou de imediato, só após alguns dias. Na realidade nunca vi um gato que melhor trepasse. Desde pequenino que o seu lugar predileto era em cima da minha cabeça. Trepava com tal velocidade, que quando queria impedi-lo já estava ele, bem lá no topo fazendo-me festas na testa com as patitas. E fazia o mesmo com os demais elementos da família embora tivesse sido sempre eu a sua preferida, o que causava imensa inveja particularmente aos meus irmãos e à tia Leopoldina, que gostava muito de gatos. Também

210

por mais que uma vez tivemos que solicitar a ajuda dos bombeiros para o retirar do alto do pinheiro que existe no quintal.

Um outro nome que também lhe poderíamos ter dado era o de “marquês conquistador”; a tia Leopoldina teria ficado contente com o título, mas o certo é que a sua faceta de fêmeeiro só viria a ser conhecida um pouco mais tarde.

Fosse como fosse creio que o nome Miró lhe assentava bem. Por mais que uma vez o vi trepar para cima da estante em pau preto que havia na sala de visitas e ao lado da qual estavam a foto do tio Francisco e a reprodução do quadro do pintor espanhol. Esta parecia exercer algum fascínio sobre o gato pois não só a olhava fixamente como por vezes parecia acariciá-la com as patitas.

Mas dizia eu que, lá em casa, era a preferida do Miró. O gato tinha comigo uma relação muito especial. O meu colo era o seu preferido e quando me via com um ar mais triste ou cansado, fazia-me festas. Sabia a que horas eu chegava a casa e esperava-me ao cimo das escadas. Era um gato extremamente inteligente. Aprendeu a abrir portas, pelo que era o meu despertador- era sempre ele que me acordava de manhã. Dava um salto e com a patita direita fazia girar a maçaneta da porta do meu quarto. Aberta a porta ia deitar-se em cima da minha cama e miava docemente até me acordar.

Mas o aspecto mais interessante na minha relação com o Miró era a forma como me protegia dos homens.

Naquele tempo, o que eu mais gostava era de ir a festas. Mas só me deixavam ir se acompanhada por um dos meus irmãos mais velhos. E aí é que residia o problema. Se a festa lhes agradava, ofereciam-se de imediato os dois, mas se não lhes agradava pretextavam mil e uma razões para não me acompanharem. Nessas alturas a reação do Miró era sempre a mesma. Rosnavalhes, eriçava o pelo e se fosse preciso mostrava-lhes as garras. Os meus irmãos achavam que eu tinha amestrado o gato para reagir desta forma e chegaram a acusar-me ao meu pai. Mas o meu pai, talvez por eu ser a única filha, tomava geralmente a minha defesa. Por isso a reação dele foi:

Dizem que a vossa irmã é fantasiosa, mas vocês não o são menos.

O certo é que os meus irmãos ficavam um pouco intimidados com a agressividade do gato e não viam outra solução senão acompanhar-me. Faziam-no à vez, o que originava frequentes discussões:

Foi em festas onde os meus irmãos, voluntariamente ou não me acompanharam, que conheci o Gonçalo, o André, o Manuel e o Vasco com os quais namorei, embora por pouco tempo. Quando o Gonçalo começou a aparecer lá por casa, a reação do Miró foi terrível. Todas as vezes que o rapaz aparecia, o Miró ficava com o pelo eriçado e rosnavalhe com ar ameaçador. Um dia fiquei tão furiosa que lhe dei um pontapé e a reação dele foi violenta. Atirou-se a mim e arranhou-me toda. Ficámos uns tempos zangados. O Miró deixou de aparecer de manhã no meu quarto para me acordar, de me esperar ao cimo das escadas, de me fazer festas, de trepar por mim acima, de usar o meu colo. A tia Leopoldina,

essa andava feliz, pois todos aqueles gestos foram transferidos para ela.

O meu namoro com o Gonçalo durou pouco tempo. Quando o namoro terminou, aconteceu uma coisa curiosa. O Miró, de um dia para o outro, e para tristeza da tia Leopoldina, voltou a preteri-la em meu favor.

O que se passou com o André, com o Manuel e com o Vasco, não foi muito diferente daquilo que se passou com o Gonçalo. Só com Luís foi diferente. Conheci-o na faculdade e um dia, éramos então simplesmente amigos, levei-o lá a casa. Tinha-o prevenido antes da possível reação do gato, que pensava eu, era previsível face a qualquer rapaz que me acompanhasse. Mas qual não foi o meu espanto quando vi o Miró saltar para o colo dele, donde trepou até á sua cabeça. Aí se instalou calmamente e, de vez em quando, fazia-lhe uma breve carícia. Foi assim que entre o Luís e o Miró se estabeleceu uma relação muito amigável. Comecei então a pensar que estas atitudes estranhas do Miró, deviam fazer parte da sua estratégia para a minha proteção. Mas só mais tarde teria a confirmação destas minhas suposições.

15

Não se pense que a vida do Miró se limitava á minha proteção. Não, ele tinha a sua própria vida, idêntica á de qualquer gato. Brincalhão, brincava com a própria sombra, com o rabo, com as borboletas, com as folhas secas no outono, com os ratos. Disse brincava porque Miró não comia os ratos que apanhava. Segurava-os pelo rabo e ali andava com eles como se fossem novelos de lâ. Seria por sadismo? A maior parte das vezes, ao fim de pouco

tempo, deixava ir o rato em liberdade, mas uma vez por outro excedia-se na brincadeira e o rato acabava por morrer. Nessa altura vinha depositá-lo á porta da casa, não sei se na esperança de que lhe devolvêssemos a vida, se para mostrar as suas habilidades, ou se por qualquer outra razão. Mas se com os ratos procedia deste modo, com os pássaros era bem diferente. Apanhava-os para os comer e comia-os com penas e tudo. Às vezes fazia-lhes longas esperas completamente imóvel e de repente num salto, apanhava a presa. Seria jeito que lhe ficou da sua anterior encarnação como leão? Fiz a mim mesma várias vezes a mesma pergunta, não só nestas alturas mas também quando o via longas horas estirado ao Sol, repousando preguiçosamente, arfando nas horas de calor intenso sem dar qualquer atenção aos pássaros que pousavam a seu lado.

Miró era, pelo menos aparentemente, um gato vulgar. Talvez mais femeeiro, lá isso é verdade. Foi logo no primeiro janeiro que passou connosco, ainda em casa dos meus pais. Um belo dia desapareceu e só apareceu oito dias depois, completamente irreconhecível. Não se distinguiam as manchas que o caracterizavam. Todo ele era envolvido por uma pasta escura, untuosa e pestilenta. Onde terá andado? Nunca o soubemos. Depois de um banho como jamais tomara, ficou de novo reconhecível. Vimos então que tinha vários lenhos no corpo. Jovem como era, rapidamente recuperou e durante esse ano desapareceria ainda mais quatro ou cinco vezes, por períodos nunca inferiores a dois dias. Cada ano que passava, mais frequentes eram as surtidas. Esses períodos de ausência alternavam muitas vezes com períodos de grande atividade junto das gatas, no próprio quintal. Eram períodos em que ocorriam

lutas ferozes entre o Miró e outros gatos e das quais, embora por vezes ferido, parecia sair sempre com sucesso. Quando ocorriam essas lutas, apercebíamos-nos delas, enquanto decorriam pelo miar, pelo bufar, pelo correr em debandada mas também, no dia seguinte, não só pelas sequelas (lanhos, arranhões) deixadas no Miró como também pela enorme quantidade de pelo preto, branco, castanho, cinza, amarelo, que se espalhava pelo quintal, á mistura com manchas escuras de sangue já oxidado.

16

A relação entre Luís e Miró era tão amigável que mal o Miró pressentia o Luís, corria para ele, trepava por ele acima, buscava o seu colo. Eu sentia-me preterida. A dada altura já não sabia se o Luís ia frequentemente lá a casa para me ver, ou se para matar saudades do gato. Cheguei a ter ciúmes, não sei se do gato, se do Luís, se de ambos. Por isso, quando um belo dia o Luís me pediu namoro, fiquei tão encabulada que não consegui dar-lhe qualquer resposta. Não que eu não tivesse ficado muito contente, simplesmente não contava. Namorámos dois anos, findos os quais casámos e fomos viver para a nossa casa, um pouco distante da casa dos meus pais, onde o Miró ficou. Ainda pensámos em levá-lo mas a tia Leopoldina argumentou:

Isso não tem jeito nenhum. Vocês passam o dia fora; coitadinho do bicho sem ver ninguém o dia inteiro. É uma crueldade. Ficando aqui, vocês podem cá vir quando quiserem e está o problema resolvido.

Só que o gato não pensava da mesma maneira. Uma noite senti miar á porta. Era o Miró. Ainda hoje não sei como descobriu

ele a nossa morada, dado que nunca lá tinha ido. Mas foi assim que ele foi viver connosco. Depressa constituiu o seu harém....Tal como na casa de meus pais, muitas vezes desapareceu e reapareceu, muitas lutas travou no quintal, até que, em consequência de uma delas, acabaria por perder a vida. Foi cerca de dois anos depois de ter ido viver connosco. Acordei uma noite com o barulho de mais uma luta de gatos. Chamei o Luís mas ele dormia um sono tão pesado que não acordou. Saí da cama e ao abrir a porta que dá para o quintal, senti um barulho de gatos correndo. Chamei pelo Miró mas não obtive qualquer resposta. Voltei a deitar-me e tive um sonho que me perturbou. O tio Francisco que, desde a noite que precedeu a entrada do Miró nas nossas vidas, nunca mais me aparecera em sonhos, apareceu de novo e disse-me:

Decididamente, não tenho emenda. Mesmo velho ainda sou um fêmeiro inveterado. Desta vez meti-me com a gata de um gato muito novo. Sentiste a nossa luta? Estou muito maltratado; sei que não me safo. Mas já cumpri a minha missão. Protegi-te do Gonçalo, do Manuel, do André, do Vasco. Teve que ser. São tanto ou mais egoístas do que eu fui e sei muito bem a infelicidade que isso te iria trazer. Com o Luís é diferente; é um bom rapaz e creio que não irá fazer-te sofrer. De qualquer modo eu vou tentar andar por perto.

Acordei e fui ao quintal tentar encontrar o Miró mas não o vi nem ouvi. Voltei-me a deitar. Na manhã seguinte fui acordada pelo Luís que me disse:

O Miró está muito ferido. Vou levá-lo ao veterinário.

Fui também, mas o gato já quase não abria os olhos. Esteve quatro dias num tremendo torpor mas ao quinto dia arrastando-se

um pouco, foi colocar-se entre nós dois que estávamos sentados no degrau da escada que dá acesso do quintal á casa. Ficámos otimistas, mas sem razão. No dia seguinte o Miró estava morto á porta de casa. Enterrámo-lo no quintal, no local onde ele mais gostava de se estirar ao sol.

Depois da morte do gato pedi aos meus pais a reprodução do quadro de Miró e acrescentei:

Já agora também me podiam dar a foto do tio Francisco, por duas razões. Primeiro porque fica muito bem ao pé do quadro, em segundo porque sou eu a pessoa da família mais parecida com ele.

O argumento resultou e teve, inclusivamente o apoio da tia Leopoldina:

Por um lado tenho pena de ver partir assim o meu irmão. De vez em quando vinha aqui olhar para a fotografia e recordar velhos tempos. Mas as recordações só trazem saudade. Além disso, assim sei que irá parar a boas mãos. Já não diria o mesmo se fosse para qualquer dos teus irmãos. Em pouco tempo estaria abandonado num canto.

Agora sou eu que tenho, em lugar de destaque, a foto do tio Francisco junto a uma do Miró e à reprodução do quadro do pintor espanhol.

Algum tempo após a morte do Miró, quando subia a um banco para limpar o pó à fotografia do tio Francisco, senti muitas tonturas. Desci e sentei-me no banco. Permanecia ainda estonteada quando me pareceu ouvir alguém sussurrar qualquer coisa ao meu ouvido. A voz não me era de todo desconhecida:

Não te preocupes, pois nada de mal se passa contigo. Antes pelo contrário. Vais ser mãe. Daqui a nove meses irão nascer dois meninos muito parecidos contigo.

Nesse momento reconheci a voz. Era a mesma que eu ouvia nos sonhos em que me aparecia o tio Francisco.

Ao Luís comecei por dizer simplesmente que estava grávida. Mas aí ao quarto mês de gravidez resolvi dizer-lhe que iríamos ser pais de dois meninos, muito parecidos comigo o que equivalia a dizer, parecidos com o tio Francisco. Na altura não era habitual fazer ecografias pelo que a reação do Luís foi:

Razão tem a tia Leopoldina. Lá imaginação não te falta.

Mas quando os gémeos nasceram, ambos rapazes e o médico comentou: *São a mãe a papel químico*, aí o Luís ficou confuso.

Quando os meninos nasceram, propus ao pai que déssemos a ambos o nome do tio- bisavô, associado ao seu. Assim, um deles chama-se Luís Francisco e o outro Francisco Luís. Francisco Luís e Luís Francisco estão agora com 8 anos. São duas crianças vivas, alegres e acima de tudo curiosas. Eram ainda bem crianças quando me perguntaram:

Mãe, porque tens na parede a fotografia de um gato?

Porque gostava muito dele.

Como se chamava?

Miró.

Conta coisas desse gato, mãe.

Sempre que me pedem para falar do gato eu falo das manchas no dorso, que estiveram na origem do seu nome, falo do Miró trepador, do Miró despertador mas, não sei porquê, sinto um certo pudor em falar do Miró conquistador. Não me parece que seja uma questão de tabu em relação ao sexo, tema de que falamos, sem

problemas, com as crianças. Daí que aos seis anos os meus filhos tenham escandalizado brutalmente a tia Leopoldina. Foi quando a mulher do meu irmão mais novo ficou grávida.

No dia em que a minha cunhada comunicou a gravidez á família, o meu irmão estava em Paris, por razões de trabalho. A tia Leopoldina, aproveitando esse fato resolveu esclarecer os meus filhos:

O que a vossa tia está a dizer é que o vosso tio foi a Paris encomendar um bebé que há de chegar daqui a uns tempos trazido por uma cegonha.

Os meus filhos perplexos, olharam para a tia Leopoldina e disseram:

Mas não é assim que nascem os bebés, tia Leopoldina. O pai põe na mãe uma espécie de semente, que tem um nome esquisito, e essa semente vai ter com outra sementinha que a mãe tem e juntam-se. Depois forma-se uma coisa pequenina que vai crescendo na barriga da mãe e depois dá o bebé. É por isso que a barriga das mães cresce e é também por isso que os pais e as mães dormem juntos. Quando o czar se põe em cima da baronesa é para fazer cãesinhos. A sementinha do czar junta-se com a da baronesa e dão cãesinhos que crescem na barriga da baronesa. Com os bebés é igual. Até têm cauda quando são muito pequeninos, mas depois a cauda cai e quando nascem já não têm.

A tia Leopoldina, lívida, olhava furiosamente para mim e para o Luís. Ao fim de alguns instantes de silêncio, findos os quais conseguiu articular algumas palavras, disse:

Cada vez estou mais certa das profecias de Nostradamus. Este mundo depravado tem que estar a chegar ao fim.

A tia Leopoldina desde sempre viveu apavorada com o fim do mundo. Cruzava as profecias de Nostradamus com outras como as de S. João de Patmos:

Já a minha avó dizia: "A mil chegarás mas de dois mil não passarás". Se ainda cá estiverem verão. O Sol vai ficar preto e a Lua vermelha como o sangue. As estrelas vão cair sobre a Terra como caem os figos da figueira e o céu desaparecerá. E ainda há o terceiro segredo de Fátima que não pode ser outra coisa senão o anunciar do fim do mundo. Só peço a Deus Nosso Senhor que me leve antes de tudo isso acontecer.

Mas estava eu a dizer, que sinto um certo pudor em falar aos meus filhos do Miró conquistador. Quando me perguntam de que morreu o Miró eu limito-me a responder: *De velhice*, o que é parcialmente verdade. Fora ele mais novo e por certo teria ganho, como sempre ganhara até aí, a disputa que o levou à morte.

Este pudor, que não sei explicar, relativamente à causa remota, mas motora, da morte de Miró, manifesta-se também relativamente ao tio Francisco.

E aquele senhor quem era, mãe?

Era o meu tio avô Francisco, irmão do meu avô Alfredo, que era o pai do avô Jerónimo.

E porque tens a fotografia dele na parede?

Porque dizem que eu sou muito parecida com ele, o que significa que vocês também o são, dado que são muito parecidos comigo.

Conta-nos coisas desse tio.

Aí eu falo do tenente mais novo do exército português, naquela época, de como usava tão bem o arco para extrair sons

belíssimos do seu violino, do seu porte apumado, dos seus olhos verdes.

Tu não o conhecestes mãe?

Não, quando ele morreu eu ainda não tinha nascido. Nasci muitos anos depois.

Também morreu de velhice?

Não, morreu novo.

Então porque morreu mãe?

Porque parecia escolher sempre os caminhos de maior perigo.

Foi atropelado, mãe?

Nem só os automóveis constituem perigo; a vida coloca muitos perigos no nosso caminho.

Leões, feras. É isso mãe?

Sim, isso e muitas outras coisas mais.

E como é que nós sabemos que essas "coisas" são "perigo"?

Acima de tudo estando atentos.

Atentos a quê?

São como todas as crianças os meus filhos Luis Francisco e Francisco Luís. Não param de fazer perguntas. Para além disso, transportam os genes da família. O Luís Francisco é muito fantasioso e o Francisco Luís já vive rodeado de meninas, a quem chama namoradas. Ou será o contrário? Ou será ainda que ambos são fantasiosos e vivem acompanhados de meninas? É que eles são tão parecidos que por vezes tenho dificuldade em distingui-los. A sua fantasia manifesta-se de diversas formas. Tal como acontecia quando eu era pequena, também agora personagens de várias histórias se misturam entre si dando novas histórias que ninguém mais conhece. A única diferença é que agora as personagens não são retiradas da Gata Borralheira, da Bela Adormecida, do Gato

das Botas, mas sim da Heidi, da Abelha Maia, dos Marretas, do ET. A estas personagens juntam-se outras, familiares ou não. Entre as personagens familiares que povoam essas histórias, contam-se o tio Francisco e o Miró.

Mas os seus comentários sobre o sexo feminino, por vezes eivados de algum machismo, causam-me alguma apreensão. O Luís comenta:

São apenas umas crianças. Estás mas é a ficar como a tia Leopoldina.

E não deixa de ter alguma razão. Quando alguém refere a semelhança dos meus filhos com o tio Francisco, não o digo, é certo, mas lembro-me sempre das palavras da tia Leopoldina: *Deus lhes dê melhor tino.*

Quando me sinto mais apreensiva olho para os retratos. É bom olhar para o tio Francisco e ver que continua a sorrir-me cada vez que olho para o seu retrato. Também já por mais que uma vez me pareceu ver o Miró acenar-me com uma patita. Acho que os meus filhos vão ter sempre quem olhe por eles. Aliás, desde que o Miró morreu que todos os anos pela primavera nascem, no local da sua campa, umas flores azuis muito bonitas, que eu nunca vi em lado algum. Também por essa altura aparece um passarinho muito bonito, sempre o mesmo, lá pelo quintal. Luís que é um razoável ornitólogo não conhece aquele pássaro. Canta divinamente. Será que alguma destas formas de vida é a nova encarnação do tio Francisco? Será que se pode reencarnar em flor? Será que a missão bem sucedida junto da sobrinha neta redimiu o tio Francisco e desta vez ele encarnou numa forma superior? Será que este passarinho, tão bonito, cantando tão bem, ou esta flor que eu nunca vi, não representarão essa mesma forma superior? Será que

vão aparecer no meu quintal ainda durante muitos anos? Não encontro resposta para nenhuma destas perguntas, embora pense que qualquer forma de vida possa ser a nova reencarnação do tio Francisco. Pressentir a sua presença tranquiliza-me.

18

Quando os meus filhos nasceram, confirmando as previsões que eu expusera ao Luís, aproveitei a surpresa causada para lhe falar da minha relação com o tio Francisco, desde o primeiro sorriso lá do alto do retrato, ainda na casa dos meus pais. Falei-lhe de como, reencarnado em Miró, me defendera dos vários namorados até ele chegar. Falei-lhe ainda das conversas que tivéramos durante as vezes que sonhara com ele e da última em que me anunciou a minha gravidez, quando eu limpava o pó ao seu retrato.

Eu não sei se o Luís acreditou em tudo mas pelo menos alguma dúvida deve persistir. E é bom que assim seja....

Epílogo

Passaram-se já muitos anos, tantos, que hoje já tenho alguma dificuldade em distinguir entre o que aconteceu realmente e o que foi fruto da minha imaginação. O certo é que os meus filhos cresceram. Hoje já os distingo perfeitamente. No essencial, são como muitos jovens da sua idade. Partilham das mesmas

preocupações- quanto aos problemas ambientais, à SIDA, à guerra, à fome, e a muitos outros problemas- tal como partilham dos mesmos interesses: a música, os desportos, muito em particular os radicais, as viagens, a Net, os amigos, as amigas. Acho que as minhas apreensões não tinham fundamento, tal como não o tinham tido as da tia Leopoldina a meu respeito.

Entre as amigas dos meus filhos conta-se uma brasileira, Vanda, cujos pais rumaram a Portugal, precisamente no sentido inverso ao que muitos portugueses, entre eles um avô do meu bisavô Augusto, ou seja um tetravô meu, seguiram, até quase aos nossos dias, mas com objetivos idênticos- a busca de uma vida melhor.

Há muitos anos, lá por volta de mil oitocentos e cinquenta, o meu tetravô emigrou para o Brasil em busca de fortuna. Embrenhou-se sertão dentro atrás do sonho do ouro. Nos primeiros tempos mandou notícias, depois ninguém mais ouviu falar dele.

Quando vejo aquelas imagens terrivelmente chocantes do garimpo na Serra Pelada, com aquele formigueiro humano de garimpeiros, num esforço inumano, serpenteando pelas escarpas da mina, que tantas vezes, ao desmoronar-se, os engole para sempre, vêm-me sempre à mente duas ideias- o Inferno, que considero ali representado, e a alma do meu tetravô planando sobre a mina.

Como para muita gente, o Brasil exerce em mim um enorme fascínio, apesar de nunca lá ter estado. É o Rio de Janeiro, é Salvador, é Manaus, é toda a costa, é a floresta Amazónica, é o Pantanal, é o samba, é a bossa-nova, é o forró, é o candomblé, são os pais e mães de Santo, são os jogos de capoeira, é o clima,

é a fauna, é a flora. A toda esta fascinação eu associo sempre a alma do meu tetravô planando sobre uma mina de ouro. A tal ponto o meu tetravô me fascina que me considero com raízes no Brasil. Por isso, um dia em Vanda apareceu cá em casa, não resisti à tentação de lhes fazer uma série de perguntas.

Tu és concretamente de onde?

Eu nasci em S. Paulo, mas cê sabe, no Brasil todo o mundo é resultado de muita mistura. Meu pai, por exemplo, é carioca, filho de mãe índia e pai alemão. Minha mãe é paulista, e minha avó, também paulista, é filha de mãe paraibana e de pai português.

Aí a minha imaginação começou a trabalhar.

O teu bisavô era português? De onde?

Não sei lhe dizer. É uma história triste. Minha bisavó era filha de fazendeiro e casou também com fazendeiro. Um dia ela se apaixonou por um português. Quando o marido soube, expulsou ela de casa. Aí ela foi viver com uns parentes que tinha em S. Paulo. Foi lá que minha avó nasceu mas meu bisavô nunca deve ter sabido da sua existência.

Mas, afinal, o que aconteceu ao teu bisavô ?

Dizem que o marido de minha bisavó mandou matar ele, mas ao certo ninguém sabe. Minha bisavó morreu de desgosto, faz muito tempo, minha avó era ainda muito pequena. Por isso minha avó só sabe, de ouvir dizer, que meu bisavô era um homem muito bonito. Nem tão pouco o nome dele ela sabe.

Eu voava já nas asas da minha imaginação. Por isso disparei a pergunta:

D. Dondinha- Este nome não te diz nada?

Não. Deveria dizer?

Apercebi-me então de que tinha ido longe de mais. Tratei de refazer a pergunta.

Como se chamava a tua bisavó?

Minha bisavó se chamava Ângela Maria mas parece que todo o mundo chamava ela de D. Angelita.

Foi como se me tivessem atirado com um balde de água fria. A mim, que já me imaginava na presença da bisneta do tio Francisco...

Regressei á realidade. Do tio Francisco resta-me apenas a fotografia na parede, na minha galeria de retratos que infelizmente foi crescendo à medida que os meus filhos foram crescendo também. Para além do Miró e do tio Francisco, estão lá a tia Leopoldina e os meus pais. Com muita saudade, recordo-os a todos com os seus defeitos e as suas virtudes. Comecei por lhe chamar Galeria dos Ausentes, mas de imediato mudei a designação. Porquê ausentes se eu sinto que a minha família é protegida pela sua presença, sorrindo e acenando lá do alto e vagueando pela casa? Passei então a chamar-lhe Galeria dos Presentes mas, porque da sua presença emana essencialmente muito afeto, mudei mais uma vez de nome e hoje chamo-lhe Galeria dos Afetos.

Eu tenho fé nos afetos. Onde há afeto há respeito. E o respeito por todos os seres, vivos ou inanimados, conduz necessariamente ao respeito pelo Planeta e por extensão, ao respeito pelo Universo. Por isso, também acredito que se conseguirmos transformar o mundo num mundo de afetos, as profecias de Nostradamus tão cedo não se concretizarão.

Sinopse biográfica

Licenciada em Físico-Químicas, Mestre em Supervisão, Professora do Ensino Secundário aposentada, Regina Gouveia colaborou vários anos com o Ensino Superior.

Em 2005 foi agraciada com a comenda da Ordem da Instrução Pública e premiada com o prémio Rómulo de Carvalho.

É autora do livro de didática "Se eu não fosse professora de Física. Algumas reflexões sobre prática letivas" e do livro de ficção "Estórias com sabor a Nordeste".

No que respeita à poesia é autora de "Reflexões e Interferências", "Magnetismo Terrestre", "Entre Margens" e de quatro livros para o público infantojuvenil, "Era uma vez...Ciência e poesia no reino da fantasia", "Ciência para meninos em poemas pequeninos", incluídos no PNL, "Pelo sistema solar vamos todos viajar" e "Breve História da Química" recomendados pelo Centro de Ciência Júnior, o último patrocinado pela Sociedade Portuguesa de Química. Tem vários trabalhos classificados em concursos quer no âmbito da poesia quer no da ficção.

Nota introdutória	4
O vestido da comunhão	5
Os mudos	11
Marianita.....	14
O enigma das lianas.....	17
A mobília.....	31
Asas de anjo.....	32
O retrato.....	36
Uma estranha paixão.....	43
O Vitral.....	49
O Uri.....	60
A comenda.....	68
Vou-me embora para Pasárgada.....	75
Maria da Luz.....	91
Afrodite	140
Miró.....	177